



Autor _ AKUTAGAWA

Título _ RASHÔMON
E OUTROS CONTOS

Copyright _ Hedra 2008

Tradução® _ Madalena Hashimoto Cordaro e
Junko Ota

Primeira edição _ Rashômon e outras histórias
(Paulicéia, 1992)

Corpo editorial _ Alexandre B. de Souza,
André Fernandes, Bruno Costa,
Caio Gagliardi, Fábio Mantegari,
Iuri Pereira, Jorge Sallum,
Nelson Fonseca Neto, Oliver Tolle,
Ricardo Martins Valle, Ricardo
Musse

Dados _

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Akutagawa, Ryûnosuke (1892–1927).

Rashômon e outros contos. / Ryûnosuke
Akutagawa. Trad. do japonês de Madalena
Hashimoto Cordaro e Junko Ota. São Paulo:
Hedra, 2008. 204 p.

ISBN 978-85-7715-094-6

1. Literatura Japonesa. I. Título. II. Akutagawa,
Ryûnosuke. III. Hashimoto, M. IV. Ota, Junko.

CDU 895.63

CDD 895.63

Elaborado por Wanda Lucia Schmidt CRB-8-1922

Direitos reservados em língua
portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.

Endereço _

R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil

Telefone/Fax _ +55 11 3097 8304

E-mail _ editora@hedra.com.br

Site _ www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

—
—
Ryûnosuke Akutagawa (Tóquio, 1892–*id.* 1927) é o grande expoente do moderno conto japonês. Nasceu no bairro Kyôbashi, na “cidade baixa”, filho de um pai extremamente rígido e de uma mãe louca, sob a égide de “filho do Dragão”. Adotado pelos tios maternos, mais cultos, deixou de utilizar o sobrenome do pai, Niihara. Ainda criança, entrou em contato com traduções de Ibsen e Anatole France. Na primeira juventude, traduziu Yeats, e especializou-se em Literatura Inglesa na Universidade Imperial de Tóquio, período em que se tornou discípulo do escritor japonês Sôseki Natsume (1867–1916) e passou a escrever os primeiros de seus cento e cinquenta textos curtos em prosa. Aos 26 anos, casou-se com Fumiko Tsukamoto, com quem teve três filhos. Na década de 1920, sua obra passa a revelar fortes traços autobiográficos: a loucura, o suicídio, a ética cristã, os antigos costumes japoneses e a modernização do período Meiji (1868–1912), num profundo conflito em busca de uma solução moral definitiva. Suicidou-se aos 35 anos com uma dose de Veronal.

—
—
Rashômon e outros contos reúne dez contos de diversos períodos da breve existência do autor: *Rashômon* (1915) e *Dentro do bosque* (1922) retratam a cultura de Heian (atual Quioto). Em *Memorando “Ryôsai Ogata”* (1917), *Ogin* (1923) e *O mártir* (1918), a temática cristã é o fio condutor. *Devoção à literatura popular* (1917) e *Terra morta* (1918) têm como pano de fundo a cultura de Edo (atual Tóquio). A abertura do Japão para o Ocidente no período Meiji compõe o enredo de *O baile* (1912). Por fim, dois contos de caráter autobiográfico, do final da vida de Akutagawa: *Passagens do caderno de notas de Yasukichi* (1923) e *A vida de um idiota* (1927). Esta nova edição, com texto revisto pelas tradutoras, conta ainda com nova introdução e acréscimo de notas.

—
—

Madalena (Natsuko) Hashimoto Cordaro é docente de Literatura Japonesa na FFLCH-USP desde 1990 e tem formação em Artes Plásticas (ECA-USP e Washington University), Letras (Português-Espanhol-Japonês) e Filosofia (doutorado em Estética). Dedicar-se à pesquisa de arte e literatura japonesas do período Edo (1603–1867), à tradução de autores japoneses e à produção de obras visuais.

Junko Ota é docente e pesquisadora de língua japonesa na FFLCH-USP desde 1988. Bacharel em Letras (Japonês e Português) e doutora em Linguística pela USP, é também mestre em Letras-Japonês pela Osaka University (Japão). Tem atuado no ensino e pesquisa de língua japonesa, além de dedicar parte de seu tempo a traduções do japonês para o português.

SUMÁRIO

Introdução, por Madalena Hashimoto Cordaro . .	9
RASHÔMON E OUTROS CONTOS	23
Rashômon	25
Dentro do bosque	35
Memorando “Ryôsai Ogata”	51
Ogin	59
O mártir	69
Terra morta	87
Devoção à literatura popular	103
O baile	143
Passagens do caderno de notas de Yasukichi	153
A vida de um idiota	171

INTRODUÇÃO

9

RYÛNOSUKE AKUTAGAWA: APRESENTAÇÃO DE UMA ESTÉTICA CONTIDA DE ESCRITOR

Tendências do Novo Pensamento, ou *Shinshichô*, é uma revista literária e artística cujo primeiro número foi publicado em 1907, quadragésimo ano depois de promulgada a Restauração Meiji, com a retomada do poder centralizado na figura do imperador e o início da industrialização a largos passos, com a consequente modernização do Japão, totalmente aberto a ideias e tecnologias ocidentais presentes e passadas — como discerni-las à primeira vista? — da Europa e dos Estados Unidos. Quarenta anos marcam grandes transformações não só em termos sociais, mas também literários, especialmente no tocante a novas formas e conteúdos, e o grupo que se forma em torno dessa revista bem os revela. O segundo número, de 1910, conta principalmente com a colaboração de Jun'ichirô Tanizaki (1886–1965). Os terceiro e quarto números aparecem somente nos anos 3 e 4 do período Taishô, em 1914 e 1916, mas tornaram-se célebres, pois entre os colaboradores encontravam-se Yûzô Yamamoto (1887–1974), Masao Kume (1891–1952), Ryûnosuke Akutagawa (1892–1927) e Kan Kikuchi (1888–1948); a revista literária contou também com a participação de Yasunari Kawabata na sexta edição, de 1918, tendo desaparecido em seu décimo quinto número.

INTRODUÇÃO

10 | Nomeado Ryûnosuke por ter nascido em 1892, na hora, dia, mês e ano do Dragão (*tatsu* ou *ryû*), Akutagawa cresceu na “cidade baixa”, no bairro de Kyôbashi, em Tóquio, como filho mais velho (tinha já duas irmãs), mas, quando tinha nove meses, sua mãe Fuku enlouqueceu, e seu pai, Tokizô Niihira, enviou-o para viver e ser educado na casa do tio paterno, em Odawara-chô (atual Kuroda-ku Ryôgoku), dele adotando o sobrenome, juntamente com uma tia solteirona, Fuki. O pai (tio) adotivo é praticante de pintura *nanga* (pintura preto-e-branco, com tinta *sumi*, à moda do sul da China), poesia *haikai*, jardinagem *bonsai*; a mãe adotiva, Tomo, é sobrinha de um grande conhecedor dos caminhos dos prazeres hedonistas de fins do período Edo e cultivado nos caminhos das artes. A loucura de sua mãe natural, entretanto, marca o imaginário do escritor — na época acreditava-se poder ser hereditária a loucura —, embora críticos hoje relevem o estado da mãe em prol de um caráter delicado e nervoso face a um marido violento e à morte da filha mais velha e, ainda, ao forçado abandono do bebê — fossem outros os tempos, talvez recebesse um eficiente tratamento para depressão pós-parto. Outro motivo para ter sido enviado para longe de seus pais naturais é que Ryûnosuke nascera quando o pai tinha 43 anos de idade e a mãe, 33, idade considerada de “grande perigo” para se ter filhos, segundo o credo ainda hoje vigente no Japão, e que resultava no sistema de adoção chamado *suteji* ou *sutego*, “criança abandonada”. Crescido em meio a uma família tradicional de antigos e então empobrecidos oficiais menores do sistema de xogunato, os tios retinham ainda muita preocupação com as aparências de uma qui-

MADALENA HASHIMOTO CORDARO

mera de posição social em um mundo convulsionado por mudanças. Akutagawa começou a escrever obras literárias aos dez anos de idade e na adolescência já lia poesia chinesa, ficção japonesa moderna, traduções de Henrik Ibsen e Anatole France. Aos 12 anos de idade, em 1904, irrompeu a Guerra Russo-Japonesa.

| 11

Aluno de destaque, ingressou rapidamente no Terceiro Ginásio de Tóquio e alguns de seus colegas de classe nos anos de 1910 tornaram-se também escritores: Kan Kikuchi, Masao Kume, Yûzô Yamamoto e Bunmei Tsuchiya. Graduando-se no curso secundário em segundo lugar, depois de ter devorado autores como Baudelaire, Gogol e Strindberg, aliados aos autores nacionais de teatro *jôruri*, romances e poemas *haiku*, além de começar a se interessar pelo cristianismo, Akutagawa foi admitido na Universidade Imperial de Tóquio, onde se especializou em literatura inglesa.

Foi ali que, na revista *Shinshichô*, publicou traduções de Anatole France (1844–1924) e William Butler Yeats (1865–1923). Mas foi em 1915, durante seu último ano na universidade, que publicou *Rashômon*, na revista *Teikoku Bungaku* (Literatura Imperial), obra que na época não foi particularmente destacada. Neste mesmo ano, Akutagawa começou a frequentar os *Mokuyôkai* (Encontros das Quintas-Feiras) promovidos pelo veterano Sôseki Natsume (1867–1916) em sua casa, por intermédio de um amigo da universidade, passando a se considerar discípulo do grande escritor, mentor intelectual que o estimulou, particularmente a partir da publicação do conto *Hana* (O nariz, 1916). Iniciou-se nesse mesmo ano como professor de inglês, 12 horas semanais, no Colégio de Engenharia Naval de Yokosuka, morando

INTRODUÇÃO

12 | sobre uma lavanderia na cidade de Kamakura, província de Kanagawa. Casou-se em 1918, com Fumiko Tsukamoto, tendo rompido com Yayoi Yoshida dois anos antes, obedecendo à oposição de sua família, e começou a trabalhar simultaneamente no jornal *Ôsaka Mainichi Shinbun*, com o qual firmaria contrato de exclusividade a partir do ano seguinte, iniciando uma nova vida na cidade de Kamakura, com a esposa, a tia Fumi e até, luxo inaudito para sua posição, uma empregada. Foi através do jornal que conheceu os únicos países estrangeiros em que esteve, China e Coreia, em 1921, como enviado especial — diferentemente do mestre Sôseki, que vivera dois anos na Inglaterra como enviado do governo, o contato de Akutagawa com a reverenciada Europa ocorre através da leitura e de livros estampados. Um ano depois, sua saúde e seus nervos começam a se deteriorar, e o fantasma da loucura de sua mãe, a persegui-lo.

Akutagawa escreveu certo número de poemas *haiku* e poesia moderna (com métrica ocidental, rima ocasional, tema político, formatos fixos), enquanto se dedicava a escritos curtos em prosa, sua grande contribuição à literatura japonesa, até que sofreu outro colapso nervoso em 1926, sendo que, um ano depois, teve ainda de assumir dívidas herdadas pela morte de seu cunhado, julgado culpado em processo de perjúrio por ter incendiado sua casa a fim de receber certo valor assegurado. O peso de tal responsabilidade, o fantasma da loucura e, dizem, a tensão de um debate literário com Jun'ichirô Tanizaki, podem tê-lo levado ao suicídio aos 35 anos, em 24 de julho de 1927. Assim como o suicídio ritual do general Nogi pela morte do imperador em 1912 tem sido

MADALENA HASHIMOTO CORDARO

13

considerado o fim da tradicionalista e modernizadora era Meiji e o início do moderno e repressor período Taishô, o suicídio de Akutagawa tem sido tomado como símbolo de seu fim.

O suicídio do general Nogi dividiu os intelectuais: os mais idosos, de formação tradicional como Ôgai Mori (1862–1922) ou Sôseki Natsume (1867–1916), embora longe de assumirem os valores do xogunato e do confucionismo do passado, encontravam-se distantes dos mais jovens. Romancistas característicos do período Meiji, suas problemáticas ainda se embatiam com padrões recém-importados principalmente de teor naturalista e correntes filosóficas das mais variadas, notáveis nos conflitos de suas personagens, muitas delas tipicamente hedonistas ou confucionistas do período Edo. Sôseki, por exemplo, em seu último romance intitulado *Kokoro* (Coração, 1916), cria uma passagem em que, inspirando-se no general Nogi, faz do suicídio do protagonista, um ato paralelo de *junshi*, ou seja, de “morte acompanhando o senhor” (no caso do general, em louvor do imperador Meiji).

Também contemporâneos de Akutagawa, já os escritores do grupo Shirakaba descendiam dos que haviam se inserido sem grandes problemas em uma nova burocracia e no capitalismo. A este grupo predominantemente humanista se integram escritores como Saneatsu Mushanokôji (1885–1976), Naoya Shiga (1883–1971) ou Takeo Arishima (1878–1923). Houve também posições políticas revolucionárias, de teor anarquista ou marxista, em escritores como Sakae Ôsugi (1885–1923), Karoku Miyaji (1884–1958) ou Sukeo Miyajima (1886–1951). A influência das vanguardas europeias, especialmente do

INTRODUÇÃO

14 | dadaísmo e do surrealismo, também se fez sentir em vários escritores — especialmente em Yasunari Kawabata, cuja lírica se imiscui de imagens quiméricas —, embora muitos deles terminassem em algum tipo de militância política que acabaria por ser reprimida pela nação.

Akutagawa é considerado parte do grupo de intelectuais e estetas contrários ao naturalismo (que engendrou grande número de obras no Japão), ao humanismo de cunho social de Shirakaba (seus membros em geral provinham de elite econômica) e à literatura proletária (que se manteve bem restrita quanto à forma). Jun'ichirô Tanizaki (1886–1965), Haruo Satô (1892–1964) e Mantarô Kubota (1889–1963) foram companheiros literários mais próximos, conquanto dissonantes em questões estéticas. O rótulo mais frequentemente atribuído a Akutagawa é o de ter sido um “intelectual esteta” e, acrescentemos, tocado por um vago e transoceânico “demônio do fim-de-século” (xix), tipicamente europeu, que provocou não poucos suicídios também entre seus escritores.

A OBRA

Vista retrospectivamente, a obra de Ryûnosuke Akutagawa pode ser dividida, *grosso modo*, em narrativas intimamente relacionadas à sua própria vivência, ainda que sublimadas e estetizadas, e narrativas inspiradas na história literária e em personagens históricos e seus embates éticos e estéticos.

A feiura do egoísmo humano e o valor da arte enquanto redentora da miséria da vida cotidiana são considerados temas recorrentes em seus escritos, encontrando-se disseminados em uma série de

MADALENA HASHIMOTO CORDARO

obras de gêneros distintos. Incluem-se neste segundo grupo, de narrativas históricas: *ôchômono* (“coisas da nobreza”), escritos centrados não apenas no universo da elite nobre como também no do povo comum do período Heian (794–1192); *kirishitanmono* (“coisas cristãs”) são narrativas que discutem dramas vividos pelos convertidos ao catolicismo pela Companhia de Jesus no Japão, especialmente em Nagasaki; *Edomono* (“coisas de Edo”) inclui narrativas que têm como pano de fundo a cultura do período Edo (1603–1868); e *kaikamono* (“coisas do iluminismo”), os que apresentam personagens do início do período Meiji em interação com as recém-importadas culturas e seus representantes — nem se faz necessário dizer que o admirado mestre Sôseki Natsume trabalhou à exaustão as mesmas questões deste último grupo em romances de longa extensão e profunda discussão filosófica.

As obras que se centram na cultura da corte da Capital Heian (atual Quioto) foram em grande número e em vários tons de humor e crítica, entre as quais se encontra o conto *Jigokuhen* (Biombo dos infernos, 1918), ausente nesta coletânea, que trata de um talentoso pintor oficial que coloca a arte acima de sua própria filha na representação dos infernos budistas. Também neste grupo estão *Rashômon* (1915) e *Yabuno naka* (Dentro do bosque, 1922), que foram baseados em *Konjaku monogatari-shû* (Coletânea de narrativas de ontem e de hoje, século XII), e são, sem dúvida, seus contos mais conhecidos, devido em muito ao prêmio recebido por Akira Kurosawa, pelo filme *Rashômon* no Festival Internacional de Cinema de Veneza de 1951. Embora nomeie o filme, o primeiro conto é pouco utilizado no filme, servindo,

INTRODUÇÃO

16 | entretanto, como poderoso espaço simbólico da ação, sendo que a discussão fundamental encontra-se nos vários depoimentos em primeira pessoa de envolvidos num crime ocorrido “dentro do bosque”. Alguns críticos associam a obra como metonímia de julgamentos de crimes de guerra ocorridos após a Primeira Guerra Mundial, no qual os depoimentos dos acusados todos, analisados individualmente, parecem indicar sempre sua própria inocência. Ora, um dos recursos máximos da tradição literária japonesa é *honkadori* (“tirar de um poema original”), alusão ou reinterpretação de trechos, versos, trama de autor respeitado. Akutagawa, quando retira de uma coletânea compilada oito séculos antes pequenas cenas ou relatos sucintos, estes são deliberadamente transformados em obra sua, sendo utilizadas como motor para sua discussão contemporânea acerca da ética; e Kurosawa, ao retomar e adaptar dois contos seus, também se apropria das reflexões desenvolvidas, mas, criando novos personagens, reitera sua confiança final no ser humano, sentido ausente nos originais.

Encontram-se representadas nesta coletânea três narrativas do grupo de temas cristãos: *Ogata Ryôsai obogaki* (Memorando “Ryôsai Ogata”, 1917), *Ogin* (Ogin, 1923) e *Hokyôninno shi* (O mártir, 1918). Em 1534, Ignácio de Loyola e mais sete missionários formam a Companhia de Jesus, que correu o mundo em prol da catequização cristã, tendo atingido as terras da ilha de Kyûshû, onde se passam os três contos de Akutagawa. Aos leitores do Brasil e de Portugal, é de especial interesse este contato cultural, que deixou marcas, ainda que poucas, até na língua japonesa: *kirishitan* para “cristão”, *bateren* para “padre”, *kurusu* para “cruz”, *harureya* para

MADALENA HASHIMOTO CORDARO

“aleluia”, *iruman* para “irmão”, *inheruno* para “inferno”, *bapuchizumo* para “batismo” e muitas outras de cunho mais geral (*kasutera* para “bolo pão de ló”, *tenpura* para “tempero, ou seja, fritura”, *zubon* para “pantalonas do tipo gibão”). Entretanto, para além dos empréstimos linguísticos, são dignos de nota os embates filosóficos e a tensão entre o sistema de valores corrente, de fundo essencialmente confucionista e medieval, contra uma nova religião centrada no estrangeiro, na distante Roma. Pior que isso: em vez de um imperador e um xógum na terra próxima, um papa longínquo e um Deus único no interior de seus próprios corações. Proibido em todo o território japonês em 1587, o catolicismo permanecerá uma corrente subterrânea até 1889, quando será permitido pelos novos dirigentes políticos e se tornará motivo de grande reflexão filosófica por parte também de muitos escritores.

Dois dos contos aqui traduzidos pertencem ao grupo das “coisas de Edo” (atual Tóquio): *Gesaku zannmai* (Devoção à literatura popular, 1917), que trata de um tema muito caro a Akutagawa: a escrita enquanto arte e conhecimento em conflito com sua veiculação enquanto entretenimento para cidadãos da Cidade Baixa de Edo, ávidos de participarem de uma cultura “alta”, representada pelo escritor mais prolífico do momento, Bakin Takizawa (1767–1848), de vertente notadamente chinesa e confucionista; e *Karenoshô* (Terra morta, 1918), que focaliza o momento da morte do amado poeta Bashô Matsuo (1644–94), cercado por seus discípulos, qual cena de morte de Buda, de vertente notadamente japonesa e budista. Em ambos os contos, Akutagawa mostra grandezas e mesquinharias que subjazem às apreciações

INTRODUÇÃO

18 | estéticas de mestres e discípulos, e também de leitores, tanto no caso de prosa de modelos importados quanto de poesia autóctone.

O período Meiji (1868–1912) aparece como tema no grupo que trata das ideias da grande abertura ao Ocidente, quando se acreditava que perseguir um “iluminismo” e uma crença em um progresso nacionalista e tecnológico colocaria o Japão entre as grandes potências mundiais: lê-se em *Butôkai* (O baile, 1912) o encontro entre o escritor Pierre Loti, então oficial da Marinha Francesa, e Akiko, “jovem senhorita de uma família eminente”, num baile encenado em Rokumeikan, palácio governamental de estilo arquitetônico minuciosamente ocidental que caracteriza a inserção de robustas paredes de pedra em oposição à clássica leveza da construção nipônica, no qual se dança o *Danúbio Azul* em vestuário de gala à Luís xv.

Como se nota pelas datas de sua composição, os contos não foram escritos segundo uma agenda determinada, cronologicamente, como parece sugerir a ordem em que se encontram nesta coletânea, organizada de modo mais didático. Assim, passando-se pelos períodos históricos japoneses Heian, Kamakura-Muromachi, Edo e Meiji, chegamos às épocas vividas por Akutagawa: Meiji (1868–1912) e Taishô (1912–1926). Atente-se, na leitura, o extremo cuidado tomado pelo autor não somente com anacronismos históricos (sua pesquisa é minuciosa em termos de imagem, vestuário, objetos de cena, cargos, fatos verídicos), mas principalmente, para desespero dos tradutores, com a utilização de um vernáculo adequado a cada gênero e época. São resuscitados detalhes arquitetônicos, cargos e peças de

MADALENA HASHIMOTO CORDARO

vestuários antigos e expressões linguísticas que revelam um pesquisador atento que, embora contrário ao realismo enquanto escola literária, dela absorve certo “senso de realidade”.

De fato, poder-se-ia agora tratar do primeiro grupo de obras, mais um gênero temático de escritos relativos ao seu tempo: *gendaimono* (“coisas contemporâneas”), no qual se inseririam *Yasukichino techôkara* (Passagens do caderno de notas de Yasukichi, 1923) e *Aru ahôno isshô* (A vida de um idiota, publicado em 1927), estando ausente desta coletânea o conto também póstumo e notável *Haguruma* (Engrenagens, 1927), nos quais podemos seguir as crises de forte enxaqueca do protagonista, seu alter-ego. Muitas vezes referidos como relatos autobiográficos, os escritos deste grupo surpreendem não poucos leitores ocidentais em sua porção indissociável de escritor e autor, segundo o gênero controverso do “romance do eu”, que o próprio escritor abominava pela demonstração de exibicionismo de seus exegetas. É, contudo, chocante que o suicídio revelado na obra literária se tenha transformado em verdade, num processo de amálgama de arte e vida raras vezes atingido no Ocidente, com cálculo e determinação, a ponto de alguns afirmarem que *A vida de um idiota* não é obra de ficção e, sim, testamento literário. Sobretudo, o cultivo de uma argúcia abrangente fez com que Akutagawa se debruçasse sobre várias épocas da literatura japonesa, a fim de fazer reviver, para aqueles seus leitores de um Japão “moderno”, a tradição sempre permanente e a ser cultivada, num enorme esforço de abertura de pensamento e emoção para interpretar seu momento presente.

Compreendido, como se disse, por alguns leitores

INTRODUÇÃO

20 | como um “testamento literário”, por outros como “carta suicida”, *A vida de um idiota* escapa de qualquer classificação: dividido em 51 trechos, compõe-se de pequenas joias, instantâneos oblíquos e intensos de sua situação de vida, na qual abundam seus dramas pessoais — a mãe louca, a modesta casa a sustentar, a tia solteirona a controlar o casal, a esposa silenciosa mas amada, os pais adotivos a manter, a amante inconstante, a amante louca, a amante de duplo suicídio irrealizado, o egocêntrico escritor Tanizaki, os filhos desprotegidos — e literários ou artísticos: o companheiro Masao Kume, a excelência literária de Sôseki Natsume, o egocentrismo de Jun'ichirô Tanizaki, o ceticismo de Anatole France, o racionalismo de Voltaire, a loucura colorida de Van Gogh, a pintura geométrica de Cézanne, as confissões de Strindberg e Rousseau, a música de Mozart, a poesia de Goethe, as últimas palavras de Radiguet, permeados em cada linha por desespero sutil e crescente.

Outra forma de classificação dos escritos contemporâneos seria *Yasukichimono*, nome do protagonista, alter-ego do escritor. Obras como *Daidôji Shinsukeno hansei* (A primeira metade da vida de Shinsuke Daidôji, 1925) e *Tenkibo* (Registro do passado, 1926) também compartilham de introspecção pessoal, especialmente de uma sensação de desespero que, entretanto, também se reflete em obras como *Kappa* (O espírito das águas, 1927) e no ensaio *Bungeitekina, amarini bungeitekina* (Literário, por demais literário, 1927).

Teoricamente, poder-se-ia afirmar, portanto, que os escritos de Akutagawa são disseminações de seu conflito profundo entre uma vida de sucesso material e uma tendência profundamente melancólica e sedenta

MADALENA HASHIMOTO CORDARO

21

de uma linguagem moral. Com efeito, mesmo nas narrativas curtas de cunho cômico, sempre se encontra subjacente um conceito moral; mesmo as narrativas para crianças (*dôwa*), grupo ainda pouco avaliado, com suas mensagens positivas contra o egoísmo essencial do ser humano, podem ser enfocadas tendo como referência o período da corte, ou dos samurais, ou de céus fantásticos, com seus santos e ogros.

Kappa (1927), por exemplo, é protagonizado por um ser folclórico. Um louco narra sua experiência no país dos Kappa, caracterizado como uma sociedade de homens, onde há muitos costumes e hábitos curiosos: a justiça e a moral dos homens são piadas para eles. No momento do parto, a vontade do embrião é respeitada por todos; a diversão cotidiana é maltratarem-se pais e filhos, maridos e esposas e irmãos; no amor, é a fêmea quem corre atrás do macho; o capitalismo alcança um alto progresso, a ponto de controlar a política; todos sabem que a política é uma mentira; na religião, nem o ancião do grande templo acredita em Deus. Embora o ser folclórico pudesse ser compreendido como “fantástico”, é-o tanto quanto Pierre Loti e suas mocinhas japonesas vestidas com saias-balão sob requintados *chandeliers*.

Conforme aponta Seiichi Yoshida, historiador da literatura japonesa, responsável por uma preciosa edição anotada da obra de Akutagawa, a principal formação deste inclui não só os clássicos chineses e japoneses mas também os ocidentais, tendo escrito não somente obras literárias no sentido pleno de “ficção”, como também crítica e comentários filosóficos, não necessariamente em compartimentos estanques.

Kan Kikuchi, amigo de longa data, estabeleceu o Prê-

INTRODUÇÃO

22 | mio Akutagawa em 1935 com o intuito de lhe preservar a memória, o que de fato ocorreu, pois até hoje é o mais cobiçado pelos novos escritores, que têm asseguradas suas publicações — efeito do poder do dragão?

NOTA SOBRE A TRADUÇÃO

Todas as notas de rodapé são dos tradutores. Para a transcrição dos termos japoneses, adotou-se o sistema de romanização Hepburn, por ser o mais comumente utilizado no Japão, na Europa e nos Estados Unidos. Eis algumas diferenças em relação à leitura do português:

— **â, ê, î, ô, û** são vogais longas. O acento circunflexo sobre as vogais indica que sua pronúncia é alongada. “Rashômon” lê-se “Ra-xo-o-mo-n”.

— **ya, yo, yu** são encontros vocálicos mais breves que ia, io, iu.

— **ha, he, hi, ho** — o “h” dessas sílabas é sempre aspirado.

— **cha, che, chi, cho, chu** — leem-se, respectivamente, tcha, tche, tchi, tcho, tchu.

— **ge, gi** — leem-se gue, gui. *Ogin* lê-se “Oguin”.

— **ra, re, ri, ro, ru** — trata-se de “r” brando, mesmo em início de vocábulo. O “ra” de “Rashômon” pronuncia-se como o “ra” de “cera”.

— **sa, se, so, su** intervocálicos leem-se ça, ce, ço, çu. *Gesaku* lê-se “guessaku”.

— **n** — trata-se de sílaba e não de nasalização de sons anteriores ou posteriores. “Rashômon” lê-se “Ra-xo-o-mo-n”.

— **consoantes dobradas** correspondem a ligeira suspensão da sílaba. *Kappa* lê-se “ka [suspensão breve] pa”.

RASHÔMON E OUTROS CONTOS



RASHÔMON

| 25

ERA NUM ENTARDECER. Um servo de baixa condição esperava, sob o Rashômon,¹ que a chuva passasse.

Sob o amplo portal, além daquele homem, não havia mais ninguém. Somente um grilo, que permanecia pou-sado na enorme coluna circular com áreas descascadas no laqueado alaranjado. Uma vez que o Rashômon se situava na Avenida Suzaku, era de esperar que houvesse mais duas ou três pessoas, com seus chapéus femininos cônicos ou masculinos alongados, abrigoando-se da chuva. Entretanto, além daquele homem não havia mais ninguém.

Isso porque, nos últimos dois ou três anos, Quioto sofrera seguidas calamidades: terremotos, redemoinhos, incêndios e fome. Por essas razões, era enorme a desolação no centro da Capital. Rezam as antigas crônicas que naquele tempo estátuas de Buda e objetos de culto budista eram destruídos empilhando-se na beira da estrada a madeira ainda laqueada ou folheada a ouro e prata para ser vendida como lenha. Se até o centro da Capital se encontrava naquelas condições, da conservação do Rashômon, então, nem sequer se cogitava. Assim, tirando partido do abandono em que o Portal se encon-

¹*Rashômon*: nome do Portal que, na era Heian (794–1192), se situava na entrada principal da milenar Capital, atual cidade de Quioto, hoje equivalente à região em que se encontra a Estação Central.

RASHÔMON

26 | trava, raposas e texugos começaram a se abrigar ali. E também ladrões. Até que, afinal, passado um tempo, virou hábito abandonar, no Rashômon, cadáveres não reclamados. Por isso, quando a luz do dia não podia mais ser vista, era tamanho o pavor que ninguém mais ousava se aproximar.

Corvos começaram então a se juntar em bandos, vindos sabe-se lá de onde. Durante o dia, inumeráveis, eles descreviam círculos e grasnavam ao redor da alta cumeeira. No crepúsculo, quando o sol se avermelhava sobre o Portal, facilmente podiam ser divisados, como grãos de gergelim dispersos no ar. Vinham, obviamente, alimentar-se da carne dos mortos abandonados na galeria... Se bem que, naquele dia, não se avistasse nenhum deles, talvez devido ao adiantado da hora. Mas podiam-se notar seus excrementos pontilhados de branco sobre os degraus de pedra quase em ruínas, em cujas fendas o capim crescia. Acorado no último dos sete degraus, sob o tecido surrado de sua vestimenta azul-escura, o servo olhava a chuva, distraído, sentindo-se incomodado com a enorme espinha que lhe aparecera na face direita.

Escreveu o autor anteriormente: “Um servo de baixa condição esperava a chuva passar”. Entretanto, mesmo que a chuva passasse, o servo não teria, na verdade, nada a fazer. Normalmente, é claro, deveria retornar à casa de seu senhor. Acontece que fora dispensado havia quatro ou cinco dias. Como também se escreveu antes, a cidade de Quioto, por essa época, se encontrava em acentuado estado de decadência. E o fato de ter sido dispensado pelo senhor, a quem servira durante longos anos, não passava de uma pequena consequência daquela deca-

AKUTAGAWA

dência geral. Seria, portanto, mais adequado dizer “Um servo de baixa condição, preso pela chuva, estava des-norteado, sem saber para onde ir” do que “Um servo de baixa condição esperava a chuva passar”. Além do mais, o tempo chuvoso contribuía sensivelmente para a disposição de espírito daquele homem da era Heian. A chuva que começara a cair depois das quatro horas da tarde parecia não mais parar. Assim, havia algum tempo, o servo escutava, com ar ausente, o barulho da chuva que caía na Avenida Suzaku ruminando pensamentos desconexos, procurando resolver, antes de mais nada, a questão de sua sobrevivência — questão que ele sabia ser insolúvel. | 27

A chuva que envolvia o Portal trazia a massa do som até das gotas mais longínquas. A escuridão aos poucos fazia baixar o céu; quem levantasse os olhos veria o telhado do Rashômon, que se projetava em diagonal, sustentando nuvens pesadas e sombrias.

Quando se tenta resolver uma questão insolúvel, não há tempo para escolher os meios. Se demorasse muito na escolha, o servo certamente terminaria morrendo de fome ao pé de um muro de barro ou à beira de uma estrada. E certamente seria trazido até o Portal e abandonado como um cão. “Se não escolher...” Seu pensamento, depois de muitos rodeios, finalmente empacou nesse ponto. Entretanto, esse “se” continua sendo, afinal de contas, o mesmo “se”. Mesmo admitindo não haver escolha de meios, ele não tinha coragem suficiente para aceitar de forma positiva a resposta inevitável à questão: “A única saída é tornar-me ladrão”.

Depois de um forte espirro, o servo se ergueu preguiçosamente. Em Quioto, onde as tardes são frias, a

RASHÔMON

28 | temperatura já baixara a ponto de fazê-lo ansiar por um braseiro. Na escuridão, o vento soprava implacável por entre as colunas do Portal. Até o grilo pousado na coluna laqueada de alaranjado já havia desaparecido.

Encolhendo-se todo e erguendo a gola da vestimenta azul-escura que envergava sobre a roupa amarela, correu os olhos em volta do Portal. Procurava um lugar onde pudesse passar a noite tranquilamente, longe de olhares estranhos e sob a proteção do vento e da chuva. Então, por sorte, descobriu uma escada larga, também laqueada de alaranjado, que conduzia a uma galeria sobre o Rashômon. Lá em cima, o máximo que ele poderia encontrar seriam cadáveres. O servo, assim, cuidando para que a espada presa à sua cintura não se soltasse da bainha, pousou no primeiro degrau o pé calçado de sandália de palha.

Subiu então, daí a alguns minutos, a meia altura da ampla escada que conduzia à galeria do Rashômon. Um homem, o corpo encolhido como um gato, sustando a respiração, espreitava o que se passava ali em cima. A luz que vinha da galeria tocava levemente sua face direita. Era uma face com uma espinha vermelha e purulenta em meio a uma barba rala. O servo, desde o início, tinha a certeza de que ali no alto só haveria cadáveres. Todavia, depois de subir dois ou três degraus, pareceu-lhe notar uma sombra que se movimentava. Logo isso se confirmou, pois uma claridade turva e amarelada se refletia, oscilante, nos vãos do teto cobertos de teias de aranha. Não podia tratar-se apenas de uma pessoa comum que, numa noite de chuva como aquela, portasse um luzeiro no interior de uma galeria como aquela do Rashômon.

AKUTAGAWA

29

Abafando seus passos como uma lagartixa, o servo finalmente atingiu o último degrau da difícil escada. E então, com o corpo mais retesado possível, alongando o pescoço o mais que podia, ele perscrutou, transfigurado de medo, o interior da galeria.

De fato, conforme ouvira dizer, alguns cadáveres achavam-se jogados, desordenadamente, no seu interior. Mas, sendo o campo de luz mais limitado do que supunha, não conseguia precisar quantos. Ele somente podia distinguir, sob a fraca luminosidade, alguns corpos nus e outros ainda vestidos. Entre eles, parecia haver tanto homens quanto mulheres. E todos aqueles cadáveres jaziam sobre o assoalho, como bonecos de barro, as bocas abertas, os braços estirados, fazendo até duvidar que um dia tivessem sido humanos. Além do mais, à luz das chamas que iluminavam as partes salientes, como ombros e bustos, as outras partes pareciam ainda mais escuras. Os corpos conservavam-se mudos, para sempre calados.

O servo tapou instintivamente o nariz ao perceber o odor pútrido. Mas já no instante seguinte se esquecia de cobri-lo. Uma emoção mais forte anulou por completo seu olfato.

Pois só então seus olhos distinguiram um ser humano, agachado em meio aos cadáveres. Era uma velha de aparência simiesca, os cabelos brancos, magra, baixa, vestida de ocre. Tendo na mão direita uma tocha de pinho, observava, detidamente, o rosto de um dos cadáveres. Pelos cabelos compridos, supunha-se que fosse um cadáver de mulher.

Tomado de sessenta por cento de terror e quarenta de curiosidade, o servo, por alguns instantes, até se

RASHÔMON

30 | esqueceu de respirar. Arrepiou-se e, para empregar a expressão de um antigo cronista, sentiu que “até os pelos do corpo haviam ficado mais espessos”. Nisso, a velha prendeu a tocha de pinho numa fresta do assoalho e, erguendo com as duas mãos o pescoço do cadáver que até então examinava, começou a arrancar um a um os longos fios de cabelo, exatamente como uma macaca catando piolhos do filhote. Os cabelos pareciam soltar-se facilmente ao movimento de suas mãos.

À medida em que os fios iam sendo arrancados, o terror que assaltara o servo foi desaparecendo aos poucos. E, ao mesmo tempo, foi crescendo, pouco a pouco, um forte ódio contra aquela velha. Não, não seria exato dizer “contra a velha”. Na verdade, o que a cada minuto se tornava mais forte era uma repulsa contra todos os males. Se naquele instante alguém lhe propusesse, outra vez, o dilema que antes o atormentara — morrer de fome ou tornar-se ladrão —, não hesitaria mais em escolher a morte pela fome. Pois seu ódio ao mal começava a se inflamar mais e mais, como a tocha fincada pela velha no assoalho.

O servo não compreendia por que a velha arrancava os cabelos dos cadáveres. Por conseguinte, não tinha condições de julgar segundo a razão a moralidade daquele ato. Entretanto, para ele, o simples fato de arrancar cabelos de cadáveres, numa noite de chuva como aquela, num lugar como aquele, já constituía um mal imperdoável. Obviamente, o servo já nem recordava que, havia poucos minutos, tencionava tornar-se ladrão.

Nesse instante, num movimento brusco, o servo pulou para dentro da galeria. E, com a mão na espada,

AKUTAGAWA

aproximou-se da velha a passos largos. O autor nem precisa dizer o susto que ela levou. | 31

Ao ver o servo, ela pulou, como uma pedra lançada por uma catapulta.

— Ei! Aonde vai? — vociferou o servo, barrando o caminho da velha, que procurava fugir, afobada, tropeçando entre os cadáveres.

Mas, mesmo barrada, ela o empurrou, tentando escapar. Ele, por sua vez, para impedi-la de fugir, também a empurrou. Por um momento os dois se engalfinharam, mudos, em meio aos cadáveres. Mas o resultado era previsível. O servo, torcendo-lhe o braço, terminou por derrubá-la. Quais pés de galinha, seus braços eram somente pele e osso.

— O que estava fazendo? Diga! Senão...

O servo atirou-a ao chão e, desembainhando a espada, apontou a lâmina de aço branca bem no meio de seus olhos. Entretanto, a velha se conservava calada. Com as mãos trêmulas, a respiração ofegante e os olhos esbugalhados — a ponto de lhe saltarem os globos oculares para fora das órbitas —, obstinava-se em permanecer calada. Vendo-a assim, só então o servo percebeu claramente que aquela vida se encontrava totalmente em suas mãos, e tal consciência acabou por arrefecer o ódio que até então lhe inflamava o peito. Sentiu a satisfação e a confiança de quem executa um trabalho bem-sucedido. Assim, olhando a velha de cima, abrandou a voz.

— Não me tome por agente da polícia. Sou apenas um viajante que, por acaso, passava por esse Portal. Por isso, não vou prendê-la nem incomodá-la. Basta que me conte o que estava fazendo na galeria numa hora dessas.

RASHÔMON

32 | Nisso, a velha arregalou ainda mais os olhos e fixou-os no servo. Encarava-o com um olhar penetrante, as pálpebras vermelhas como as de aves de rapina. E a seguir, como se estivesse mastigando, moveu uns lábios que quase se confundiam com o nariz devido ao número de rugas. Em seu pescoço descarnado notava-se um pontiagudo pomo-de-adão que se agitava. Foi naquele instante que uma voz grasnada, como a de um corvo, se fez ouvir num arquejo:

— Estou arrancando estes cabelos, sabe?... Estes cabelos... pensando em fazer perucas...

O servo ficou desapontado com a resposta, inesperadamente banal. E, com o desapontamento, sentiu retornar ao seu íntimo o ódio anterior, mas dessa vez acrescido de frio desprezo. A mudança de ânimo foi notada pela velha, que, ainda segurando os cabelos compridos que arrancara do cadáver, gaguejou, como se coxasse baixinho:

— Pois é... Arrancar cabelos dos cadáveres pode ser errado. Mas todos os mortos que estão aqui, sem exceção, bem o merecem. Essa mulher, por exemplo, de quem arranquei os cabelos, costumava vender cobra seca por peixe seco nas guaritas dos vigias do Palácio. Ela cortava as cobras em pedaços de meio palmo e as secava. Se não tivesse morrido na epidemia, certamente ainda estaria fazendo a mesma coisa. E note que os guardas achavam os peixes muitos saborosos e sempre compravam dela. Para mim, o que ela fazia não era ruim. Não tinha outro jeito, senão morreria de fome. Não acho tampouco que eu esteja agindo errado. Eu também morreria de fome, não tenho escolha. Por conseguinte,

AKUTAGAWA

essa mulher, que sabia muito bem disso, sem dúvida há de me perdoar. | 33

Foi aproximadamente isso o que a velha disse. O servo ouviu com indiferença a história da velha, conservando a mão esquerda no punho da espada já embainhada. Enquanto ouvia, sua mão direita apalpava a grande espinha vermelha e purulenta que o incomodava. E, aos poucos, lhe brotava certa coragem que, antes, quando estava debaixo do Portal, lhe fizera falta. Era uma coragem que crescia numa direção oposta àquela do momento em que agarrara a velha, ao subir à galeria. O servo não hesitava mais entre morrer de fome ou tornar-se ladrão. Nesse momento, morrer de fome nem passava por sua cabeça; era uma alternativa que lhe fugira por completo à consciência.

— É isso mesmo! — disse o servo em tom de escárnio ao ouvir o fim do relato da velha. Adiantando-se um passo, subitamente afastou a mão direita da espinha, agarrou a mulher pela gola e vociferou: — Se é assim, não me leve a mal se eu roubá-la. Se eu não fizer isso, também o meu corpo irá morrer de fome.

Rapidamente, tirou-lhe as roupas. Depois, chutou com violência aquela velha que se agarrava a seus pés e a derrubou sobre os cadáveres. Estava apenas a cinco passos da saída. Carregando a roupa de cor ocre sob o braço, precipitou-se escada abaixo rumo a uma noite profunda.

A velha, como que morta por alguns instantes, ergueu o corpo nu somente um tempo depois por entre os cadáveres. Numa voz quase um murmúrio, quase um gemido, ela, guiando-se pela claridade do fogo que ainda ardia no pinho, arrastou-se até a escada. E então,

RASHÔMON

34 | a cabeça pendida para frente, os cabelos brancos e ralos suspensos, espiou para baixo do Portal. Lá fora, apenas a escuridão das cavernas a envolver a noite.

O paradeiro do servo ninguém jamais soube.

Setembro de 1915

DENTRO DO BOSQUE

| 35

DEPOIMENTO DE UM LENHADOR INTERROGADO PELO ALTO COMISSÁRIO DE POLÍCIA

Sim, Senhor Comissário, é verdade.

Quem encontrou o cadáver fui eu mesmo. Nesta manhã, como de costume, fui cortar cedro na montanha do outro lado. Nisso, encontrei aquele cadáver dentro do bosque, no sopé da montanha — onde foi exatamente que o encontrei? A cerca de quinhentos metros da estrada de Yamashina. Num lugar ermo, onde cedros finos se misturam aos bambus.

O cadáver estava deitado de costas, vestia um quimono de seda azul e trazia um chapéu pregueado à moda da Capital. Via-se um só golpe de espada, mas, como era muito profundo e estava bem no meio do peito, as folhas secas de bambu ao redor do cadáver pareciam tingidas de vermelho.

Não, Senhor Comissário, não corria mais sangue. Pareceu-me que a ferida havia secado. Lembro-me bem de que havia uma mosca que lambia o sangue, e que nem deu mostras de perceber meus passos.

Pergunta-me o senhor se não vi uma espada ou outra coisa qualquer? Não, senhor, não havia nada. Só um pedaço de corda jogado ao pé do cedro. Depois... Ah, ia-me esquecendo! Além da corda, havia um pente. Foi tudo o que encontrei à volta do corpo. Mas, como as

DENTRO DO BOSQUE

36 | plantas e as folhas de bambu caídas ao redor do cadáver estavam muito pisadas, não há dúvida de que o homem, antes de ser assassinado, resistiu bravamente.

Como? Se eu não vi nenhum cavalo? É um lugar inacessível a cavalos. Há uma mata densa separando o local do caminho por onde eles passam.

DEPOIMENTO DE UM MONGE BUDISTA
PEREGRINO INTERROGADO PELO ALTO
COMISSÁRIO DE POLÍCIA

Tenho certeza de que ontem vi este homem cujo cadáver os senhores encontraram hoje. Ontem, por volta do meio-dia, creio eu. Foi a meio caminho entre Sekiyama e Yamashina. Ele vinha a pé no rumo de Sekiyama, acompanhando uma mulher a cavalo. Não podia ver o rosto dela, pois seu chapéu era provido de um longo véu. Tudo o que pude divisar foi a cor de suas vestes: púrpura sobre azul.

Quanto ao cavalo, parecia ser um alazão de crina aparada.

Qual a altura do animal? Teria cerca de um metro e trinta centímetros? Como sou monge, não saberia dizer.

E o homem? Sim, além da espada, também portava arco e flechas. Ainda agora me lembro muito bem de ter visto cerca de vinte flechas em sua aljava laqueada de preto.

Nem em sonhos imaginei o destino que o esperava. Realmente, a vida humana é mesmo frágil como o orvalho da manhã e breve como um clarão de luz...

AKUTAGAWA

Pois é, nem encontro palavras para expressar o quanto o lastimo...

DEPOIMENTO DO POLICIAL
INTERROGADO PELO ALTO COMISSÁRIO
DE POLÍCIA

O homem que eu prendi? Não há dúvida de que é o conhecido ladrão Tajômaru. Quando o prendi, na ponte de pedra de Awataguchi, acho que tinha caído do cavalo, pois estava gemendo de dor.

Que horas eram? Foi logo no começo da noite. Dias atrás, quando tentei prendê-lo, mas não consegui, ele vestia a mesma roupa azul-escura e trazia a mesma espada ornada de detalhes metálicos. Como o senhor agora bem pode ver, também portava arco e flechas.

É mesmo? Aquele homem também possuía arco e flechas antes de ser morto? Então não há dúvidas de que o assassino é Tajômaru. Arco revestido de couro, aljava laqueada de preto, dezessete flechas com penas de falcão... tudo, então, deve pertencer àquele homem!

Sim, como diz o senhor, o cavalo também é um alazão com a crina aparada. O ladrão deve ter sido derubado pelo animal por castigo divino. O cavalo pastava pouco adiante da ponte, a rédea comprida arrastando no chão. Esse tal de Tajômaru, de todos os ladrões que rondam a Capital, é o que mais persegue mulheres. No outono passado, na montanha que fica atrás do templo Toribe, foi encontrada uma dama da corte, morta, que possivelmente fora rezar pela cura de alguém, juntamente com uma jovem servente. Suspeita-se que tenha sido esse indivíduo.

DENTRO DO BOSQUE

38 | Se for esse bandido aí quem matou aquele homem, vá se saber também o que fez com a mulher que montava o alazão...

Por favor, Senhor Comissário, não é da minha alçada, mas peço-lhe que seja investigada essa questão.

DEPOIMENTO DE UMA VELHA
INTERROGADA PELO ALTO COMISSÁRIO
DE POLÍCIA

Sim, senhor. Aquele é o cadáver do homem com quem casei minha filha. Ele não era da Capital. Era um samurai do governo da província de Wakasa. Chamava-se Kanazawano Takehiro e tinha vinte e seis anos de idade.

Não, senhor. Como era muito gentil, jamais provocaria a ira de alguém.

Minha filha? Ela se chama Masago, tem dezenove anos. Sua personalidade é tão forte como a de qualquer homem; no entanto, até agora sempre foi fiel a Takehiro. Seu rosto é pequeno e oval, tem uma pele amorenada e uma pinta no canto do olho esquerdo.

Takehiro partiu ontem para Wakasa em companhia de minha filha. Mas que infelicidade! Quem poderia imaginar uma coisa dessas? O que teria acontecido à minha filha? Quanto a meu genro, até posso me conformar; no entanto, só de pensar nela, fico doente.

Suplico-lhe, é o único desejo desta velha: descubra o paradeiro da minha filha, nem que para isso seja preciso revirar montanhas e matas. Custe o que custar, encontre-a! Esse ladrão, como é mesmo que se chama?

AKUTAGAWA

Tajômaru... Como o ódio! Não somente o meu genro, | 39
mas também a minha filha...

(Lágrimas sufocam suas últimas palavras.)

CONFISSÃO DE TAJÔMARU

Sim, fui eu quem matou aquele homem. Mas a mulher, não.

Então, onde ela está? Isso, nem eu sei.

Ei, esperem! Nenhuma tortura pode me fazer dizer o que não sei! Além do mais, nessas condições, não pretendo esconder-lhes nenhum segredo à toa. Ontem, pouco depois do meio-dia, deparei-me com o casal. Naquele momento, com o sopro do vento, o véu se ergueu e pude ver, por breves segundos, o rosto da mulher. Por alguns segundos — foi um vislumbre, apenas isso. Pode ter sido por causa da brevidade da visão, mas o rosto dela apareceu perante mim como se fosse um Boddhisatva mulher. Foi naquele instante que decidi possuí-la, mesmo que tivesse de matar-lhe o marido.

Bah, matar um homem não é lá grande coisa, como vocês pensam. De qualquer forma, para tomar uma mulher, sempre é preciso matar o homem. A diferença é que, quando eu mato, uso a espada que trago à cintura, mas vocês, não. Vocês não se utilizam da espada, matam apenas com o seu poder, matam com o seu ouro. Às vezes matam somente com palavras, a pretexto de o fazerem para o próprio bem deles. É verdade que não corre sangue, que os homens continuam vivendo, mas, mesmo assim, vocês os mataram. Se pensarmos na gravidade dos crimes, não saberia dizer quem de nós, vocês ou eu, seria o pior. (Sorriso irônico.) Mas, se

DENTRO DO BOSQUE

40 | eu pudesse tomar a mulher sem matar o marido, tanto melhor. Aliás, meu estado de espírito, naquela hora, era o de possuir a mulher e, se possível, não matar o homem. Entretanto, fazer uma coisa dessas na estrada de Yamashina era realmente impossível. Por isso armei um plano para fazer o casal acompanhar-me montanha adentro.

Não foi nada difícil. Fazendo-me seu companheiro de viagem, contei-lhes que havia túmulos antigos na montanha do outro lado e que, ao explorar aquelas sepulturas, tinha encontrado espelhos de metal e espadas em grande quantidade. Disse-lhes ainda que os havia escondido, enterrando-os dentro do bosque, à sombra da montanha, e que, se houvesse interessados, faria um bom preço. O homem, pouco a pouco, foi sendo atraído pela minha conversa. E depois... — a cobiça é uma coisa terrível, não acham? — e depois, em menos de meia hora, aquele casal já conduzia o cavalo rumo à montanha, junto comigo. Chegando em frente ao bosque, disse-lhes que o tesouro estava enterrado lá dentro e os convidei a verificá-lo. O homem, cego pela cobiça, nem titubeou. Mas a mulher preferiu esperar, sem descer do cavalo. Não sem razão, já que aquele bosque era muito fechado. E, para dizer a verdade, as coisas caminhavam como eu queria; penetramos no bosque, deixando a mulher sozinha. Por um trecho, só havia bambus no bosque. Cerca de cinquenta metros adiante, porém, havia uma clareira entre os cedros... Não haveria lugar melhor que aquele para executar meu plano. Abrindo caminho pela mata, preguei-lhe a mentira — bastante plausível — de que o tesouro estava enterrado sob os cedros. Mal lhe disse isso e o homem se lançou

AKUTAGAWA

em direção aos troncos finos dos cedros, que dali se enxergava. Os bambus rareavam, alguns cedros já se enfileiravam — e foi justo nesse local que, bruscamente, eu o derrubei e dominei. Como o homem portava uma espada, poderia ser muito perigoso, mas, apanhado de surpresa, não teve como resistir. Num segundo, estava amarrado ao pé de um cedro. | 41

A corda? Sendo ladrão, sempre trago uma à cintura, pois sabe-se lá quando terei de escalar algum muro. Afora encher sua boca de folhas secas de bambu para impedi-lo de gritar, não tive nenhum trabalho. Terminada a primeira parte, fui ter com a mulher e lhe disse para vir comigo ver o marido, que passava mal. Nem preciso lhes dizer do sucesso do meu plano. Com chapéu na mão, a mulher foi penetrando no interior do bosque, comigo a conduzi-la pela mão. Mas, ao chegar ao local onde o homem estava amarrado ao pé de cedro — a mulher, mal percebeu a cena, fez reluzir num átimo um punhal que havia retirado de sua roupa, sem que eu o notasse. Nunca antes havia encontrado uma mulher de temperamento tão violento. Bem, mesmo me esquivando rapidamente, era difícil evitar os golpes ante uma investida tão feroz. Porém, como sou o famoso Tajômaru, finalmente derrubei o seu punhal sem precisar sequer desembainhar a espada. Por mais decidida que fosse, desarmada, ela nada poderia fazer. Assim, finalmente consegui possuir a mulher sem tirar a vida do homem.

Sem tirar a vida do homem — é isso mesmo. Eu não tinha mesmo intenção de matá-lo. Acontece que, quando eu já ia fugindo do bosque, deixando atrás a mulher em prantos, de repente ela agarrou-me o braço,

DENTRO DO BOSQUE

42 | desesperada. Com gritos entrecortados de soluções, ela dizia: “Morra você ou o meu marido, morra um dos dois; expor a própria desonra a dois homens é pior do que a morte!” E dizia ainda, ofegante, que se uniria àquele que sobrevivesse. Foi nesse momento que me tomou um violento desejo de matar o homem. (Comoção lúgubre.)

Ouvindo-me falar assim, sem dúvida devo lhes parecer mais cruel do que vocês. Mas isso é porque vocês não viram o rosto daquela mulher. Principalmente porque não viram o ardor que brilhava em seus olhos naquele instante. Quando olhei para aqueles olhos, quis tê-la como esposa, mesmo que tivesse de ser fulminado por um raio. Esposá-la — era tudo o que eu queria naquele momento. Não era por nenhum desejo vil e licencioso, como podem vocês acreditar. Se tudo o que eu sentisse fosse um desejo físico, certamente me contentaria em dar-lhe um pontapé e fugir. E minha espada não se teria manchado com o sangue do homem. Mas, no momento em que fixei o olhar naquele rosto, tomei a decisão de não partir dali sem antes matar o seu marido.

Entretanto, mesmo que tivesse de matá-lo, não queria fazê-lo de forma injusta. Desamarrei-lhe a corda e então lhe disse para lutarmos de igual para igual. (A corda que estava caída ao pé do cedro era aquela que eu tinha jogado e esquecido ali.) Com a expressão alterada, o homem desembainhou sua grossa espada e, sem dizer uma palavra, avançou em minha direção, cheio de rancor.

Bem, não há necessidade de lhes contar o fim da luta. Minha espada lhe atravessou o peito no vigésimo terceiro golpe. No vigésimo terceiro golpe! Não se es-

AKUTAGAWA

43

queçam disso... Porque essa façanha ainda hoje me impressiona. Foi o único adversário em toda a minha vida a resistir a mais de vinte golpes. (Sorriso satisfeito.)

Assim que o homem tombou, voltei-me para a mulher, ainda segurando a espada ensanguentada.

Nisso, o que tinha acontecido? Não é que ela tinha desaparecido? Andei por entre os cedros para ver por onde fugira. Mas não encontrei nenhum vestígio dela sobre as folhas secas de bambu. Mesmo aguçando o ouvido, só pude distinguir os últimos gemidos do homem que agonizava. Pode ser que, enquanto trocávamos golpes de espada, ela tenha fugido pelo bosque para pedir socorro. Se tivesse sido assim, minha vida é que estaria em perigo, e então, apoderando-me da espada, do arco e das flechas, logo voltei à estrada que percorria antes. Ali, o cavalo da mulher ainda pastava calmamente.

O que aconteceu depois não tem nenhuma importância no caso. O único detalhe é que, antes de entrar na Capital, desfiz-me da espada.

Minha confissão termina aqui. Já que, cedo ou tarde, terei a cabeça cortada e exposta nos galhos das árvores, então me condenem à pena máxima! (Atitude desafiadora.)

CONFISSÃO DA MULHER, QUE SE ABRIGOU NO TEMPLO KIYOMIZU

Esse homem de quimono curto azul-escuro, após haver-me violentado, riu-se com sarcasmo, enquanto observava meu marido que estava amarrado. Como o meu marido deve ter se sentido humilhado! Mas,

DENTRO DO BOSQUE

44 | quanto mais se debatia, mais a corda que o amarrava lhe penetrava dolorosamente a carne.

Instintivamente, corri, cambaleando, em sua direção. Ou melhor, tentei correr. Mas o homem, num rápido gesto, me derrubou com um chute. Foi naquele exato instante que percebi nos olhos de meu marido um brilho muito estranho. Realmente estranho... Ainda agora, quando me lembro daquele olhar, tremo de pavor. Não podendo emitir um único som, meu marido transmitiu somente naquele breve olhar todos os seus sentimentos. Mas o que então relampejou não era nem ira nem tristeza... — não é que foi um gélido brilho de desprezo? Atingida mais pela expressão daqueles olhos do que pela brutalidade do pontapé que aquele homem me deu, gritei alguma coisa, sem querer, e desmaiei.

Algum tempo se passou até que recuperei os sentidos, mas nessa hora o homem de quimono azul-escuro havia desaparecido. Vi somente meu marido amarrado no tronco de cedro. Levantando-me com dificuldade em meio às folhas de bambu, fixei-lhe os olhos no rosto. Mas seu olhar continuava exatamente o mesmo. No fundo daquele desprezo gélido, havia também ódio. Vergonha? Tristeza? Raiva? Nem sei como exprimir o sentimento que passou por minha alma naquele momento. Ergui-me quase sem forças e dirigi-me a meu marido:

— Meu marido, não posso mais viver com você depois de tudo o que aconteceu. Estou decidida a me matar. Mas... por favor, morra junto também. Você testemunhou a minha vergonha. Não posso permitir que continue vivendo após a minha morte.

Isso foi tudo o que consegui dizer. E, no entanto,

AKUTAGAWA

45

ele continuava a me olhar com repulsa. Com o coração partido de dor, passei a procurar sua espada. Entretanto, não encontrei no bosque nem espada nem arco e flechas; o assaltante devia ter levado tudo. Ainda bem que, pelo menos, pude encontrar o punhal, caído no chão. Levantando-o sobre a cabeça, disse uma vez mais a meu marido:

— Então, deixe-me tomar agora a sua vida. Eu o acompanharei imediatamente.

Quando ele ouviu essas palavras, mexeu os lábios com dificuldade. Como sua boca estava cheia de folhas, não podia ouvir a sua voz. Mas, num olhar, entendi o que ele queria dizer. Ainda com a mesma expressão de desprezo, balbuciou apenas uma palavra: “Mate-me!”. Como em meio a um sonho, cravei-lhe fundo o punhal no peito, que atravessou o quimono de caça de seda azul clara.

Devo então ter perdido novamente os sentidos. Quando voltei a mim, meu marido, ainda amarrado, estava morto havia muito. Através da mistura de galhos de bambu e cedros, o sol poente deixava vagar um raio de luz sobre o seu rosto lívido. Sufocando os soluços, desamarrei a corda do cadáver.

Depois... O que aconteceu? Quanto a isso, já não tenho mais forças para relatar. Enfim, faltou-me coragem para me matar. Feri-me na garganta com o punhal, joguei-me no lago ao pé da montanha, tentei vários meios, mas, uma vez que ainda estou viva, não vejo de que me orgulhar. (Sorriso melancólico.)

DENTRO DO BOSQUE

46 | Mesmo o misericordioso Boddhisatva Kannon¹ deve ter me abandonado, tão covarde que sou!

Mas eu, que matei meu próprio marido, que fui violentada, o que devo fazer? O que posso eu... posso... (Soluços repentinos e violentos.)

NARRATIVA DO MORTO, TRANSMITIDA
POR UMA MÉDIUM

“Após violentar minha esposa, o assaltante, sentando-se ali mesmo, pôs-se a confortá-la de várias formas. Naturalmente, eu não podia falar. Além disso, meu corpo estava amarrado ao pé de cedro. Entretanto, lancei-lhe várias vezes uns sinais com os olhos. ‘Não acredite nas palavras dele. Tudo o que ele disser será mentira.’ Era isso o que eu lhe queria transmitir. Mas minha esposa, sentada em desalento sobre as folhas secas de bambu, tinha os olhos fixados nos joelhos. E não é que ela parecia estar absorvendo as palavras do ladrão? Eu me contorcia de ciúmes. Mas o ladrão continuava a conversa, com muita habilidade, passando de um argumento a outro. Chegou até a fazer essa proposta atrevida: ‘Quando a mulher tem o corpo desonrado, nem que seja uma única vez, as relações com o marido nunca mais podem ser as mesmas. Em vez de continuar com seu marido, que tal ser minha esposa? Toda a minha ousadia nasceu do amor que você me inspirou.’ Ao ouvir aquelas palavras, minha esposa ergueu a cabeça, extasiada. Nunca vi minha

¹No budismo japonês, o Boddhisatva da infinita compaixão e misericórdia, que equivale a Avalokitesvara e que, não raro, é representado com formas femininas.

AKUTAGAWA

47

mulher tão bela como naquele instante! Mas o que minha linda esposa respondeu ao ladrão, diante de mim, ainda amarrado? Mesmo vagando no limbo, toda vez que me lembrava de suas palavras, me inflamava de ódio. Minha mulher respondeu-lhe claramente:

— Então, leve-me para onde você for. (Longo silêncio.)

Esse não foi o único mal que ela cometeu. Se tivesse sido apenas isso, eu não estaria sofrendo tanto nesta escuridão. Quando, conduzida pela mão do ladrão, como num sonho, ia saindo do bosque, ela de repente empalideceu e apontou para mim, ainda amarrado ao pé do cedro.

— Mate este homem! Se ele continuar vivo, não poderei viver com você!

Minha esposa, como se tivesse enlouquecido, gritou várias vezes:

— Mate este homem!

Tais palavras, como um turbilhão, ainda agora ameaçam fazer-me despencar no abismo sem fundo da escuridão. Será que alguma vez palavras tão abomináveis já saíram da boca de algum ser humano? Será que alguma vez palavras assim malditas já chegaram a ouvidos humanos? Será que alguma vez... (Riso súbito de escárnio.) Ao ouvir essas palavras, até mesmo o ladrão empalideceu.

— Mate este homem! — assim gritando, ela lhe agarrava o braço.

O ladrão, com os olhos fixos em minha esposa, não respondia sim nem não. No instante seguinte, derrubada por um violento pontapé, ela já estava caída entre

DENTRO DO BOSQUE

48 | as folhas de bambu. (Novo riso de escárnio.) O ladrão, cruzando calmamente os braços, voltou-se para mim:

— O que você quer que eu faça com ela? Mato-a ou deixo-a ir?... Basta responder movendo a cabeça. Mato-a?

Bastariam essas palavras para que eu perdoasse o assaltante. (Outra vez, longo silêncio.) Fiquei hesitante por um tempo, e, enquanto isso, minha esposa gritou e saiu a correr para as profundezas do bosque. O ladrão foi em sua direção, mas não conseguiu agarrar-lhe sequer a manga. Como num sonho, eu observava a cena. Depois da fuga de minha esposa, o ladrão apanhou minha espada, arco e flechas e cortou um ponto apenas da corda que me amarrava. Lembro-me ainda de seu murmúrio ao sair do bosque e desaparecer:

— Agora, vou é tratar da minha pele...

Depois, tudo foi silêncio... Não, ainda se ouvia o choro de alguém. Livrando-me da corda, apurei o ouvido. Mas, não, era eu mesmo que estava a chorar... (Pela terceira vez, um longo silêncio.)

Levantei o corpo, exausto, com dificuldade. À minha frente, brilhava o punhal que minha esposa deixara cair. Tomando-o nas mãos, cravei-o de um só golpe no peito. Subiu-me à garganta um jorro de sangue acre. Não sentia, entretanto, dor alguma. Quando meu corpo esfriou, o silêncio em volta se tornou mais profundo. Ah, que silêncio! Nem um único pássaro se ouvia no céu daquele bosque à sombra das montanhas. Por entre os bambus e cedros, havia somente um solitário raio de sol que ainda vagava. Aquele raio ia tornando-se cada vez mais tênue... Nem enxergava mais os bambus e os cedros. Senti-me tomado por um profundo silêncio.

AKUTAGAWA

Nesse momento, ouvi passos furtivos de alguém se aproximando. Tentei ver quem era. Mas a escuridão já me envolvia. Alguém — esse alguém, com uma mão invisível, retirou cuidadosamente o punhal do meu peito. Com isso, mais uma vez o sangue aflorou à minha boca. Depois disso, mergulhei na escuridão eterna do limbo...

Dezembro de 1921

MEMORANDO “RYÔSAI OGATA”

| 51

TENDO EM VISTA que, ultimamente, em nossa aldeia, um bando de adeptos da seita *kirishitan*¹ tem praticado ritos blasfemos com os quais confundem o povo, foi-me solicitado pelas autoridades um relato minucioso de tudo o que vi e ouvi, o que faço em nome da verdade.

Passo então, modestamente, a relatar o seguinte acontecimento. No sétimo dia do terceiro mês lunar do presente ano, uma mulher de nome Shino, viúva de Yosaku, lavrador de nossa aldeia, veio a minha casa solicitar encarecidamente meus préstimos para atender a sua filha Sato, de nove anos de idade, acometida por grave doença.

A acima referida Shino, terceira filha do lavrador Sôbei, casou-se há dez anos com Yosaku, que faleceu pouco tempo depois de nascer sua filha Sato; sem ter contraído novas núpcias, ela tem ganho a vida tecendo panos e fazendo alguns pequenos serviços. No entanto, não se sabe por que equívoco, depois da morte do marido converteu-se numa fervorosa seguidora da seita *kirishitan*, passando a visitar assiduamente um *bateren* [padre] da aldeia vizinha, chamado Rodrigues. Com o tempo, chegaram até nossa aldeia os rumores de que se

¹*Kirishitan*: transcrição fonética de “cristão” para o japonês da época da introdução do cristianismo.

MEMORANDO “RYÔSAI OGATA”

52 | tornara amante do referido padre, sendo por isso duramente criticada. Assim, a começar por seu pai Sôbei, até seus irmãos e irmãs, todos tentaram de tudo para dissuadi-la; no entanto, dizendo que somente *Deusu Nyôrai*² era digno de veneração, ela rejeitou todos os conselhos que lhe deram. Dia e noite, juntamente com sua filha Sato, ela não fazia senão adorar um pequeno objeto em forma de crucifixo denominado *kurusu* [cruz], chegando a negligenciar as visitas ao túmulo de Yosaku, seu marido.

Diante de tais circunstâncias, dei-lhe a entender que, apesar de seus insistentes pedidos, não poderia atendê-los. Na primeira vez, ela se retirou em lágrimas para sua casa, mas voltou no dia seguinte dizendo: “Por favor, socorra minha filha, eu lhe serei eternamente agradecida!”. Ela não se conformou com minhas recusas e, prostrando-se aos prantos à soleira da porta, pôs-se a censurar-me: “Sempre achei que o dever dos médicos fosse cuidar dos doentes. No entanto, o senhor abandona minha filha que está gravemente enferma! Realmente, não posso entender!”. De minha parte, respondi: “A senhora tem toda a razão, mas eu tenho meus motivos para me recusar a examiná-la. Sua conduta não tem sido aceitável e sei de fonte segura que a senhora nos tem caluniado com frequência, afirmando que não só eu, mas todas as pessoas desta aldeia, que

²*Deusu Nyôrai*: *Deusu* é transcrição para o japonês de “Deus”; na introdução do cristianismo no Japão, utilizavam-se termos do budismo, como *Nyôrai* (um dos dez nomes de Buda, equivalente ao buda Amida), para facilitar sua difusão. A partir daqui, as palavras correspondentes às transcrições japonesas serão indicadas entre colchetes.

AKUTAGAWA

adoramos nossos deuses e o Buda, estão possuídas pelo demônio. Não vejo, portanto, por que eu, que estou tomado pelo demônio, deva curar a moléstia da filha de alguém como a senhora, que se considera pura e no caminho certo. A senhora deveria fazer esse pedido ao Senhor Deus a quem cultua todos os dias; se a senhora deseja tanto os meus socorros, eu lhe apelo que abjure a fé dos *kirishitan*. Caso não aceite tais condições, por mais que me repita que a medicina é a arte de cuidar do próximo, recuso-me terminantemente a atender a seu pedido, pois também receio me expor aos castigos dos deuses e de Buda.” Shino pareceu não mais encontrar palavras para insistir e se retirou, consternada. | 53

No dia seguinte, nono dia do terceiro mês lunar, chovia muito, desde a madrugada, o que momentaneamente fizera cessar o movimento na aldeia, quando, por volta das seis horas, Shino voltou a aparecer, sem guarda-chuva, molhada até os ossos, para reiterar insistentemente o seu pedido, ao qual respondi: “Pessoa de bem que sou, não tenho duas palavras. Portanto, acredito ser importante que a senhora ou renuncie ao seu Senhor Deus, ou sacrifique a vida de sua filha.” Ao ouvir minhas palavras, Shino desta vez parecia ter enlouquecido: de joelhos, abaixando a cabeça várias vezes e com as mãos postas no chão, em súplica, rogou, caindo em prantos: “O senhor tem absolutamente toda a razão. Mas, segundo os ensinamentos cristãos, uma vez que reneguemos nossa fé, nossos corpos e almas passarão a arder encarnações e encarnações, por séculos e séculos. Por favor, tenha piedade de mim! Eu lhe suplico: não me imponha esta condição!”. Embora fosse adepta de uma seita perversa, isso não parecia ter mudado em

MEMORANDO “RYÔSAI OGATA”

54 | nada seu coração de mãe. Senti um pouco de compaixão por ela, mas não podia permitir que sentimentos pessoais interferissem no interesse geral e lhe disse que, por mais razões que me apresentasse, se não renegasse sua fé, não poderia socorrer sua filha. Shino, numa expressão indescritível, por instantes fixou seu olhar em meu rosto. De repente, as lágrimas escorreram em profusão e, com as mãos postas no chão, a meus pés, ela se pôs a murmurar numa voz débil que lembrava o zunido do pernilongo. Mas, devido ao barulho da forte chuva que começava a cair, não pude escutá-la bem. Após fazê-la repetir duas ou três vezes o que dissera, compreendi finalmente que, sem ter mais alternativa, ela decidira renegar a fé. Mas suas palavras não podiam me assegurar sua decisão, de modo que lhe solicitei uma prova concreta. Ela retirou em silêncio a cruz anteriormente referida de sob as vestes, colocou-a sobre a madeira da soleira e pisou-a calmamente por três vezes. Nessa hora, ela não se mostrou particularmente perturbada, suas lágrimas pareciam já haver secado, mas seus olhos, que contemplavam a cruz sob seus pés, ardiam como os de uma doente acometida de forte febre, o que impressionou muito a todos os meus serviçais.

Tendo sido, pois, atendida minha condição, fiz meu serviçal trazer a caixa de medicamentos e, debaixo de forte chuva, acompanhei Shino até sua casa. Num quarto minúsculo, Sato dormia sozinha, com a cabeça voltada para o sul. Ela parecia estar fora de si, em consequência de uma febre alta: com suas frágeis mãos de criança, repetidas vezes traçava no ar sinais em forma de cruz, sorrindo de alegria a cada vez que murmurava, como que num outro mundo, a palavra

AKUTAGAWA

harureya [aleluia]. Chorando, Shino me explicou à cabeça da criança que *harureya* era uma palavra proferida pelos cristãos ao louvar seu Senhor. Imediatamente, tomei o pulso da doente; tratava-se, sem dúvida, de uma febre maligna; já era tarde demais e, provavelmente, ela não passaria daquele dia. Nada mais podia fazer, e contei a verdade a Shino, que se pôs novamente, como uma louca, a dizer: “Se reneguei minha fé, foi só porque queria salvar a vida de minha filha. Se ela morrer, meu sacrifício terá sido em vão. Por favor, tenha piedade do meu sofrimento por ter voltado as costas ao Senhor Deus e salve a vida de minha filha, custe o que custar!”. Prostrando-se não só diante de mim, mas também de meu serviçal, ela continuava suplicando, porém não havia mais nenhum recurso humano que a salvasse. Aconselhando-a insistentemente a não se deixar tomar pelo desespero, deixei-lhe três envelopes de folhas de infusão e, aproveitando um momento em que a chuva amainara, já me preparava para me retirar, quando Shino se agarrou às mangas de minha veste. Ela movia os lábios tentando dizer-me alguma coisa, mas, antes que pudesse proferir uma só palavra, foi empalidecendo e caiu sem sentidos. Tomado de grande susto, corri para socorrê-la com a ajuda de meu serviçal. Ela recobrou os sentidos, mas não tinha forças para se manter de pé. “Que desgraça! Devido à minha leviandade, não só perco minha filha como também o Senhor Deus!”, dizia ela, chorando copiosamente. Tentei consolá-la de diversas maneiras, mas parecia não me escutar. Uma vez que não havia mais nada que eu pudesse fazer, dado o estado da criança, voltei às pressas para casa com meu serviçal.

MEMORANDO “RYÔSAI OGATA”

56 | No entanto, naquele mesmo dia, depois das duas horas da tarde, quando fui à casa de Yazaemon Tsukagoshi, o chefe da aldeia, para examinar sua mãe, fiquei sabendo que a filha de Shino havia morrido e que ela, por sua vez, acabara enlouquecendo de tanta tristeza. Segundo consta, Sato veio a falecer uma hora depois da minha visita e, por volta das dez horas da manhã, Shino, já com manifestações de demência, agarrando-se ao corpo inerte da filha, proferia rezas numa língua bárbara. Cumpre assinalar que o senhor Yazaemon foi testemunha de tudo o que ocorreu, assim como os senhores Kaemon, Tôgo, Jihei, todos moradores desta aldeia, que, por estarem presentes naquele momento, podem confirmar o fato com exatidão.

No dia seguinte, décimo dia do terceiro mês lunar, caía uma chuva fina desde cedo, mas, a partir das oito horas, após reboarem as trovoadas de primavera, o tempo pareceu se abrir. Foi quando o senhor Kinjûrô Yanase, lavrador e também soldado, enviou-me um cavalo, solicitando minha presença para uma consulta. Parti imediatamente. Quando passava diante da casa de Shino, uma multidão à sua frente vociferava: “*Bateren! Kirishitan!*”. A agitação era tanta que não pude fazer avançar o cavalo, de modo que, do alto da sela, espreitei o interior da casa. A porta estava totalmente aberta e, em seu interior, um estrangeiro de cabelos vermelhos e mais três japoneses, todos vestidos de preto como os monges, elevavam em suas mãos aquelas referidas cruzes e uma espécie de incensório, entoando em coro: “*Harureya! Harureya!*”. E não era tudo. Aos pés do referido estrangeiro, Shino, os cabelos emaranhados, agarrada ao corpo da filha, estava prostrada, como que inconsciente.

AKUTAGAWA

O que, no entanto, mais me saltou à vista foi que Sato, os dois braços firmemente em volta do pescoço da mãe, ora balbuciava seu nome, ora entoava aleluias, numa voz cândida. É verdade que a distância me impedia de distinguir os detalhes com clareza, mas o rosto de Sato parecia estar cheio de viço. De vez em quando tirava os braços do pescoço da mãe, como que tentando agarrar a fumaça que se elevava daquela espécie de incensório. Desci, então, do cavalo e interroguei os aldeões sobre a ressurreição de Sato, ao que me responderam, atemorizados, que, naquela manhã, Rodrigues, o *bateren* de cabelos vermelhos antes referido, chegara da aldeia vizinha acompanhado dos *iruman* [irmãos]; após ouvir a confissão de Shino, todos juntos recitaram suas preces, alguns queimando um incenso de aroma exótico, outros espargindo água-benta, até que a insanidade de Shino foi se acalmando e Sato veio a ressuscitar. É verdade que, desde os tempos remotos, já houve ressurreições, mas, em sua maior parte, referem-se a casos de envenenamento por álcool ou de contaminação por miasmas. Nunca tive conhecimento de uma história como a de Sato, em que a vida reanimasse um morto acometido por doença maligna. Portanto, só esse fato já nos revela a bruxaria desta seita *kirishitan*. Somam-se a isso os estrondos da trovoada de primavera, prova da ira dos céus, no momento em que os *bateren* se dirigiam a esta aldeia.

Cumpram ainda notar que, nesse mesmo dia, Shino e sua filha Sato foram levadas à aldeia vizinha pelo *bateren* Rodrigues e que sua casa foi queimada por ordem do monge-chefe Nikkan, do templo Jigen. Tendo em vista que esses fatos já foram relatados a Vossa Senhoria

MEMORANDO “RYÔSAI OGATA”

58 | pelo chefe da aldeia, o senhor Yazaemon Tsukagoshi, limito-me a relatar os fatos que testemunhei. Se houver qualquer omissão involuntária neste meu relatório, farei chegar a seu conhecimento uma nota complementar.

Sem mais para o momento,

Ano do Macaco, vigésimo dia do terceiro mês lunar.

Província de Iyo, distrito de Uwa, aldeia de...

Ryô sai Ogata, médico.

Dezembro de 1916

OGIN

| 59

TERÁ SIDO na era Genna? Ou na era Kan'ei?¹ De qualquer forma, foi há muito, muito tempo.

Naquela época, os seguidores da Santa Doutrina do Senhor Deus, uma vez descobertos, ainda eram queimados vivos ou crucificados. Mas tudo nos leva a crer que, quanto mais violentas eram as perseguições aos fiéis no país, mais miraculosa era a proteção do Santo Deus, que tudo podia realizar. As aldeias de Nagasaki às vezes eram visitadas por anjos e santos sob os raios do sol poente. De fato, dizem que uma vez até São João Batista fez sua aparição no moinho de Miguel Yahei, um fiel de Urakami. E o diabo, por seu lado, para impedir a devoção dos fiéis, também aparecia naquelas vilas, tomando a figura antes nunca vista de um negro, ou de plantas e flores de terras estrangeiras, ou de carroças cobertas de bambu trançado. Dizem também que os ratos que atormentaram Miguel Yahei no calabouço, onde os dias e as noites se confundiam, eram, na verdade, encarnações do diabo. Yahei foi queimado vivo no outono do ano oito da era Genna, juntamente com mais onze fiéis. Teria sido na era Genna? Ou na era Kan'ei? De qualquer forma, foi há muito, muito tempo.

Também nessa mesma Urakami, na aldeia de Yamazato, vivia uma jovem donzela chamada Ogin. Seus pais

¹Trata-se de divisões históricas do Japão: era Genna (1615–1624); era Kan'ei (1624–1644).

OGIN

60 | vagaram a esmo desde Ôsaka até atingir a longínqua Nagasaki. Mas, antes que pudessem se estabelecer de maneira adequada, ambos partiram deste mundo, deixando Ogin órfã. Naturalmente, forasteiros que eram, não podiam conhecer os santos ensinamentos do Senhor Deus. Era no budismo que eles acreditavam. Zen, Hokke ou Jôdô, pouco importa a corrente — eles tinham fé nos ensinamentos de Buda. Dizia um jesuíta francês que Shakyamuni, ardiloso por natureza, percorrera várias cidades da China e propagara os ensinamentos do Caminho do Buda Amida. Depois, veio também ao Japão para ensinar o mesmo caminho. De acordo com os ensinamentos por ele difundidos, a alma humana metamorfoseia-se em ave, animal ou planta, conforme a gravidade de seus pecados. Não somente isso, dizia ainda o jesuíta que Shakyamuni, ao nascer, matara sua mãe. “O exagero dos ensinamentos de Shakyamuni é tão evidente quanto é clara a sua infâmia” (Jean Crasset). Mas, como já foi dito antes, os pais de Ogin não tinham conhecimento dessas verdades. Mesmo depois de exalarem seu último suspiro, continuavam ainda acreditando nos ensinamentos de Shakyamuni. No cemitério desolado, à sombra dos pinheiros, ignorando que acabariam caindo no *inheruno* [Inferno], sonhavam como o evanescente Paraíso.

Mas, felizmente, Ogin não fora influenciada pela ignorância dos pais. O caridoso João Magoshichi, um camponês da aldeia de Yamazato, há muito havia aspergido a água-benta do *bapuchizumo* [batismo] na testa da jovem, conferindo-lhe o nome de Maria. Ogin não acreditava em histórias como a de que Shakyamuni, por ocasião de seu nascimento, teria proclamado com au-

AKUTAGAWA

61

toridade, enquanto apontava o céu e a terra: “No céu como na terra, sou o único digno de se honrar”. Acreditava, sim, na concepção imaculada da “Santa Maria, Mãe de Misericórdia, Vida, Doçura, Esperança nossa!”. Acreditava na ressurreição de Jesus ao terceiro dia, que “foi crucificado, morto e sepultado em túmulo de pedra, que desceu à mansão dos mortos” nas profundezas da terra. Acreditava que ao soar das trombetas do Juízo Final “o Senhor descerá dos céus em toda a Sua Glória e Poder, reunindo às almas os corpos que haviam se transformado em pó, elevando os bons à felicidade dos Céus e fazendo descer os maus ao Inferno juntamente com o Diabo”. Acreditava principalmente no Santo Sacramento, no qual “o pão e o vinho por obra do Divino Espírito Santo se transubstanciam no sangue e na carne de Nosso Senhor Jesus Cristo”. O coração de Ogin não era como o dos pais, um deserto assolado por ventos escaldantes. Era um fértil trigal, matizado por singelas rosas silvestres. Depois da perda dos pais, Ogin foi adotada por João Magoshichi. Joana Osumi, sua esposa, tinha, também ela, bom coração. Ogin passava dias felizes a seu lado, cuidando do gado e colhendo trigo. Mas, mesmo levando tal vida, desde que os aldeões não o percebessem, não negligenciava suas orações e jejuns. Frequentemente, à sombra da figueira junto ao poço, com os olhos voltados para a enorme lua crescente, absorvia-se numa profunda prece. A oração dessa jovem de cabelos escorridos era, assim, muito simples: “Santa Mãe de Misericórdia, rendemos-vos Graça. A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva. Dirigi-nos, nós Vos suplicamos, Vossa misericórdia nesse vale de lágrimas. Amém!”

OGIN

62 | Ocorreu então que, num certo ano, na noite de *Natara* [Natal], o Diabo adentrou repentinamente a casa de Magoshichi, juntamente com algumas autoridades da aldeia. Na grande lareira da casa, a lenha da vigília de Natal ardia em chamas. E para aquela noite havia sido colocada, na parede enegrecida pela fuligem, uma cruz para o culto. Se fossem à coqueira nos fundos da casa, encontrariam água na manjedoura para as primeiras abluções de Jesus. As autoridades trocaram sinais com a cabeça e ataram o casal com cordas. Ogin também foi amarrada. Mas nenhum deles demonstrava ter consciência de qualquer maldade. Estavam prontos a receber qualquer suplício pela salvação de suas almas. O Senhor, certamente, conceder-lhes-ia a proteção divina. Além do mais, o fato de terem sido presos na noite de Natal não seria uma prova da imensa graça de Deus? Eles estavam, todos os três, convictos, como se tivessem acertado tudo entre eles. Depois de amarrá-los, as autoridades levaram-nos à residência do governador local. Durante o percurso, mesmo sendo açoitados pelo vento noturno, os três não cessavam de recitar as preces de Natal.

— Oh, Senhor, que nasceste em Belém, onde esteis agora? Vosso nome seja louvado!

Vendo-os serem presos, o Diabo se regozijou, batendo palmas. Mas parece ter ficado muito irritado pela atitude deles, de corajosa resignação. Quando se viu só, o Diabo cuspiu com um desgosto cheio de desdém, transformando-se imediatamente num grande pilão de pedra e, rolando ruidosamente pelo chão, desapareceu nas trevas.

Os três cristãos, João Magoshichi, Joana Osumi e

AKUTAGAWA

63

Maria Ogin, além de serem jogados num calabouço, sofreram torturas sem conta para que abjurassem os santos ensinamentos do Senhor. Mas os suplícios da água e do fogo não foram suficientes para abalar sua convicção. Mesmo que sua pele e carne se dilacerassem, apenas um sopro mais de paciência e atingiriam as portas do *Haraíso* [Paraíso]. Pensando na misericórdia infinita de Deus, até aquele calabouço escuro não diferia do esplendor do Paraíso. Além do mais, veneráveis santos e anjos frequentemente vinham confortá-los enquanto se encontravam entre o sonho e a vigília. Ogin parecia ter sido especialmente tocada por essa felicidade. Ela viu São João Batista dizendo-lhe que comesse os gafanhotos que ele trazia, em abundância, nas palmas grandes de suas mãos. E viu também o Arcanjo São Gabriel, com suas asas brancas fechadas, a lhe oferecer água numa linda taça dourada.

É obvio que o governador local não conhecia os ensinamentos do Senhor, mas ignorava também os de Shakyamuni, de modo que não entendia a causa da obstinação dos três. Às vezes até se perguntava se não seriam, todos eles, loucos. Mas, quando constatava que não eram loucos, passava a vê-los como grandes serpentes, ou como unicórnios, enfim, animais que nada tinham a ver com a espécie humana. Deixar vivos esses animais não somente era uma transgressão à lei, mas também uma ameaça à segurança local. Por isso, após mantê-los presos um mês no calabouço, resolveu condená-los à morte pelo fogo... Na realidade, esse governador local, como a maioria das pessoas, pouco se indagou se eles constituíam mesmo uma ameaça à segurança local. Isso porque, em primeiro lugar, havia

OGIN

64 | a lei e, em segundo, a moral do povo. Assim, não viu nenhum inconveniente em não se esforçar por esclarecer melhor a questão.

Os três fiéis, com João Magoshichi à frente, não demonstravam medo algum nem quando se dirigiam ao campo de suplícios, situado fora da aldeia. A execução teve lugar num terreno vazio, pedregoso, bem ao lado do cemitério. Ao chegarem, ouviram suas sentenças uma a uma e depois foram amarrados a um largo pilar anguloso. Os três foram colocados no centro do campo, com Joana Osumi à direita, João Magoshichi no meio e Maria Ogin à esquerda. Osumi, devido à tortura que sofrera por dias seguidos, parecia ter envelhecido de um dia para o outro. Magoshichi tinha as faces exangues em meio à barba crescida. Quanto a Ogin, comparada aos dois, não mostrava nenhuma mudança acentuada. Mas todos os três, pisando firmemente a lenha empilhada, tinham o semblante tranquilo.

Ao redor do local, já uma multidão de curiosos se apinhava. No céu, acima de todas aquelas pessoas, cinco ou seis pinheiros do cemitério estendiam seus galhos como um pálido de seda.

Quando terminaram os preparativos, um funcionário aproximou-se cerimoniosamente dos três e lhes perguntou se abjuravam, ou não, os santos ensinamentos do Senhor, dizendo-lhes que meditassem bem uma vez mais, que lhes dariam ainda algum tempo e que, se dissessem que sim, suas cordas imediatamente lhes seriam retiradas. Mas eles nada responderam. Tinham os olhos fitos num ponto do céu longínquo e em seus lábios até se esboçava um sorriso. O povo, e principalmente as autoridades, em momento algum se manteve

AKUTAGAWA

65

em tão profundo silêncio quanto naqueles poucos instantes. Inúmeros olhos se fixaram, sem piscar, sobre aqueles três rostos. Mas não era a piedade que lhes sustentava a respiração. É que os curiosos, em sua maioria, esperavam impacientemente a hora de se atear o fogo. E os funcionários, por seu lado, muito entediados pela demora da execução, haviam perdido até o ânimo para conversar.

De repente, os ouvidos dos presentes forma surpreendidos por uma frase que, inesperadamente, soou alta e clara:

— Eu declaro abjurar os santos ensinamentos do Senhor!

Era a voz de Ogin. Num momento, a agitação tomou conta da multidão. Mas no instante seguinte ao alvoroço, o silêncio retornou, ao se fazer ouvir a voz debilitada de Magoshichi, que, voltando-se para Ogin, disse com tristeza:

— Ogin! Foste tentada pelo Diabo? Mais um pouco de paciência e poderás adorar a santa face do Senhor!

Antes que ele terminasse de falar, Osumi também se voltou para a filha adotiva e, à distância, disse-lhe, suplicante:

— Ogin! Ogin! Foste possuída pelo diabo! Reza, por favor, reza!

Mas Ogin não lhes respondeu. Mantinha os olhos fixos nos pinheiros do cemitério, que estendiam seus galhos como um pálio de seda acima da multidão. E, logo depois, um dos funcionários ordenou que lhe retirassem a corda.

Vendo isso, João Magoshichi cerrou os olhos como que resignado.

OGIN

66 | — Senhor Deus, que tudo podeis, seja feita a Vossa vontade! — murmurou ele.

Livre finalmente das cordas, Ogin se manteve de pé por uns instantes, atordoada. Mas, ao ver seus pais adotivos, caiu de joelhos diante deles e verteu lágrimas sem nada dizer. Magoshichi mantinha os olhos cerrados. Osumi, com o rosto virado para o outro lado, nem fez menção de olhar para ela.

— Papai, mamãe! Perdoai-me — disse Ogin, enfim. — Abjurei os ensinamentos do Senhor, pois percebi, de repente, os galhos daqueles pinheiros que se estendem como um pálio de seda, ali adiante. Meus pais de nascimento, que ali repousam à sombra dos pinheiros do cemitério, não conheceram os santos ensinamentos do Senhor e certamente agora devem estar no Inferno. Como poderia eu me justificar diante deles, se entrasse sozinha pela portas do Paraíso? Quero, sim, segui-los até as profundezas do Inferno. Papai! Mamãe! Ide ambos, eu vos suplico, para junto de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Santa Virgem Maria. Mas eu, uma vez que abandonei a Santa Doutrina, já não posso continuar vivendo...

Ogin, após proferir essas palavras num ritmo entrecortado, mergulhou em soluços. Desta vez, foi Joana Osumi quem se pôs a derramar lágrimas silenciosas sobre a lenha abaixo de seus pés. Perder-se em recriminações inúteis no momento em que estavam prestes a entrar no Paraíso não era, naturalmente, um ato digno de um fiel de Cristo. Então, João Magoshichi, voltando-se amargamente para a esposa, repreendeu-a com voz estridente:

— Também foste possuída pelo Diabo? Renega os

AKUTAGAWA

ensinamentos do Senhor, se assim quiseses. Mas eu, | 67
mesmo só, morrerei nas chamas.

— Oh, não! Eu te acompanharei. Mas é que... é que... — e, engolindo as lágrimas, continuou quase aos gritos — ... não é porque eu queira ir ao Paraíso, e só... porque eu quero acompanhar-te.

Magoshichi se manteve calado por um longo tempo. Seu rosto ora empalidecia, ora se tingia da cor do sangue. Ao mesmo tempo, gotas de suor começavam a se formar. Naquele momento, ele contemplava sua alma, com os olhos do coração. Contemplava sua alma, que era disputada pelo Anjo e pelo Diabo. Se Ogin, a seus pés, não houvesse naquele instante erguido para ele o rosto molhado de lágrimas... Mas ela havia erguido seu rosto. Além disso, seus olhos inundados de lágrimas abrigavam um brilho misterioso e haviam-no fitado longamente. O que fulgurava no fundo de seus olhos não era somente a alma inocente de uma donzela, era também a alma de toda a espécie humana, os “degredados filhos de Eva”.

— Papai! Vamos juntos para o Inferno! Mamãe também, eu também, também meus pais que ali descansam, deixemos-nos tomar pelo Diabo!

Magoshichi finalmente se rendeu.

Esta história, dentre várias outras acerca dos mártires de nosso país, foi transmitida à posteridade como um dos fracassos mais vergonhosos. Dizem que os curiosos, mesmo aqueles que ignoravam o que fosse aquele “Deus” — homens e mulheres, jovens e velhos —, odiaram os três quando abjuraram sua fé. Talvez se tenham ressentido por não terem podido assistir ao suplício pelo qual tanto esperavam. Conta-se também que o Diabo,

OGIN

68 | tomado nessa hora por imenso regozijo, transformou-se em um grande livro e sobrevoou o campo de execução durante toda a noite. Mas o autor se pergunta com ceticismo se o Diabo deveria ter se alegrado tão excessivamente com uma vitória tão duvidosa.

Agosto de 1922

O MÁRTIR

| 69

Ainda que vivamos trezentos anos e nos saciemos de todos os prazeres, que será tudo, se não um sonho efêmero, em comparação com este júbilo eterno?

Guia do Pecador

(Fragmento de uma tradução feita na era Keichô)¹

Aqueles que entrarem no caminho do Bem
conhecerão a indizível doçura da Santa Doutrina.

Imitatione Christi

(Fragmento de uma tradução feita na era Keichô)

I

HAVIA NAQUELA época, numa *Ekereshiya* [igreja] chamada Santa Lúcia, em Nagasaki, no Japão, um rapaz nativo daquele país que tinha por nome Lorenzo. Haviam-no encontrado na noite da festa da Natividade, prostrado de fome e de fadiga diante do portão da *Ekereshiya*. Os fiéis que ali iam rezar o socorreram e o padre, tomado de piedade, resolveu adotá-lo na igreja. Mas, coisa curiosa, cada vez que lhe perguntavam sobre sua origem, nunca esclarecia a verdade e, rindo com naturalidade, dizia que sua terra natal era *Haraíso* [Paraíso] e que o

¹Era Keichô: período histórico japonês, de 1596 a 1615.

O MÁRTIR

70 | nome de seu pai era *Deusu*. Mas, como um *kontatsu* [rosário] de contas azuis enrolado em torno de seu punho indicava que ele não havia nascido de pais *zencho* [gentios, pagãos], o padre superior e todos os outros *Irumano* [Irmãos de fé] concluíram que não havia razão alguma para suspeitar dele e o ajudaram com muito boa disposição. Apesar de sua pouca idade, o ardor de sua devoção impressionava os *Superioresu* [Padres superiores]. Todos diziam que ele sem dúvida era a encarnação de um anjo e, embora ignorassem onde nasceria e quem eram seus pais, tinham por Lorenzo uma afeição sem limites. Além disso, seu rosto puro como uma pérola, sua voz delicada, quase feminina, devem ter inspirado ainda mais caridade entre os fiéis. Entre eles encontrava-se o também nativo Irmão Simeão, que o tratava como se fosse seu irmão mais velho, podendo-se sempre vê-los de mãos dadas como dois amigos, dentro ou fora da igreja. Simeão vinha de uma família importante de samurais que estivera a serviço de um daimiô importante. Sendo de estatura notável e tendo por natureza uma força extraordinária, não foram somente uma ou duas vezes que ele protegeu os Padres dos apedrejamentos dos infames *zencho*. Quando era visto com Lorenzo, tinha-se a impressão de uma águia selvagem estava ligada pela amizade a uma pombinha. Ou de uma videira selvagem em flor que se enrolava em torno dos ciprestes do Monte Líbano. Mais de três anos rapidamente se passaram e, afinal, Lorenzo estava pronto para a cerimônia de iniciação ao mundo dos adultos.² No entanto, na-

²*Genpuku*: cerimônia de maioridade realizada para os meninos entre os 12 e 15 anos de idade.

AKUTAGAWA

71

quela época, espalhou-se um boato duvidoso segundo o qual a filha de um comerciante de guarda-chuvas de um bairro não muito distante de Santa Lúcia se encontrava com Lorenzo. O velho comerciante, que também cultivava os ensinamentos do Senhor *Deusu*, frequentava a igreja com a filha. Os olhos da moça, mesmo entre as preces, não se desviavam de Lorenzo, que, incensório à mão, servia no altar. Sempre que ia à igreja, penteava-se cuidadosamente, nunca deixando de lançar olhares em sua direção. Aquela atitude não poderia passar despercebida aos outros fiéis: um dizia que a jovem havia pisado, de passagem, o pé de Lorenzo; outro jurava mesmo haver visto os dois jovens trocarem cartas de amor. Então, parece que o padre pensou não poder deixar aquela situação como estava. Um dia, tendo convocado Lorenzo, perguntou-lhe docemente, mordendo a ponta da barba branca:

— Ouvi falar de uns rumores sobre você e a filha do comerciante de guarda-chuvas. Isso não é verdade, é? E então?

A essas palavras, Lorenzo, meneando tristemente a cabeça, não fez mais que repetir numa voz chorosa:

— Não há motivos para o senhor acreditar numa coisa dessas, meu pai.

O padre, de fato, ouvindo-o tão afirmativo, teve de se render à ideia de que, dadas sua idade e sua constante devoção, Lorenzo não poderia estar mentindo. A dúvida foi assim provisoriamente dissipada do espírito do padre. Mas entre os fiéis de Santa Lúcia os rumores não se extinguíram tão facilmente. Mesmo Simeão, para quem Lorenzo era como um irmão, estava extremamente desconfiado. No início tinha vergonha de

O MÁRTIR

72 | inquiri-lo abertamente sobre tais rumores indecentes, não ousando sequer olhar Lorenzo no rosto. Um dia, no entanto, no jardim de trás da igreja de Santa Lúcia, ele encontrou uma carta de amor da moça endereçada a Lorenzo e, aproveitando-se de estarem a sós num aposento, sacudiu-lhe a carta sob o nariz e interrogou-o, alternando ameaças e persuasão. No entanto, Lorenzo, o rubor manchando seu belo rosto, contentou-se em responder:

— Sem dúvida essa jovem está enamorada de mim. Mas, quanto a mim, o que fiz foi receber suas cartas, nada mais. Não lhe dei nem mesmo a oportunidade de falar comigo.

Mas Simeão, sensível à reprovação pública, prosseguiu seu severo interrogatório. Lorenzo, olhando fixamente o Irmão com um ar desolado, disse-lhe como se o repreendesse:

— Então, quer dizer que eu seria capaz de mentir até a você?

E, virando-se com a rapidez de uma andorinha, deixou bruscamente o quarto. A essas palavras, Simeão, envergonhado por ter ido longe demais em sua suspeita, estava para sair também ele, desalentado, quando alguém entrou subitamente no aposento. Era Lorenzo. Lançou-se no pescoço de Simeão, abraçando-o, e sussurrou arquejante:

— A culpa foi minha! Perdoe-me!

E, antes que Simeão tivesse tempo de lhe dizer qualquer coisa, talvez para esconder o rosto molhado de lágrimas, Lorenzo se afastou bruscamente, quase atropelando-o, e fugiu inopinadamente na direção de onde viera. Dizem que Simeão se perguntou então, sem

AKUTAGAWA

73

poder tirar nenhuma conclusão, se por aquelas palavras “A culpa foi minha” o rapaz se arrependia de sua ligação secreta com a jovem ou se simplesmente expressava o arrependimento de lhe haver respondido com certa brusquidão.

Pouco tempo depois, espalhou-se o boato de que a filha do comerciante de guarda-chuvas estava grávida. A filha declarou a seu pai que esperava um filho de Lorenzo de Santa Lúcia. Assim, o velho comerciante de guarda-chuvas, ardendo de raiva, não tardou a clamar por justiça ao padre. Acuado pelos acontecimentos, Lorenzo não encontrava nenhuma justificativa em seu favor. No curso do mesmo dia, após uma reunião com o padre e os irmãos, decidiu-se que Lorenzo seria excomungado. Isso feito, ele deveria perder também a proteção do padre e, evidentemente, se acharia sem recursos. Com efeito, guardar tal pecador na comunidade de Santa Lúcia poderia comprometer a *Guroriya* [Glória] de Nosso Senhor e, assim, mesmo aqueles que lhe queriam bem, contendo as lágrimas, consentiram em excomungar Lorenzo.

O mais infeliz de todos era Simeão, que o considerava seu irmão. Mais do que tristeza pelo fato de Lorenzo ter sido excomungado, o que Simeão sentia era cólera por ter sido enganado por ele. Assim, esmurrou violentamente o belo rosto de Lorenzo, no momento em que o frágil rapaz, sem forças, deixava sozinho a *Ekereshiya* de Santa Lúcia, enfrentando o vento do início de inverno. Diz-se que Lorenzo caiu por terra com a força do golpe brutal, mas que se levantou em seguida e que, erguendo aos céus os olhos marejados de lágrimas, disse numa voz trêmula:

O MÁRTIR

74 |

— Senhor, perdoai-o! Simeão não sabe o que faz!

A essas palavras, Simeão perdeu o alento. Por uns instantes, permaneceu de pé à porta, dando murros no vazio, mas os outros irmãos intervieram acalmando-o e, cruzando então os braços, o rosto arisco e sombrio como um céu que anuncia tempestade, ficou a olhar fixamente, como se a quisesse devorar, a figura de Lorenzo, que, esmorecido, atravessava o portão de Santa Lúcia. Segundo os fiéis que assistiram à cena, o astro Sol, tremulando ao vento frio, declinava no horizonte a oeste de Nagasaki, justamente do lado para onde se dirigia a cabeça solitária de Lorenzo; dizem que sua silhueta delicada se sobrelevava dentro da flama crepuscular que abrasava o céu. Depois disso, Lorenzo, completamente diferente da época em que portava o incensório diante do altar de Santa Lúcia, transformou-se num indigente miserável, vegetando num arrabalde distante da cidade, em um dos barracos destinados aos *hinin*.³ Além do mais, para a comunidade dos *zencho*, ele era desprezado como os *etori*,⁴ pois cultuava os santos ensinamentos do Senhor. Cheguei até a saber que, quando por essa época ele caminhava pela cidade, era objeto de escárnio entre as crianças desapiedadas; às vezes ele era até ameaçado com golpes de espadas e de varas, ou lhe atiravam pedras e telhas quebradas. E diziam também que, uma vez, acometido por uma febre assustadora

³*Hinin*: “não-pessoas”, não pertenciam a nenhuma classe social no período Edo (1603–1868); viviam da mendicância, da execução e do enterro dos condenados e do mundo das diversões vulgares.

⁴*Etori* ou *eta*: juntamente com os *hinin*, não eram considerados classe social no período Edo (1603–1868); dedicavam-se principalmente ao abate de bois e cavalos e ao tratamento de couros.

AKUTAGAWA

75

que grassava na cidade de Nagasaki, sofreu convulsões e ficou prostrado à beira do caminho por sete dias e sete noites. Mas a misericórdia infinita de *Deusu* salvou a vida de Lorenzo mais de uma vez: quando, por exemplo, ele não recebia esmolas, arroz nem dinheiro, *Deusu*, então, o provia de alimentação diária, ofertando-lhe frutas das árvores das montanhas, peixes e conchas do mar. Dizem também que Lorenzo, de sua parte, sem se esquecer do tempo em que estivera em Santa Lúcia, rezava de manhã e à noite, conservando enrolado em torno do punho o rosário, que guardava ainda sua cor fresca e azulada. Imaginem! Isso não é tudo: tarde da noite, quando cessava todo ruído humano e tudo mergulhava no silêncio, aquele jovem saía secretamente do arrabalde, deixando seu barraco de *hinin*, e, andando sob a claridade da lua, dirigia-se a Santa Lúcia, que fora seu lar por tanto tempo, a fim de implorar a proteção do Senhor *Zesu Kirishito* [Jesus Cristo].

Mas, nessa época, os fiéis que frequentavam a Igreja já o tratavam com frieza; ninguém, nem mesmo o padre, tinha piedade dele. E com toda a razão. Convencidos de sua conduta amoral desde sua excomunhão, como poderiam imaginar que ele fosse um praticante tão fervoroso a ponto de ir rezar todas as noites, sozinho, na igreja? Mesmo considerando que nada poderia fazer contra aquele desígnio insondável de *Deusu*, que infelicidade Lorenzo devia suportar!

Agora, voltemos à filha do comerciante de guarda-chuvas. Pouco após a excomunhão de Lorenzo, ela deu à luz uma menina prematura. Até mesmo seu velho pai, apesar da intransigência de caráter, não pôde deixar de se enternecer à vista da primeira netinha. Juntamente

O MÁRTIR

76 | com a filha, tratava cuidadosamente do bebê, chegando mesmo a carregar a criança em seus braços, trazendo-lhe às vezes uma boneca para alegrá-la. Compreendiam-se bem as reações daquele velho pai. Porém, mais inesperadas foram as do Irmão Simeão. Aquele homem forte, que subjugaria até o *Diyabo* [Diabo], aproveitava qualquer ocasião, desde que a criança nascesse, para visitar o velho comerciante de guarda-chuvas. Tomando o pequeno ser em seus braços grosseiros, as lágrimas lhe escorriam sobre o rosto perturbado; ele certamente se recordava da silhueta delicada de Lorenzo, por ele amado como um irmão. Mas a jovem mãe, como que ressentida e lamentosa de que Lorenzo não lhe tivesse dado qualquer sinal de vida desde sua partida de Santa Lúcia, não parecia apreciar as visitas de Simeão. Assim como um provérbio nosso que diz “Ninguém se livra da barreira do tempo”, vejamos que, entre isso e aquilo, mais de um ano se passou num piscar de olhos. Foi então que aconteceu uma catástrofe totalmente imprevista: um grande incêndio destruiu, em uma noite, metade da cidade de Nagasaki. O horror da visão daquelas horas foi algo tão arrepiante que até nos levou a crer que os sons das trombetas do Juízo Final estivessem retumbando, a dilacerar o céu abrasado. Naquela ocasião, a casa do velho comerciante de guarda-chuvas, como se encontrasse, infelizmente, na direção do vento, foi envolvida pelo fogo num instante, mas foi só após todos os membros da família fugir em pânico que perceberam que o bebê não se encontrava entre eles. Na hora da fuga, haviam-se, certamente, esquecido que o bebê estava dormindo num dos quartos. O velho então vociferou, batendo os pés no chão. A mãe se teria lançado às

AKUTAGAWA

chamas para resgatar sua criança, se não a tivessem impedido. Nesse meio tempo, o vento foi se tornando cada vez mais forte, as labaredas das chamas se lançavam tão alto que pareciam queimar até as estrelas do firmamento. Os habitantes da cidade que tinham vindo ajudar a dominar o fogo se agitavam em vão e nada mais podiam fazer além de tentar acalmar a mãe, quase enlouquecida. Foi bem naquele instante que, abrindo caminho na multidão, um homem se aproximou correndo. Era o Irmão Simeão. Homem forte, como que acostumado a desafiar o perigo nos campos de batalha, Simeão se lançou corajosamente nas chamas assim que percebeu o que se passava. No entanto, talvez tenha sido a intensidade das chamas que o tivesse feito recuar. Depois de tentar afrontar duas ou três vezes as nuvens de fumaça, deu meia-volta e recuou de vez. Dirigiu-se ao velho comerciante e à sua filha e lhes disse:

— Este fogo é também um efeito da Providência de *Deusu*. É preciso que nos resignemos.

Nesse instante, ouviu-se uma voz não se sabe de quem, vinda do lado do velho comerciante, a clamar em alto e bom tom:

— Senhor! Ajudai-me!

Simeão, que pareceu reconhecer aquela voz, virou a cabeça e, olhando fixamente para aquele que assim gritara, oh, assombro!, era... Lorenzo, o inconfundível Lorenzo! O rosto emaciado e puro refletia o brilho vermelho do fogo e seus cabelos negros, agitados pelo vento, se alongavam cheios sobre os ombros, mas se reconhecia num só olhar o seu perfil gracioso e melancólico. Diante da multidão que se aglomerava, Lorenzo, com sua aparência de mendigo, contemplava fixamente

O MÁRTIR

78 | a casa em chamas. Foi uma impressão que não durou mais que um instante e, quando um vento terrível soprou avivando ainda mais o fogo, a figura de Lorenzo já desaparecera em meio às pilastras, às paredes e às vigas, todas em chamas. Simeão, com o suor escorrendo em todo seu corpo, desenhou um sinal da cruz em direção ao alto do céu e gritou, ele também: “Senhor, ajudai-nos!”

Nesse instante, sem que nem ele mesmo soubesse o porquê, irrompeu no fundo de seus olhos, como deveria contar mais tarde, a silhueta melancólica e graciosa de Lorenzo destacando-se no portão de Santa Lúcia, banhado pelo sol crepuscular que tremulava ante o vento de inverno. Enquanto isso, os fiéis ali presentes, embora surpreendidos pela corajosa atitude de Lorenzo, não conseguiam esquecer seu passado pecaminoso. Imediatamente, várias críticas atravessaram, carregadas pelo vento, a multidão em bulício. Muitas vozes se juntavam no maldizer: “Não há dúvida, a afeição paternal é o mais forte dos sentimentos. Vejam Lorenzo, que não aparecia mais entre nós porque tinha vergonha de seus pecados, agora enfrenta o fogo para salvar a filha!”

Desde que vira Lorenzo, o velho comerciante também parecia concordar com a multidão e, sozinho, talvez para esconder a estranha emoção que o agitava, ora se levantava, ora se agachava nervosamente, proferindo apenas absurdos. Mas a filha, nesse meio tempo, transfigurada e ajoelhada sobre o solo, enterrava o rosto entre as mãos e parecia não mover o corpo, tão concentrada estava na prece. Choviam fagulhas naquele céu. A fumaça em movimento célere açoitava-lhe o rosto. Mas,

AKUTAGAWA

com a cabeça abaixada e em silêncio, ela estava imersa na prece, esquecida do mundo e de si mesma. | 79

Nesse ínterim, a multidão aglomerada de novo diante do fogo reverberou em uníssono e, cabelos emaranhados, Lorenzo já reaparecia, em meio às labaredas que se desprendiam, como se descesse do céu, o bebê entre os braços. Justo naquele instante, uma viga pareceu ter se rompido de repente pela metade. Com um barulho estrondoso, levantou-se em direção ao céu um enorme feixe de chamas e de fumaça e imediatamente a silhueta de Lorenzo desapareceu, restando apenas uma coluna de fogo semelhante a um enorme coral a se abraçar no alto do céu.

Penalizados por tamanha falta de sorte, todos os fiéis, a começar por Simeão, e até o velho comerciante, foram tomados por uma sensação de vertigem. Perturbou-se especialmente a jovem mãe, que, dizem, lançou um grito lancinante, pulou num salto que deixou entrever suas pernas e logo se atirou sobre o solo, como se tivesse sido atingida por um raio. Mas quando se viu — ninguém sabe em que momento isso se deu — o bebê arrancado à morte iminente nos braços da jovem mãe prosternada, ah!, qual não foi a emoção! Ah! A sabedoria e o poder de *Deusu* infinitamente misericordioso! Nenhuma palavra poderia lhe render homenagem! O bebê, que Lorenzo havia atirado com todas as suas forças no momento em que a viga em chamas caía sobre ele, havia rolado sem o menor ferimento bem aos pés da jovem mãe.

Enquanto sua filha, atirando-se à terra, sufocava as lágrimas de alegria, o velho, os braços voltados para o céu, louvava solenemente o coração misericordioso do

O MÁRTIR

80 | Senhor — ou, talvez devêssemos dizer, se preparava para louvá-Lo, quando Simeão se lançou no meio daquele turbilhão de fogo com a intenção de salvar Lorenzo; e, então, a voz do velho se elevou de novo, numa prece aflita e pungente ao céu noturno. Mas sua voz já não era a única. Todos os fiéis que estavam em volta do velho e de sua filha se juntaram a eles em lágrimas, rezando numa só voz: “Senhor! Salvai-os!”. E o Filho da *Biruzen Maria* [Virgem Maria], Nosso Senhor *Zesu Kirishito*, que chama a Si as dores e as tristezas de todos os homens, escutou aquela prece. Vejam! Eis Lorenzo, que, cruelmente ferido pelo fogo, já está a salvo das chamas e da fumaça carregado nos braços de Simeão! Mas a catástrofe daquela noite ainda não terminara. Foi quando se apressavam a transportar Lorenzo agonizante para diante da porta da *Ekereshiya*, que o fogo não atingira; foi então que a filha do comerciante de guarda-chuvas, com os olhos molhados de lágrimas, apertando sua criança ao seio, ajoelhou-se aos pés do padre que naquele preciso momento tinha vindo à porta e, em presença de todas as pessoas ali aglomeradas, fez sua *kohisan* [confissão], para surpresa geral.

— Esta criança não é filha de Lorenzo. A verdade é que ela nasceu das relações secretas que eu tive com o filho do vizinho, um *zencho*!

O tremor de sua voz tensa e decidida, o brilho de seus olhos molhados, nada permitia fazer duvidar, nem por um instante, da veracidade daquela confissão. Era bem natural que os fiéis que ali se acotovelavam perdessem a voz, emocionados, num angustiado silêncio, esquecendo-se até das chamas que abrasavam o céu.

A jovem, enxugando as lágrimas, continuou:

AKUTAGAWA

— Naquela época, eu estava enamorada de Lorenzo. Mas, pela devoção de sua fé, ele sempre me tratava com indiferença. Então, isso provocou ressentimento em meu coração e, afirmando falsamente que ele era o pai da minha filha, quis que ele soubesse do sofrimento profundo que sua atitude suscitara em mim. Mas a nobre generosidade de Lorenzo, longe de fazê-lo odiar a vileza do meu pecado, o fez esta noite enfrentar chamas tão terríveis quanto as do *Inheruno* [Inferno] para salvar minha filha. Sua piedade, sua atitude, tudo me faz ver nelas a nova vinda de Nosso Senhor *Zesu Kirishito*. Considerando a extrema gravidade de meus pecados, não vou poder reclamar quando meu corpo for esquartejado pelas garras do *Dyabo*.

Sem nem mesmo acabar sua confissão, jogou-se por terra e caiu em prantos. Foi justamente naquele instante que, das bocas dos fiéis apinhados em volta deles, ondas de gritos se elevaram: “*Maruchiri! Maruchiri!*” [Mártir! Mártir!]. Admiravelmente, com o coração cheio de piedade para com a pecadora, Lorenzo rebaixou-se até a condição de mendigo, seguindo os passos de Nosso Senhor *Zesu Kirishito*. Nem o padre, que ele respeitava como seu próprio pai, nem o Irmão Simeão, que ele considerava seu irmão, ninguém conhecia seu coração. Que seria ele, senão um *maruchiri*?

Quanto a Lorenzo, ele se contentou em aquiescer duas ou três vezes enquanto ouvia a *kohisan* da jovem mãe. Seus cabelos estavam queimados, a pele calcinada, os membros inertes, os lábios já não demonstravam condições de proferir o que fosse. Com o coração partido após ouvir a *kohisan* da jovem, o velho e Simeão se desfaziam em cuidados, acorados em volta de Lorenzo.

O MÁRTIR

82 | Mas sua respiração, cada vez mais entrecortada, anunciava que o fim estava próximo. Somente seu olhar puro como as estrelas ainda permanecia o mesmo, voltado em direção ao longínquo céu.

Depois de ouvir a *kohisan* da jovem, a barba branca agitada pelo vento noturno em fúria, o padre declarou solenemente, tendo às suas costas o portão de Santa Lúcia:

— Felizes os que se arrependem! Que ser humano ousaria infligir uma punição a esses bem-aventurados? Daqui em diante, minha filha, deverás observar bem os mandamentos do Senhor para poderes esperar em paz o dia do Juízo Final! Os votos que Lorenzo tomou a si de seguir a conduta de Nosso Senhor *Zesu Kirishito* dão mostra de uma virtude sem igual entre os fiéis deste país. Sobretudo, não nos esqueçamos de que, sendo ainda muito jovem...

Mas o que será que teria acontecido? O padre, que assim se pronunciava, calou-se de repente, como se vislumbraresse a luz do *Haraiso*, contemplando Lorenzo estendido a seus pés. Que respeito não exprimia então a atitude do padre! O tremor de suas mãos anunciava alguma coisa de extraordinário. Oh! Em suas faces ressecadas, as lágrimas escorriam sem parar!

Olhe bem, Simeão! Olhe bem, velho comerciante de guarda-chuvas! No peito do garoto de uma beleza maravilhosa, que se encontrava deitado em silêncio sob o portão de Santa Lúcia, iluminado pelos reflexos das chamas, mais vermelhas ainda do que o sangue de Nosso Senhor *Zesu Kirishito*, apareciam, através dos buracos de sua roupa queimada, dois seios imaculados semelhantes a duas grandes pérolas. Seu rosto cruelmente queimado

AKUTAGAWA

expressava uma doçura inata agora impossível de dissimular. Ah! Lorenzo era uma mulher! Lorenzo era uma mulher! Vejam vocês, que se enfileiram como um muro, de costas para as chamas! Lorenzo, expulso de Santa Lúcia por haver pecado contra a luxúria, era uma mulher deste país e seus olhos eram tão encantadores quanto os da filha do comerciante!

Momento de sublime terror! Dizem que se tinha mesmo a impressão de se ouvir a sagrada voz do Senhor a se propagar de um céu mais longínquo que a esfera estrelada. Assim, todos os fiéis reunidos diante de Santa Lúcia, qual espigas de trigo ondulando ao vento, abaixaram a cabeça e se ajoelharam ao redor de Lorenzo, sem que se soubessem quem teria sido o primeiro. Tudo o que se ouvia eram os rugidos do enorme incêndio que abrasava o alto céu. Não, havia também alguém que soluçava. Seria a filha do comerciante de guarda-chuvas? Ou talvez Simeão, que se havia considerado seu irmão? Logo, os braços estendidos sobre Lorenzo, o padre entoou uma prece solene e triste que ecoou no silêncio melancólico. No instante mesmo em que findou a prece, aquela moça nativa do país que fora chamada de “Lorenzo”, havendo entrevisto a *Guroriya* do *Haraíso* para além da noite ainda escura, expirou docemente, um sorriso sereno pairando sobre os lábios.

Ouvi dizer que isso é tudo quanto se pôde saber da vida daquela mulher. Mas haveria necessidade de mais dados? O que é mais precioso no mundo condensa-se no interior de um instante insubstituível de emoção. Dizem que a vida verdadeiramente digna de ser vivida é aquela que lança uma onda no céu das paixões e dos desejos mundanos, que são como um mar de noite es-

O MÁRTIR

84 | curo, captando assim o clarão da lua ainda invisível nas espumas das ondas. Assim, pois, os que conhecem o fim último de Lorenzo não conhecem também toda a sua vida?

II

Um dos livros de minha biblioteca, publicado em Nagasaki pela Companhia de Jesus, tem por título *Regenda aurea*. Trata-se, a meu ver, da *Legenda áurea*, mas seu conteúdo não coincide necessariamente com o que comumente se conhece na Europa como “Lendas áureas”. O livro registra ao mesmo tempo pregações e atos de apóstolos e santos daquelas terras e feitos de bravura e devoção dos cristãos de nosso país. Desejava-se assim contribuir para a evangelização do Japão.

Compõe-se de dois tomos, escritos em *hiragana*⁵ mesclados com ideogramas de estilo cursivo, impressos em papel Mino. A impressão falha não revela se é ou não tipográfica. Sobre o frontispício do tomo I, o título está impresso horizontalmente em latim e, logo abaixo, impressas verticalmente em caracteres chineses, há duas linhas, nas quais se pode ler a data: “Gravado no ano de 1596 do nascimento de Nosso Senhor, primeira dezena do terceiro mês lunar, do segundo ano de Keichô”. De cada lado, há uma imagem de um anjo tocando uma trombeta. Embora de técnica bastante pueril, não lhe falta certo sabor. O frontispício do tomo II está composto da mesma maneira, diferindo somente na data: “Gravado na segunda dezena do quinto mês lunar...”.

⁵*Hiragana*: designação de um dos sistemas de transcrição fonética da língua japonesa.

AKUTAGAWA

85

Os dois tomos comportam, cada um, sessenta páginas aproximadamente. As “Lendas áureas” aqui publicadas totalizam oito capítulos no tomo I e dez no tomo II. Em cada um dos tomos, encontramos um prefácio de autor anônimo e um índice em japonês e também em latim. Nos prefácios notamos uma linguagem não muito elegante, muitas vezes ocorrendo expressões que parecem construir uma tradução literal de textos europeus, fatos que nos fazem pensar se não teriam sido redigidos pelas mãos de algum padre ocidental.

“O mártir”, que apresentei acima, está baseado no capítulo II do tomo II. Trata-se certamente de um relato fiel de um acontecimento que ocorreu numa igreja cristã de Nagasaki. Entretanto, a “Crônica do porto de Nagasaki”, assim como outros documentos, guarda silêncio sobre o grande incêndio a que se aludiu no texto, não se podendo, portanto, determinar sua data exata.

Em relação a “O mártir”, visto que seria publicado, concedi-me a liberdade de acrescentar alguns floreios retóricos. Se o estilo claro e elegante do texto original não tiver sido muito deturpado, sentir-me-ei lisonjeado.

Agosto de 1918



TERRA MORTA

| 87

Convocando Jôshô e Kyorai, disse o mestre: “Ontem à noite, insone, tomado por uma súbita inspiração, pedi a Donshû que a pusesse por escrito. Apreciem, por favor, este poema:

Doente em viagem,
Peregrinam sonhos meus
Por uma terra morta”.

Diário de Hanaya¹

ERA PELA TARDE do dia doze do décimo mês lunar do ano sete da era Genroku.² O céu avermelhado do amanhecer convidava os comerciantes de Ôsaka que acabavam de se levantar a tornar os olhos para além dos telhados mais distantes, a fim de averiguar se choveria como na véspera. Felizmente, a chuva nem sequer chegou a esfumaçar as copas cheias dos salgueiros e logo se firmou uma tarde de inverno serena e clara, embora um pouco nublada. Naquele dia, mesmo as águas dos rios,

¹*Diário de Hanaya* é a coletânea de impressões, diálogos e cartas referentes às viagens, ao adoecimento e à morte de Bashô, escritas por seus discípulos. *Jôshô Naitô* (1662–1704): tal como certos nomes citados na obra (Kyorai, Kikaku, Shikô), é um dos dez principais discípulos de Bashô (*Bamon jittetsu*), mestre de haikai. *Kyorai*: trata-se de Kyorai Mukai (1651–1704), organizador da coletânea *Sarumino* de Bashô. *Donshû*: haicaísta de Ôsaka.

²Era Genroku: divisão histórica do Japão, de 1688 a 1704. A data aqui referida é novembro de 1694.

TERRA MORTA

88 | que corriam preguiçosamente por entre as casas de comércio enfileiradas nas margens, estavam pálidas, sem seu brilho costumeiro, e, talvez fosse impressão, os restos de cebolinha que nele flutuavam não apresentavam sua fria cor verde habitual. Além disso, os transeuntes que passavam pelas margens do rio, uns com a cabeça encapuzada, outros calçados de *tabi*³ de couro, caminhavam, todos, com um ar ausente, como se tivessem se esquecido do vento frio do norte que soprava mundo afora. As cores dos cortinados das lojas, o vaivém dos carros, o som de *shamisen* longínquo do teatro de bonecos — tudo resguardava o silêncio daquela tarde calma e clara de inverno, na qual nem sequer se movia a poeira acumulada sobre os adornos dos balaústres das pontes da cidade...

Naquela hora, na sala do fundo da casa de Nizae-mon Hanaya, situada no bairro de Midômae Minami Kyûtarô, Bashôan Matsuo Tôsei,⁴ a quem então se venerava como o grande mestre de haikai, estava para exalar seu último suspiro, encerrando em silêncio uma vida de cinquenta e um anos, “como se o fogo coberto pelas cinzas lentamente se fosse esfriando”, assistido pelos discípulos que haviam acorrido dos quatro cantos do país. Seriam quatro e meia? Ou já se aproximavam das cinco horas? Dentro da sala imensa, da qual haviam sido retiradas as paredes divisórias corrediças, o incenso aceso na cabeceira fazia subir um fio de fumaça

³*Tabi*: calçado usado junto com trajes japoneses, com uma divisão entre o dedão e os outros dedos.

⁴Bashô Matsuo (1644–1694): haicaísta que renovou a poesia, tratando tópicos do cotidiano com lirismo e enaltecimento, tendo escrito também diários de viagens.

AKUTAGAWA

89

que lançava sombras em algumas partes do papel novo da porta de correr, provocando uma aguda sensação de frio. A porta separava a sala do jardim, onde reinava o inverno. Ao redor de Bashô, que estava serenamente deitado com o travesseiro voltado para a referida porta corrediça, encontrava-se, mais próximo, o médico Mokusetsu, que, arqueando as sobrancelhas num ar de preocupação, observava sua pulsação espaçada, com a mão deposta sob o acolchoado. Encolhido bem atrás do médico, murmurando incessantemente o nome de Buda, via-se o velho criado Jirobê, que recentemente acompanhara o amo em sua última viagem, da região de Iga até Ôsaka. Depois, ao lado de Mokusetsu, ninguém deixaria de reconhecer o corpulento Kikaku Shinshi, que, inflando generosamente o peito sob a veste de seda, atentamente espreitava o estado do mestre, ao lado de Kyorai, que, com seu ar altivo, tinha os ombros elevados bem vestidos numa estampa miúda. Em seguida, atrás de Kikaku, portando no pulso um terço budista de figueira, postava-se Jôshô, ereto, com seu aspecto de monge. E ao seu lado estava Otsushû, que não cessava de fungar o nariz, talvez porque já não conseguisse suportar a tristeza que o dominava. Quanto à figura de monge de estatura baixa, que tentava disfarçar o estado já desgastado de sua veste e observava o ambiente com reprovação, o queixo levantado, tratava-se de Inen; ele estava sentado em frente de Mokusetsu e ao lado de Shikô,⁵ que tinha a pele amorenada e aparentava teimosia. Além desses, não havia mais que alguns discípulos

⁵Um dos dez principais discípulos de Bashô, trata-se de Shikô Kagami (1665–1731).

TERRA MORTA

90 | respeitando absoluto silêncio, parecendo nem respirar, dispostos à direita e à esquerda do leito do mestre, a quem prestavam a derradeira homenagem. Mas o único que, dentre todos, encolhido num canto da sala e prostrado sobre o tatame, deixava escapar dolorosos gemidos, parecia ser Seishû. Contudo, absorvido pelo frio silêncio do interior da sala, ele não chegava a emitir gemidos que perturbassem o imperceptível perfume de incenso à cabeceira do doente.

Um instante após haver pronunciado suas últimas palavras de maneira ambígua, a voz enrouquecida pela tosse e pelo pigarro, Bashô, com os olhos entreabertos, parecia ter entrado em estado de coma. Seu rosto, ligeiramente marcado pelas manchas de varíola, era de uma extrema magreza, sobressaindo-lhe apenas os ossos das maçãs do rosto; havia muito que a cor de vida se retirara de seus lábios cercados de rugas. Mas o que mais confrangia a vista era a expressão de seus olhos — uma luz vaga errava naqueles olhos que em vão fitavam algum ponto ao longe, como se aspirassem avistar o céu frio e sem limites que se estendia além dos telhados.

Doente em viagem,
Peregrinam sonhos meus
Por uma terra morta.

Pode ser que naquele instante, diante de seu olhar insondável, oscilasse, como que num sonho, a visão das sombras do crepúsculo de uma infinita terra morta, onde não brilharia sequer um raio de luar, exatamente como ele próprio vislumbrara em seu poema de despedida, três ou quatro dias antes.

— Água!

AKUTAGAWA

91

Assim dizendo, Mokusestu virou-se para Jirobê, sentado atrás dele em silêncio. O velho criado havia deixado preparados uma tigela de água e um palito com uma pluma na ponta. Pousando os dois objetos, timidamente, à cabeceira do amo, acelerou o movimento de seus lábios, como se a ideia subitamente lhe ocorresse, começando então a recitar com fervor o nome de Buda. Dentro do coração simples de Jirobê, homem criado nas montanhas, devia estar enraizada a sólida fé na crença de que, se todos renascerão na Terra Pura, Bashô, tanto quanto qualquer outra pessoa, precisaria recorrer à benevolência de Buda.

Por outro lado, durante a fração de segundo em que pedia a água, Mokusestu foi tomado pela mesma dúvida de sempre: será que ele, como médico, tinha realmente tentado tudo o que estava ao seu alcance? Mas logo se recuperou, voltou-se para Kikaku, sentado ao seu lado, e, em silêncio, fez-lhe um breve aceno com a cabeça. Foi naquele instante que uma sensação tensa, a de que o último momento havia chegado, atingiu o espírito de todos aqueles que rodeavam o leito de Bashô. Mas não se pode negar que, ao mesmo tempo, certa sensação de distensão — ou melhor, um estado de espírito semelhante ao alívio — tenha passado por eles: o que haveria de chegar havia finalmente chegado. Porém, aquele estado de espírito, semelhante ao alívio, era de uma natureza tão sutil que ninguém parecia querer aceitar conscientemente sua existência, de modo que até Kikaku, o mais realista de todos os presentes, quando o leu, num relance, também em Mokusestu, com quem casualmente cruzara o olhar, mal conseguiu ocultar o embaraço. Desviou apressadamente o olhar para o lado e, tomando

TERRA MORTA

92 | da pluma como se nada houvesse acontecido, dirigiu a palavra a Kyorai:

— Com sua licença, permita-me ser o primeiro. — E, molhando a pluma com a água da tigela, aproximou os joelhos grossos, lançando um olhar furtivo ao rosto do mestre em seu derradeiro momento. Para dizer a verdade, mesmo antes desse instante chegar, ele já imaginara quanto seria dolorosa sua despedida final de Bashô. Mas seu estado de espírito, ao umedecer-lhe os lábios em penhor de uma última homenagem, contrariando totalmente suas previsões um tanto quanto teatrais, foi de completa frieza. Além disso, Kikaku não havia imaginado que o aspecto lúgubre do mestre moribundo, literalmente pele e ossos, fosse provocar-lhe uma repugnância assim tão profunda, a ponto de ele não conseguir se conter e ter de virar o rosto. Não, dizer simplesmente que era “profunda” ainda é pouco. O que sentia era a mais insuportável repugnância, que, qual um veneno invisível a olho nu, trazia-lhe até mesmo reações fisiológicas. Será que ele vertia sobre o corpo enfermo de seu mestre, que o acaso lhe apresentava naquele momento, sua aversão a todas as formas de feiura? Ou, então, será que, para o amante da “vida” que ele era, a realidade da “morte” constituía uma ameaça à natureza, que mais que tudo deveria ser amaldiçoada? O que quer que fosse, Kikaku, sentindo uma indizível repulsa pelo rosto de Bashô à beira da morte, mal acabando de passar, sem nenhuma tristeza, a pluma embebida de água em seus lábios finos e violáceos, retirou-se, contraindo o rosto. Embora uma espécie de sentimento de culpa — é verdade que apenas por um breve segundo — lhe tivesse aflorado no momento em que se retirava, a repulsa que

AKUTAGAWA

acabara de sentir parecia ser demasiado forte para dar lugar a considerações morais. | 93

Depois de Kikaku, quem retirou a pluma foi Kyo-rai, que parecia haver perdido toda a tranquilidade de espírito desde que Mokusetsu lhe fizera o sinal com a cabeça. Reputado por sua extrema modéstia, cumpriu discretamente os presentes e deslizou para a cabeceira de Bashô. Ao contemplar, no entanto, o rosto devastado pela enfermidade do velho mestre de haikai, não pôde deixar de sentir, mesmo a contragosto, uma estranha mistura de satisfação e arrependimento. Exatamente como a sombra e o sol que estão ligados pelo carma indissolúvel, essa mistura de satisfação e arrependimento havia atormentado aquele homem tímido nos últimos quatro ou cinco dias, sem lhe dar um momento sequer de folga. Em outras palavras, assim que soube que Bashô se encontrava em estado grave, tomou imediatamente o barco em Fushimi e, desde o instante em que bateu à porta de Hanaya, apesar do avançado da hora, não negligenciou os cuidados ao mestre um único dia. Além disso, solicitando a Shidô que se encarregasse de contratar ajudantes, enviando alguém ao santuário para orar ao deus Sumiyoshi por seu restabelecimento, consultando-se com Nizaemon Hanaya para a aquisição de alguns objetos indispensáveis, ele foi, sozinho, as rodas que movem a carruagem, assumindo a responsabilidade de toda e qualquer coisa. E é claro que foi ele mesmo quem tomou a iniciativa de cada tarefa, que depois se revelou necessária, sem ter a mínima intenção de provocar nos outros qualquer sentimento de dívida para com ele. No entanto, a consciência de sua completa dedicação na assistência ao mestre fez germinar no âmago

TERRA MORTA

94 | de sua alma um profundo contentamento de si. Enquanto essa satisfação ainda permanecia inconsciente, envolvendo suas atividades numa atmosfera agradável, ele não parecia ter sentido nenhum embaraço em seu comportamento cotidiano. Se não fosse assim, quando, numa noite de vigília, conversava com Shikô acerca das histórias deste mundo flutuante, sob a luz da lamparina, certamente não se ateria a apregoar tão longamente o princípio do *kôdô*,⁶ declarando devotar-se ao mestre como um filho se dedica aos pais. Mas, naquele instante em que ele assim se exaltava, percebeu no rosto do sarcástico Shikô o fugaz clarão de um sorriso malicioso e teve consciência de que alguma coisa se desregulava subitamente dentro da harmonia de seu espírito. Foi então que descobriu que a origem de tal desarranjo se encontrava em sua satisfação, que então percebeu pela primeira vez, e na reprovação que ele próprio sentia em relação a ela.

Velando o mestre gravemente adoentado, que provavelmente não passaria daquele dia, ele estaria mesmo preocupado com seu estado? Qual! Estava mesmo é contemplando com olhos preguiçosos de satisfação o desempenho das tarefas às quais ele mesmo se propusera. Isso certamente lhe provocou um sentimento de remorso, homem íntegro que era. A partir daí, começou naturalmente a sentir certo refreamento para fazer qualquer coisa, devido ao antagonismo de seus sentimentos. E, quando percebia nos olhos de Shikô a luz de um sorriso, mesmo fortuito, a consciência da satisfação

⁶*Kôdô*: dentro da doutrina confucionista, o princípio da piedade filial.

AKUTAGAWA

95

que sentira se acentuava indizivelmente e muitas vezes o fazia sentir-se ainda mais miserável pela sua baixeza.

E essa situação se prolongou por alguns dias, até aquele momento em que, à cabeceira do mestre, ele o homenageava oferecendo-lhe a última água: era digno de pena, mas até compreensível, ver aquele homem, que aliava uma grande probidade moral a uma inesperada fragilidade nervosa, perder totalmente o controle de si ante essa contradição interior. Kyorai, ao pegar a pluma, sentiu o corpo se enrijecer estranhamente e foi assaltado por uma excitação tão singular que a ponta branca embebida de água que roçava os lábios de Bashô não parava de tremer. Mas, por sorte, gotas de lágrimas se formaram enquanto isso, já quase transbordando de seus cílios, de modo que os discípulos que o observavam — entre eles provavelmente até o incisivo Shikô — sem dúvida devem ter interpretado sua excitação como consequência da aflição que sentia.

Levantando os ombros bem vestidos numa estampa miúda, Kyorai retornou timidamente a seu lugar e entregou a pluma às mãos de Jôshô, sentado imediatamente atrás. A atitude daquele homem devotado que, com os olhos baixos em sinal de respeito, umedecia calmamente os lábios do mestre enquanto revolia em sua boca uma prece inaudível, sem a menor dúvida se revestia, aos olhos dos circunstantes, de uma imponente solenidade. Mas, naquele instante solene, um riso sinistro se fez ouvir repentinamente, vindo de um dos cantos da sala. Não, naquele momento o que tiveram foi apenas a impressão de ter ouvido algo. Assemelhava-se a uma gargalhada eclodindo do mais profundo das entranhas, que, embora obstruída pela garganta e pe-

TERRA MORTA

96 | los lábios, parecia jorrar aos borbotões pelas narinas, sob um impulso irreprímível. Mas, desnecessário dizer, numa circunstância como aquela, ninguém poderia cometer o desrespeito de rir. Tratava-se, na verdade, dos soluços de Seishû, até então sufocados e reprimidos, que transbordavam rasgando-lhe o peito. Seus soluços eram a expressão extrema da dor mais profunda. Dentre os discípulos ali reunidos, vários foram os que se lembraram do famoso poema do mestre:⁷

Agita-te, túmulo!
Minha voz que se lamenta
É vento de outono.

Mas, apesar das lágrimas que também o sufocavam, Otsushû não pôde deixar de sentir certo mal-estar ante o exagero presente naqueles soluços exaltados ou, se a expressão não for apropriada, diante da falta de auto-controle que eles traíam. Mas esse mal-estar certamente devia ser de uma natureza apenas intelectual. Embora sua mente dissesse não, seu coração fora atingido pelos gritos lancinantes de Seishû e, sem que o percebesse, seus olhos se marejaram de lágrimas. No entanto, isso não alterava o mal-estar que sentia diante dos soluços de Seishû, pois tampouco se sentia orgulhoso de suas próprias lágrimas. No entanto, elas continuavam a lhe subir aos olhos sem parar — e então Otsushû, as mãos pousadas sobre os joelhos, acabou deixando escapar alguns gemidos sufocados. Mas Otsushû não era o único que, naquele momento, não conseguia conter o pranto

⁷Trata-se de um haikai da obra *Okuno hosomichi* (Sendas de Oku) composto em 1690, em homenagem a um poeta que falecera um ano antes da esperada visita de Bashô.

AKUTAGAWA

aflito. Entre os numerosos discípulos discretamente sentados aos pés do leito de Bashô, começaram quase que a um só tempo a elevar-se sons de choro e de soluços entrecortados, fazendo vibrar a quietude do ar frio e transparente da sala. | 97

Em meio a essas vozes de angústia e aflição, Jôsô, com o terço de contas de figueira no pulso, retornou a seu lugar, ainda mantendo a calma anterior. Shikô, que estava sentado em frente de Kikaku e Kyorai, dirigiu-se então à cabeceira. Shikô, também conhecido pelo nome de Tôkabô, famoso pela ironia, não parecia ter uma sensibilidade tão aguçada a ponto de, influenciado pelos sentimentos dos circundantes, chegar a verter lágrimas desnecessárias. Com a expressão sempre zombeteira no rosto amorenado e, ainda mais, mostrando curiosamente a insolência de praxe, passou a água nos lábios do mestre sem demonstrar o mínimo cuidado. Mas era inegável que até ele sentia, naquela circunstância, certa emoção.

Pensar em meus ossos
Expostos no campo ao vento
Que penetra o corpo.

Quatro ou cinco dias antes, o mestre agradecera-lhes repetidas vezes, dizendo:

— Eu, que pensava que morreria tendo por leito as folhas secas e por travesseiro a terra, poder realizar, sobre esse lindo acolchoado, os votos tão caros de uma morte serena constitui para mim a maior das felicidades.

Mas, em verdade, fosse em meio a um campo seco ou fosse na sala da casa de Hanaya, não haveria grande

TERRA MORTA

98 | diferença. Na realidade, mesmo ele, que naquele momento lhe umedecia a boca, preocupara-se até três ou quatro dias antes por seu mestre ainda não ter composto os versos de despedida. E, na véspera, esteve planejando organizar uma compilação dos *hokku*⁸ de Bashô, após seu desaparecimento. E enfim, naquele dia, até poucos instantes antes, contemplava com olhos atentos o mestre que lentamente se aproximava da morte, como se algo naquele processo lhe despertasse especial interesse. Se fôssemos mais longe, poderíamos até pensar ironicamente que por trás de seu olhar perscrutador se ocultava uma passagem do *Diário da morte do mestre*, que posteriormente deveria ser escrito por ele mesmo. Se assim fosse, enquanto assistia aos últimos momentos de Bashô, não estaria ele pensando em outra coisa senão na reputação de sua escola comparada às outras, nas vantagens e nas inconveniências dos discípulos ou então no cálculo do benefício pessoal — em suma, em nada que tivesse relação direta com o mestre agonizante. Portanto, poder-se-ia afirmar que Bashô, conforme havia pressentido com certa frequência em seus poemas, fora abandonado e exposto em meio à infinita terra seca da vida humana. Eles, os discípulos, longe de lamentar a morte do mestre, lamentavam, sim, a si mesmos, que o perderiam; longe de prantear a morte de seu guia completamente desamparado em meio a uma terra morta, eles choravam, sim, a si próprios, que perderiam o guia

⁸*Hokku*: historicamente, nome atribuído ao conjunto dos três versos iniciais, compostos por 5, 7 e 5 sílabas respectivamente, do poema encadeado humorístico chamado *rengano haikai*; ao adquirir existência independente, foi chamado de *haikai* e, posteriormente, na era Meiji, de *haiku*.

AKUTAGAWA

99

ao entardecer. Mas, mesmo acusando moralmente essa atitude, o que fazer, se a ingratidão é própria dos humanos? Mergulhado nesse tipo de reflexão pessimista, que ele considerava sua qualidade superior, Shikô terminou de umedecer os lábios do mestre, descansou a pluma na tigela d'água e, após encarar com um olhar de desprezo os discípulos à sua volta, que se afogavam num mar de lágrimas, retornou sem pressa a seu lugar. Entre eles, Kyorai, por exemplo, que era um homem de gênio bom, havia sido marcado desde o começo pela frieza de Shikô, o que só lhe acentuou a insegurança; Kikaku, por outro lado, mostrava uma estranha expressão de incômodo, certamente provocada pela sua irritação ante aquela mania de Tôkabô, cujo caráter e atitude demonstravam desprezo em toda e qualquer circunstância. Quando, depois de Shikô, Inen fez roçar no tatame a barra do seu hábito negro, enquanto lentamente se arrastava até o mestre, era manifesto que o fim definitivo de Bashô já estava iminente. Sua face estava ainda mais pálida e, às vezes, como que por esquecimento, a respiração cessava por entre os lábios que seus discípulos molhavam. De vez em quando, porém, como que por efeito de uma lembrança súbita, a garganta se contraía num grande espasmo e fazia passar de novo um débil sopro. Além disso, umas duas ou três vezes até se pôde ouvir o silvo de um pigarro no fundo de sua garganta. Sua respiração parecia se tornar gradualmente mais fraca. No momento em que Inen estava prestes a tocar com a ponta branca da pluma os lábios do agonizante, foi brutalmente assaltado por certo pavor que nada tinha a ver com a tristeza da separação pela morte. Era o pavor quase irracional de que, depois do mestre, o próximo a

TERRA MORTA

100 | morrer talvez viesse a ser ele próprio. Por irracional que fosse, uma vez assaltado por aquele pavor, não havia como opor-lhe resistência, por mais que quisesse. Por natureza, ele era dessas pessoas que, à simples menção da palavra *morte*, amedrontava-se de modo doentio. Desde há muito, mesmo quando fazia sua peregrinação de ordenamento, só de pensar em sua morte sentia um temor sinistro que fazia o suor escorrer-lhe pelo corpo todo. Assim, quando ouvia falar da morte de outra pessoa, de algum modo ele se sentia aliviado, pensando: “Ah! Que bom que não fui eu quem morreu!”. Ao mesmo tempo, havia vezes em que sentia, ao contrário, uma grande indiferença, pensando como seria se ele próprio estivesse morrendo. A morte de Bashô não constituiu exceção à regra. No início, enquanto a morte do mestre ainda não estava tão iminente — enquanto o sol das tardes claras de inverno batia no papel das portas corrediças e o aroma puro dos narcisos apresentados por Sonojo envolvia os discípulos que se reuniam à cabeceira do mestre, compondo poemas para consolá-lo —, esses dois estados de espírito, tão diferentes quanto luz e sombras, se alternavam nele conforme o momento. Mas, à medida que a morte do mestre se aproximava — desde o inesquecível dia das primeiras pancadas de chuva em que Mokusetsu inclinou a cabeça num gesto de preocupação, vendo o estado do mestre, que nem conseguia mais comer as peras que tanto apreciava —, desde aquele dia, sua tranquilidade foi pouco a pouco sendo substituída pela ansiedade e, no final, aquela ansiedade chegou até a deitar sobre seu espírito a fria sombra de um terrível mau agouro — o de que o próximo a morrer poderia ser ele. Foi por isso que, assaltado pelo

AKUTAGAWA

pavor durante todo o tempo em que, sentado à cabeceira, meticulosamente umedecia os lábios do mestre, não pôde olhar de frente aquele rosto quase à beira da morte. Não, parece que uma vez ele até tentou fitá-lo nos olhos, mas exatamente naquele momento ouviu-se o som surdo de um pigarro que obstruía a garganta de Bashô e, com isso, toda a coragem de Inen ruiu a meio caminho. “O próximo a morrer depois do mestre talvez seja você!”, zumbia sem cessar, no fundo de seu ouvido, esse pressentimento. Inen, mesmo após retornar a seu lugar, encolhendo o corpo já mirrado, olhava somente para cima, para não ver o rosto de ninguém, o que tornava ainda mais amargo o seu rosto azedo.

Em seguida, Otsushû, Seishû, Shidô, Mokusetsu e os outros discípulos que rodeavam o leito do enfermo umedeceram, um após o outro, os lábios do mestre. Mas a respiração de Bashô, enquanto isso, se fazia mais tênue a cada sopro, cada vez mais espaçada. Mesmo sua garganta já não se movia mais naquele momento. O rosto emaciado e semelhante à cera, com as pequenas marcas de varíola, as cores das pupilas de brilho opaco, que fitavam o espaço ao longe, e a barba branca como prata que lhe crescia no queixo... Enregelado numa frieza insensível, tudo nele parecia absorto na contemplação da Terra Pura para onde logo se encaminharia. Foi então que Jôso, sentado silencioso e cabisbaixo atrás de Kyorai, o devotado Jôso, monge do monastério zen, começou a sentir, à medida que a respiração de Bashô se debilitava, uma infinita tristeza e uma sensação de paz igualmente infinita a lhe fluírem docemente na alma. Quanto à tristeza, não é preciso explicá-la. Mas a sensação de paz era de uma estranha alegria, exatamente como se a luz fria

TERRA MORTA

102 | do amanhecer se expandisse paulatinamente por entre as trevas. E aquela paz, que eliminava a cada segundo todos os pensamentos mundanos, no final transformou até suas próprias lágrimas em pura tristeza, sem dores que lhe atormentassem o coração. Estaria ele se rejubilando pela alma do mestre, que transcendia a quimérica dualidade da vida e da morte, retornando à Terra Pura do Nirvana Eterno? Não, nem mesmo ele poderia afirmar que fossem esses os seus motivos. Então... Ah, quem se prestaria à tolice de enganar-se a si próprio, hesitando indefinidamente em vão? A serenidade que sentia Jôso se devia à alegria ante a emancipação de seu espírito livre, que por tanto tempo estivera subjugado pelos grilhões da influência da personalidade de Bashô e se preparava para, finalmente, com suas próprias forças, movimentar braços e pernas. Em meio a uma alegria triste e arrebatadora, ele passava as contas do rosário de figueira entre os dedos como se seus olhos não divisassem mais os discípulos que soluçavam ao redor; esboçando nos lábios um ínfimo sorriso, cumprimentou respeitosamente o mestre à hora suprema da morte.

Foi assim que Bashô-an Matsuo Tôsei, o grande mestre do haikai, inigualável no passado e no presente, se extinguiu *subitamente*, tendo à sua volta discípulos esmagados por uma “angústia sem limites”.

Setembro de 1918

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR[†]

| 103

I

ERA UMA MANHÃ do nono mês lunar do ano dois da era Tenpô.¹ Como de costume, no banho público Matsunoyu (“Vapores de Pinheiro”), que se situava no bairro Dôbôchô, em Kanda, havia muita gente desde cedo. O cenário que Sanba Shikitei descrevera alguns anos antes no *kokkeibon*² como sendo “o banho deste mundo flutuante que mistura os deuses xintoístas, os ensinamentos de Buda, o amor e o efêmero” não sofrera qualquer mudança. Um velho com um penteado caseiro feito por sua própria mulher cantarolava baladas, imerso na água; um, penteado de samurai ao estilo Honda, torcia sua toalha à saída do banho; um, penteado *ôichô*³ com

[†] *Gesaku zanmai* é o título original deste conto. *Gesaku*: em contraposição à literatura clássica, é a literatura popular *zokubungaku*, que floresceu no período Edo (1603–1868), composta principalmente de narrativas seriadas. Compõem esse gênero as brochuras xilografadas denominadas *sharebon*, *kokkeibon*, *ninjôbon*, *yomihon*, *kibyôshi* e outros. *Zanmai* (*sanmai*): termo do budismo que provém do sânscrito *samâdhi*: concentração; absorção; estado perfeito de concentração espiritual.

¹Ano dois da era Tenpô: 1831 da era cristã.

²*Kokkeibon*: tipo de *gesaku* (literatura popular do período Edo) de teor cômico; Sanba Shikitei (1776–1822) é seu escritor mais representativo.

³Literalmente, “ginkgo biloba grande”, penteado masculino,

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

104 | a parte frontal da cabeça raspada, tinha lavadas suas costas tatuadas; outro, com um viril penteado Yoshibê, lavava somente o rosto; uma cabeça raspada de monge sentada em frente à cuba cobria-se de água; cabelos presos como asas de libélulas, crianças brincavam entretidas com peixes vermelhos de cerâmica em baldes de bambu: sobre o pavimento estreito, pessoas das mais diferentes condições, todas fazendo reluzir seus corpos molhados, moviam-se no ar e se impregnavam do vapor denso que se levantava e da luz do sol matinal a penetrar pela janela. E era enorme a animação. Antes de mais nada, havia os sons do correr da água e do movimentar dos baldes. Depois, havia os sons das conversas e das canções. Por último, havia o som das baquetas batendo no balcão, chamando pelos serviços. Portanto, a entrada do banho a vapor estava num tumulto em tudo semelhante a um verdadeiro campo de batalha. E ali vinham os vendedores, que abriam o cortinado da entrada. E vinham os pedintes. Também havia clientes que entravam e saíam. Em meio a essa confusão...

Recolhido a um canto, em meio a essa algazarra, um velho sexagenário lavava-se calmamente. Ele parecia contar pouco mais de sessenta anos. Além de ter os cabelos das têmporas amarelados e mal-cuidados, seus olhos pareciam enfermos. Mas, embora magro, sua ossatura era firme, até mesmo robusta, e nas pernas e braços enrugados ainda conservava um vigor que resistia à velhice. O mesmo se pode dizer do rosto, que mostrava

comum entre os samurais, cuja ponta do tufo de rabo de cavalo engomado, preso ao alto da cabeça raspada, desenha um triângulo, tal qual a folha que o nomeia.

AKUTAGAWA

uma vigorosa energia animal, quase ameaçadora, que não diferia em nada dos seus tempos de maturidade, na região onde despontava a mandíbula, e ao redor da boca, ligeiramente grande. | 105

Ao terminar de esfregar cuidadosamente a parte superior do corpo, o velho, sem sequer se enxaguar com a água quente do balde, começou a lavar a parte inferior. Mas, por mais que se esfregasse com uma bucha de seda preta, de sua pele ressecada e estriada de pequenas rugas não se desprendia nenhuma crosta de sujeira. Talvez isso lhe tenha provocado uma melancolia outonal. Após lavar somente um pé, o velho, como se de súbito perdesse as forças, parou de movimentar a mão com a qual se esfregava e abaixou os olhos para a água turva do balde, onde se espelhava nitidamente o céu além da janela. Lá, os caquis vermelhos pendiam sobre uma parte do telhado, ligando os galhos poucos e esparsos.

Nesse momento, a sombra da “morte” projetou-se no coração do velho. Mas essa “morte” agora nada tinha de ameaçadora, comparada com a que o intimidara no passado. Pode-se até dizer que era uma consciência tranquila de nirvana, calma mas desejada, como o céu refletido na água do balde. “Se pudesse, em meio a essa ‘morte’, livrar-me de todos os desejos mundanos — se pudesse dormir sem preocupações, sem sonhos, como uma criança inocente, que felicidade não seria! Estou cansado, não só da vida. Estou cansado do sofrimento de décadas de criação incessante...”

Resignado, o velho ergueu os olhos. Ao redor, inúmeras pessoas, todas nuas, movimentavam-se vertiginosamente em meio ao vapor; às baladas de monges em romaria juntaram-se outras, como canções *meriyasu*

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

106 | do teatro *kabuki* e canções de amor *yoshikono*. Ali não se percebia nenhum vestígio da imagem da eternidade que tocara seu coração.

— Oh, mestre, encontrarmo-nos neste lugar! Nem em sonho pensei encontrar o mestre Kyokutei no banho matinal!

O velho se assustou com a voz repentina que assim o interpelava. A seu lado, um homem de penteado *hosoichô*⁴ de comerciante, de estatura mediana, a aparência saudável, sorria bem-humorado, com a toalinha molhada num ombro, em frente ao balde. Ele parecia ter saído do banho para tomar a última ducha de água limpa.

— Você, como sempre, de bom humor!

Sakichi Takizawa, também chamado Bakin, assim respondeu, um pouco ironicamente, enquanto sorria.

II

— Obrigado, mestre, mas não estou tão bem assim. A propósito, mestre, o seu *Hakkenden*,⁵ de suspense em suspense, fica cada vez mais interessante, é uma obra-prima!

⁴Literalmente, “ginkgo biloba fina”, penteado masculino do período Edo, cujo tufo de rabo de cavalo engomado, preso ao alto da cabeça raspada, tinha uma forma estreita de folha de ginkgo biloba.

⁵(*Nansô Satomi*) *Hakkenden*, “História dos Oito Cachorros (das Terras do Sul)”, refere oito virtuosos samurais cujos nomes contêm o ideograma para “cachorros”; obra seriada de Bakin Kyokutei, também conhecido como Bakin Takizawa (1767–1848), muito popular no período, escrito sob influência da literatura chinesa então recentemente importada, entre os anos de 1814 a 1832.

AKUTAGAWA

| 107

Enquanto punha no balde a toalha que tinha no ombro, o penteado *hosoichô* começou a discursar um tom acima.

— A maldosa viúva Funamushi se disfarça de tocadora cega de *shamisen* para se vingar e tenta matar Kobungo. Ela é presa e torturada, até que Sôsuke a salva. Essa passagem é realmente genial. E tudo isso vai ser decisivo para o reencontro inesperado de Sôsuke e Kobungo, não é? Não leve a mal a minha impertinência. Eu, Heikichi Ômiya, não passo de um comerciante de miudezas, mas em matéria de *yomihon*⁶ me considero um entendedor. E, no entanto, à sua obra *Hakkenden*, eu não tenho nenhuma crítica a fazer! Realmente, o senhor merece os meus parabéns.

Bakin, sem nada dizer, começou novamente a lavar os pés. Ele, naturalmente, sempre havia nutrido uma afeição comedida para com os leitores que admiravam sua obra. Mas essa afeição pelos leitores nunca influíra na sua avaliação deles como pessoas. Era uma consequência mais do que natural, dada a elevada inteligência de Bakin. Mas, curiosamente, o inverso, a influência do julgamento das pessoas sobre sua afeição, também pouco ocorria. Portanto, acontecia que ele sentisse, simultaneamente, desprezo e afeição por uma mesma pessoa. Assim sucedia em relação a Heikichi Ômiya, que era um de seus assíduos leitores.

— Imagine, escrever uma obra desse porte deve ter sido um esforço descomunal! Hoje o senhor é, sem

⁶*Yomihon*: tipo de *gesaku* (literatura popular do período Edo), principalmente para leitura, contendo poucas ilustrações, de enredo complexo e conteúdo moralizante. A obra *Hakkenden*, de Bakin, pertence a essa denominação.

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

108 | dúvida, o Rakanchû⁷ do Japão. Mas desculpe-me se estou falando demais.

Heikichi de novo elevou a voz e riu alto. Talvez chocado por essa voz, um homem estrábico de penteado *koichô*,⁸ de baixa estatura, moreno, que se banhava ao lado, virou-se, passando os olhos de Heikichi a Bakin, e, num esgar crítico, escarrou sobre o pavimento.

— E você, continua aficionado por haikai?

Bakin mudou habilmente de assunto. Mas não porque se importasse com a expressão do estrábico. Os olhos de Bakin estavam, *felizmente*, tão fracos que distinguiam já muito pouco.

— Ah, eu fico lisonjeado com a sua pergunta. Não passo de um diletante. Hoje um sarau, amanhã outro, assim vou me enfronhando sem a mínima cerimônia, mas os haicais não me vêm com facilidade. A propósito, mestre, o que o senhor pensa sobre haikai e *tanka*? Qual desses poemas prefere?

— Bem, tratando-se de poesia, sou de uma total incompetência. A verdade é que pratiquei por um tempo, mas...

— Ah, o senhor não está falando sério.

— É verdade, não combina com meu temperamento. Ainda hoje sou um ignorante no assunto.

Assim dizendo, acentuou especialmente a frase “não

⁷Rakanchû: nome de um escritor chinês da dinastia Ming. Todos os nomes chineses deste texto são transcritos de acordo com a adaptação fonética da língua japonesa.

⁸Literalmente, “ginkgo biloba pequeno”, penteado masculino dos cidadãos do período Edo, cujo tufo de rabo de cavalo engomado, preso ao alto da cabeça raspada, tinha a ponta afinada e pendia da nuca.

AKUTAGAWA

combina com meu temperamento”. Ele não se achava incapaz de compor haikai ou *tanka*. Em consequência, tinha a certeza de que seu conhecimento nessas áreas não era superficial. Mas sentia, desde muito tempo, desprezo por esse tipo de arte. Tanto haikai quanto *tanka* tinham uma estrutura minúscula demais para que ele pudesse se expressar por completo. | 109

Por isso, por engenhoso que fosse, o que era expresso num haikai ou num *tanka*, seja lirismo, seja descrição, não tinha a capacidade de preencher mais que umas poucas linhas de qualquer de suas obras. Essas formas não passavam, para ele, de artes menores.

III

Ocultava-se, por detrás da ênfase dada a “não combina com meu temperamento”, um desprezo dessa ordem. Mas, infelizmente, esse sentido parece ter escapado por inteiro a Heikichi Ômiya.

— Ah, então é mesmo assim? E eu que pensava que um grande mestre como o senhor dominasse todas as artes com a maior facilidade. Bem que se diz: “Do céu não se recebem duas dádivas!”

Heikichi disse isso num tom um tanto cerimonioso, enquanto esfregava o corpo vigorosamente com a toalha, fazendo a pele se avermelhar. Mas, para o orgulhoso Bakin, o mais insuportável de tudo era que sua modéstia fosse tomada ao pé da letra. Ante isso, ele jogou a toalhinha e a bucha no chão e, levantando-se a meio corpo, respondeu vangloriando-se, numa expressão amarga:

— Se bem que eu me igualaria a esses mestres de haikai e de *tanka* de hoje em dia, se assim o quisesse.

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

110 | Mas, ao dizer isso, subitamente sentiu vergonha por seu orgulho infantil. Mesmo quando Heikichi havia elogiado seu *Hakkenden* nos termos mais entusiastas, ele não ficara especialmente lisonjeado. Por conseguinte, o fato de ser considerado naquele momento incapaz de compor haikai e *tanka* não lhe deveria ser um motivo de insatisfação. Depois de assim se autoanalisar, jogou às pressas água quente sobre os ombros, como se quisesse esconder seu rubor interior.

— Não é mesmo? Se não fosse assim, seria impossível escrever tal obra-prima. Ah! Então fui mesmo perspicaz em julgar que um mestre como o senhor certamente também comporia poemas! Oh, desculpe-me pela gabolice.

Heikichi riu de novo, em alto e bom tom. O homem estrábico já não se encontrava mais lá. O escarro também já havia sido levado pela água com a qual Bakin se lavara. Mas é evidente que Bakin estava mais embaraçado do que antes.

— Oh, estou falando demais. Vou tomar um banho.

Um pouco envergonhado e sentindo-se um tanto irritado consigo mesmo, ele se levantou lentamente, enquanto proferia essas palavras, para se afastar daquele admirador incondicional. Mas o fato de o autor ter se vangloriado despertou naquele leitor como que um sentimento de orgulho. Lançou então ao mestre as seguintes palavras:

— Então, mestre, qualquer dia desses será que o senhor poderia compor para mim um haikai ou um *tanka*? Será que o senhor não poderia? Não se esqueça, por favor. Eu também já me vou. O senhor deve estar

AKUTAGAWA

muito atarefado, mas, se passar perto de minha casa, por favor, visite-me. Eu também irei visitá-lo. | 111

Lavando mais uma vez a toalhinha e seguindo com o olhar a silhueta de Bakin, que se dirigia à entrada do banho, pôs-se a pensar como contaria à esposa seu encontro com o mestre Kyokutei, quando chegasse à sua casa.

IV

Dentro do banho público estava escuro como o entardecer. E o vapor estava mais denso do que a neblina. Bakin, com sua vista fraca, abrindo caminho tropeçadamente entre as pessoas que ali se encontravam, procurou, tateando, um lugar num canto e nele mergulhou seu corpo todo enrugado.

A temperatura da água lhe pareceu bem alta. Sentindo o calor da água a lhe penetrar nas pontas dos dedos, respirou profundamente e passeou o olhar lentamente a seu redor. Deveria haver sete ou oito cabeças mergulhadas naquela penumbra. À volta daquelas pessoas que ora conversavam, ora cantavam, o brilho turvo da porta de entrada se refletia na superfície plana da água, misturando-se à gordura humana, que preguiçosamente se movia em ondas. A isso se somava, atingindo as narinas, o cheiro enjoativo dos banhos públicos.

A imaginação de Bakin tendia sempre ao romantismo. “Em meio ao vapor daquele banho público, ele viu, sem o menor esforço, formar-se uma cena que gostaria de descrever num romance. Sobre o barco, havia uma pesada cobertura de lona. Lá fora, no mar, parecia começar a ventar ao cair do sol. Podia-se ouvir, como se sacudissem um tonel de óleo, o som opressivo das vagas

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

112 | batendo no casco. O que movia a lona, juntamente com esse som, parecia ser a batida de asas de morcego. Um dos marujos, como que incomodado com isso, espiava para fora do navio. Sobre o mar coberto de neblina, uma lua crescente e vermelha pairava no céu, lúgubre. Nisso...”

O seu devaneio foi bruscamente interrompido naquele ponto. É que seus ouvidos captaram a voz de alguém que, dentro do mesmo banho, fazia a crítica dos *yomihon* de sua autoria. A voz, o tom, tudo revelava a intenção de fazê-lo ouvir o que se dizia. Bakin preparava-se para sair do banho, mas decidiu ficar e ouvir atentamente a crítica.

— Ele, que se gaba de ser o grande mestre Kyokutei ou “Chefe da Casa Literária”, tudo o que ele, Bakin, escreve não passa de puro plágio. Afinal, o *Hakkenden* não é uma mera imitação do *Suikoden*? Mas isso ainda passa, já que afinal de contas o original vem da China. Assim, só por ele ter lido o livro, já é um grande feito. Aliás, como não passa de uma ordinária cópia do escritor Kyôden,⁹ nem vale mesmo a pena se irritar com coisa tão ridícula.

Bakin voltou os olhos debilitados em direção ao homem que assim o insultava. Devido ao vapor, ele não podia ver bem, mas parecia-lhe ser aquele indivíduo estrábico, de penteado *koichô*, que pouco antes estava ao seu lado. Aquele homem, certamente irritado pelos

⁹Kyôden Santô (1761–1816), pintor e escritor de vários gêneros de *gesaku*, nasceu na cidade de Edo numa típica família de comerciantes e alcançou grande popularidade com seu estilo cômico, cheio de trocadilhos linguísticos e jocosos sobre os hábitos dos habitantes do “mundo alegre” das áreas de prazeres.

AKUTAGAWA

elogios que Heikichi fizera ao *Hakkenden*, devia estar descarregando sua raiva com o propósito de irritá-lo. | 113

— Em primeiro lugar, Bakin utiliza um pincel muito superficial. No fundo, nada tem a dizer. Se tiver, não deve passar de explicações dos quatro livros e cinco cânones do Confucionismo do mesmo nível de qualquer professorzinho de primário. É por isso que ele não conhece nada da atualidade. E para provar, tudo o que escreve são histórias referentes ao passado. Como não consegue escrever histórias atuais de amores como o de Osome e Hisamatsu, trata esses temas em estilo clássico, como na sua obra *Histórias de amor de Osome e Hisamatsu: sete flores de outono*. Tomando emprestadas as palavras do emérito Bakin, “exemplos desse gênero abundam”.

O sentimento de ódio não aflora, mesmo quando se quer, se um dos oponentes tem consciência de sua superioridade. Assim, Bakin não chegou a odiar o outro, mesmo tendo se irritado com suas palavras. Em vez disso, o que sentiu foi uma vontade de expressar seu desprezo. No entanto, sua sabedoria, talvez devido à idade, impediu-o de realizar esse desejo.

— Nesse aspecto, escritores como Ikku¹⁰ e Sanba são admiráveis. Em suas obras, pode-se apreender a verdadeira natureza do homem. Certamente não foram elaboradas com ligeireza de recursos nem com conhe-

¹⁰Ikku Jippensha (1765–1831), de origem samurai, torna-se citadino e escreve nos gêneros *sharebon*, *kokkeibon*, entre outros, tendo produzido mais de 360 obras seriadas. Seu trabalho mais conhecido é *Tôkaidô hizakurige* (Peregrinação a pé pela estrada Tôkaidô), cujo primeiro volume foi lançado em 1802, tendo sido interpretado por xilogravuras de Hiroshige Andô.

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

114 | cimentos mal digeridos. É aí que se encontra a grande diferença entre eles e esse Bakin, que também se auto-denomina “Ermitão Saryûken”.

Pela sua experiência, ouvir difamações não era apenas desagradável, mas também muito arriscado. Ou seja, não é que ele se desencorajasse ao acatar a difamação, mas, como reação contra ela, ele acabava introduzindo elementos opostos na sua obra literária posterior. E, como resultado desse tipo de motivação impura, frequentemente corria o risco de produzir uma arte deformada. Excetuando-se os autores que têm como único objetivo o de agradar ao público, é curioso notar que justamente aqueles que têm um mínimo de personalidade correm, muitas vezes, o risco de se deixar levar por esse perigo. Por isso Bakin, até aquela idade, prudentemente decidira não ler críticas maledicentes de suas obras. Mas, embora assim pensasse, não deixava de sentir, por outro lado, certa tentação de lê-las. Se ele ficara à escuta dos insultos daquele *koichô* no banho público, em parte fora por ceder a essa tentação.

Tomando consciência disso, ele reprovou a sua tolice em continuar, ociosamente, imerso na água. Deixando de ouvir a voz aguda do *koichô*, saiu, transpondo com passadas vigorosas a soleira do banho. Lá fora, por entre o vapor, podia-se ver o céu azul, e naquele céu azul, caquis banhavam-se calidamente ao sol. Sentado em frente à cuba, Bakin tranquilamente tomou a última ducha.

— De qualquer forma, Bakin é um impostor. E salve o Rakanchû do Japão!

Dentro do banho, talvez pensando que Bakin ainda se encontrasse lá, o homem estrábico continuava, como

AKUTAGAWA

antes, lançando sua filípica acerba. Pode ser que ele, devido a seus olhos estrábicos, não tenha visto a figura que saía, transpondo a soleira do banho. | 115

V

Mas, quando saía do banho público, o desalento já tomava conta de Bakin. Isso queria dizer que a crítica venenosa do estrábico certamente atingira seu objetivo. Caminhando pela cidade de Edo, sob o céu claro de outono, ele examinou meticulosamente, passando pelo crivo de seu senso crítico, as palavras malévolas que ouvira no banho, uma por uma. E conseguiu dessa forma convencer-se, afinal, de que aqueles argumentos idiotas nem sequer mereciam ser considerados sob qualquer ponto de vista. No entanto, seu estado de espírito, uma vez perturbado, parecia não recuperar facilmente a calma anterior.

Ergueu o olhar descontente e contemplou as lojas de ambos os lados da rua. Nas lojas, alheias ao seu estado de espírito, as pessoas concentravam-se em suas ocupações cotidianas. Assim, um cortinado alaranjado da tabacaria trazia seu nome: “Folhas Célebres das Regiões”; numa tabuleta amarela, com formato de pente, estava escrito: “Excelência em Pentes”; lia-se “Palanquin” nas lanternas penduradas frente a uma loja; numa bandeira com bastões grafava-se: “Adivinhações”, tudo formava uma fila sem sentido que passava desordenadamente por seus olhos.

“Por que será que me aflijo tanto com as críticas malévolas daqueles a quem desprezo?”

Bakin continuava a pensar.

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

116 | “O que me desgosta é, em primeiro lugar, o fato de aquele estrábico ter tido más intenções para comigo. Já o simples fato de ser alvo de más intenções me é desagradável, não importa por que motivos; então, não há nada que eu possa fazer.”

Pensando daquela forma, sentiu-se embaraçado ante sua vulnerabilidade. De fato, poucos homens eram tão suscetíveis à hostilidade alheia como ele. Naturalmente, já percebera havia muito tempo a verdade: aquelas duas atitudes, que do ponto de vista da ação pareciam totalmente contraditórias, provinham na realidade de uma mesma causa, de uma mesma reação nervosa.

“Mas ainda há outra coisa que me desagradou. É que eu fui colocado no mesmo nível que aquele homem estrábico. Nunca apreciei esse tipo de tratamento. É por isso que não participo de disputas e jogos.”

Quando sua análise chegou àquele ponto e ia avançar mais um passo, repentinamente seu estado de espírito mudou. Isso se tornou perceptível, pois seus lábios, até então firmemente cerrados, descontraíram-se subitamente.

“E, por último, certamente me desagradou também o fato de que aquele estrábico foi quem me colocou nessa posição. Se ele fosse um homem de nível um pouco mais elevado, sem dúvida eu teria reagido para repelir esse sentimento de desagrado. De qualquer forma, não há nada que eu possa fazer com relação àquele estrábico.”

Com um sorriso forçado, voltou-se para o alto céu. Daquele céu, os gritos sonoros do milhafre caíam como chuva que chove junto com raios do sol. Percebeu que

AKUTAGAWA

o desalento que até então o tomara aos poucos ia desaparecendo. | 117

“Mas, por mais que o estrábico me critique, o único efeito é me desagradar. Por mais que o milhafre cante, ele não consegue impedir o curso do sol. É certo que o meu *Hakkenden* um dia terá sua conclusão. E nesse dia o Japão passará a ter dentro de sua história uma obra-prima literária incomparável.”

Velando a autoconfiança recém recobrada, virou-se no rumo de casa, enveredando calmamente por uma ruela.

VI

Ao chegar à casa, Bakin reconheceu, sobre as pedras da entrada em penumbra, um par de sandálias com tiras finas trançadas. Vendo-as, logo lhe veio à mente o rosto inexpressivo da visita. E também pensou amargamente no aborrecimento de ter de perder seu tempo.

— Mais uma manhã perdida!

Assim pensava enquanto subia o degrau, quando a empregada Sugi veio às pressas recebê-lo e, ainda com as mãos no assoalho, disse, levantando seu rosto para ele:

— O senhor da Editora Izumiya está à sua espera na sala de visitas.

Assentindo com a cabeça, ele passou a toalhinha molhada para as mãos de Sugi. Mas não tinha a menor vontade de se dirigir logo à sala de estudo.

— Onde está Ohyaku?

— A senhora foi para o templo.

— Omichi também?

— Sim. Juntamente com o filho.

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

118 |

— E o meu filho?

— Ele foi à casa do senhor Yamamoto.

Toda a família estava ausente. Ele experimentou uma sensação semelhante à decepção. Sem ter alternativa, abriu a porta corrediça da sala de estudo que ficava ao lado da entrada.

Lá dentro, no meio da sala, um homem algo afetado, de rosto branco e brilhante, com uma piteira fina de prata na boca, encontrava-se sentado em posição ereta. Na sala de estudo, além de um biombo com uma inscrição colada e um par de rolos pintados com motivos de bordos avermelhados e crisântemos amarelos pendurados no nicho, não havia qualquer outro adorno. Ao longo da parede, mais de cinquenta estantes alinhavam, num plano sóbrio, a cor envelhecida de sua madeira de paulônia. Podia-se supor ter passado um inverno desde a troca do papel das portas corrediças. Sobre o branco quadriculado dos papéis colados, uma grande sombra de bananeira rasgada, iluminada ao sol de outono, projetava-se em movimentos diagonais. Por conseguinte, o traje demasiadamente luxuoso do visitante não se harmonizava em nada com o meio.

— Oh, mestre, prazer em revê-lo.

Ao deslizar da porta corrediça, a visita abaixou a cabeça com reverência, falando com naturalidade. Era o editor Ichibei Izumiya, que publicara o *Kinpeibai*, obra que, após o *Hakkenden*, era a mais popular das que escrevera.

— Desculpe tê-lo feito esperar. É que hoje, excepcionalmente, fui ao banho público.

Fazendo involuntariamente uma ligeira careta, Ba-kin sentou-se, como sempre, formalmente.

AKUTAGAWA

119

— Verdade, mestre? No banho matinal?

O tom da voz que Ichibei emitiu era de admiração.

Existiam poucas pessoas que, como ele, admiravam, tão prontamente, mesmo os acontecimentos mais insignificantes. Ou melhor, era mesmo raro encontrar pessoas que fingissem tanta admiração. Tirando uma lenta baforada, Bakin foi, como sempre, conduzindo o assunto ao que interessava. Não lhe agradavam em nada os modos lisonjeiros de Izumiya.

— E, então, o que o traz hoje aqui?

— Bem, será que o senhor poderia me ceder mais um manuscrito? — respondeu Ichibei numa voz suave como a das mulheres, girando a piteira com a ponta dos dedos. Aquele homem tinha um caráter estranho. Isto é, sua conduta externa não correspondia, na maior parte das vezes, à sua vontade interna. Longe de corresponder, manifestava-se sempre num sentido completamente oposto. Portanto, quando tomava uma decisão, o tom de voz que emitia era tanto mais suave quanto mais firme sua intenção.

Ao ouvir essa voz, novamente Bakin fez uma careta involuntária.

— Mais um manuscrito? Isso me é impossível.

— Mas como? O senhor tem algum problema?

— Mais que um problema! Como este ano estou me dedicando a escrever *yomihon*, não vejo possibilidades de trabalhar com os *gôkan*.¹¹

¹¹*Gôkan*: subclasse de *kusazôshi* (tipo de *gesaku*). Caracteriza-se principalmente pelo grande número de ilustrações e por ser seriado em vários tomos, cada um com pelo menos cinco livros.

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

120 | — Realmente, parece que o senhor está muito ocupado!

Assim dizendo, Ichibei bateu com a piteira no cinzeiro e, como se isso fosse um sinal, pôs-se de repente a falar sobre o ladrão Nezumikozô Jirôdaifu, numa expressão completamente esquecida do assunto anterior.

VII

Nezumikozô Jirôdaifu era o célebre ladrão que fora preso no começo do quinto mês daquele ano, tendo sido decapitado em meados de agosto. Por ter o costume de penetrar furtivamente nas residências de grandes senhores, para depois distribuir o dinheiro roubado entre os pobres, na época era conhecido pelo estranho apelido de “ladrão-de-alma-caridosa” e era muito aplaudido por toda parte.

— É surpreendente, mestre, que ele tenha assaltado setenta e seis mansões, roubando três mil, cento e oitenta e três *ryô* e dois *bu*!¹² Embora seja um ladrão, não se trata de um ladrão qualquer.

Sem querer, Bakin se tomou de curiosidade. Por trás das histórias que Ichibei contava, escondia-se sempre a pretensão de fornecer temas para os escritores. Essa pretensão, é verdade, nunca deixava de irritar Bakin. Mas, mesmo irritado, sentia-se movido pela curiosidade. Talvez porque ele, um artista com bastante talento, caísse facilmente naquele tipo particular de tentação.

— Hum, isso é realmente extraordinário. Já tinha ouvido várias histórias, mas não imaginava que chegasse a tal ponto.

¹²*Ryô*, *bu*: unidades monetárias do período Edo (1603–1868).

AKUTAGAWA

— Enfim, ele deve ser então o maior dos ladrões. | 121
Ouvi dizer que trabalhava na escolta de Arao, o Senhor de Tajima, o que parece tê-lo familiarizado com os interiores dessas mansões. Segundo os que o viram exposto como prisioneiro, tratava-se de um homem corpulento e simpático e, na ocasião, vestia crepe azul-marinho de Echigo por sobre o quimono de seda branca. Não se parece em tudo com um desses personagens de suas obras?

Respondendo evasivamente, Bakin tirou mais uma baforada. Mas Ichibei não era homem de se desencorajar apenas por conta de respostas evasivas.

— O que acha disso? Não poderia escrever mais um episódio de *Kinpeibai*, incluindo esse Jirôdaifu? Sei que o senhor evidentemente está ocupadíssimo. Mas, por favor, faça um esforço e acate esse meu pedido.

Deixando o tema do ladrão, ele rapidamente voltou ao pedido do manuscrito. Mas Bakin, acostumado a seus métodos usuais, manteve-se irredutível. Aliás, seu mau humor se acentuou ainda mais. Isso porque ele se achou ridículo por ter sido levado a sentir certa curiosidade, mesmo que momentânea, pelas artimanhas de Ichibei. Fumando da piteira com enfado, ele finalmente começou a argumentar da seguinte forma:

— Antes de mais nada, se eu for forçado a escrever, não conseguirei fazer nada decente. É desnecessário dizer que isso influirá na venda e, dessa forma, não seria interessante nem para o senhor. Pensando assim, não seria melhor para ambos aceitar a minha posição?

— Pode ser, mas gostaria que o senhor tentasse mesmo assim. Que lhe parece?

Assim dizendo, com o olhar Ichibei “acariciou” (foi

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

122 | com essa palavra que Bakin adjetivou o olhar de Izumiya) o rosto de Bakin. E soltou em baforadas a fumaça do tabaco pelas narinas.

— Impossível escrever. Mesmo se quisesse, não poderia, pois não tenho tempo.

— Ah, isso me causará um enorme transtorno!

E, tendo isso posto, passou bruscamente a falar de outros escritores contemporâneos, ainda com a piteira fina de prata entre os lábios delgados...

VIII

— Parece que vai sair um novo livro de Tanehiko.¹³ Deve ser, como sempre, uma obra sentimental, mas principalmente de uma beleza elegante. Tenho a impressão de que somente ele seria capaz de escrever o que escreve.

Não se sabe por que, mas Ichibei tinha o costume de citar todos os escritores sem utilizar nenhum pronome de tratamento.¹⁴ Sempre que Bakin o ouvia se referir a eles, imaginava que, em sua ausência, ele também seria chamado simplesmente de “Bakin”. Que necessidade teria ele de fazer o favor de produzir um manuscrito para um homem frívolo como aquele, que considerava os

¹³Tanehiko Ryûtei (1783–1842), escritor de *gesaku*, poema do tipo “louco” (*kyôka*) e teatro, cuja obra mais famosa é *Nise Murasaki Inaka Genji* (O Genji das províncias da falsa Murasaki), de 1829, ligeiramente influenciada por Bakin e ilustrada por Kunisada Utagawa.

¹⁴Na língua japonesa, os pronomes de tratamento são quase sempre indispensáveis. A atitude de Izumiya revela, portanto, um descaso muito grande de sua parte em relação aos escritores que edita.

AKUTAGAWA

escritores seus operários, chegando mesmo a se referir a eles sem nenhum pronome de tratamento? Não eram raros os momentos de irritação quando assim pensava e se exasperava. Também nesse dia, ao ouvir o nome de Tanehiko, sua expressão já amarga se acentuou ainda mais. Mas Ichibei parecia pouco se importar com isso.

— E sabe? Também estamos pensando em publicar Shunsui.¹⁵ Sei que o senhor não o aprecia, mas parece que, de fato, ele agrada muito à plebe.

— Ah, é verdade?

Da memória de Bakin surge, exageradamente aviltado, o rosto de Shunsui, que entrevira em alguma ocasião. “Eu não sou um escritor. Sou um empregado que escreve histórias de amor para oferecê-las a uma clientela, de acordo com seu gosto.” Bakin sabia havia muito que Shunsui assim se definia. Portanto, era óbvio que desprezasse do fundo de sua alma aquele escritor que nem parecia escritor. Mas, independentemente disso, ao ouvir Ichibei chamá-lo sem o tratamento de respeito, não conseguia controlar a mesma sensação de desgastado.

— No final das contas, tratando-se de histórias de amor, ele é um especialista. E é famoso pela rapidez com que escreve.

Assim dizendo, Ichibei olhou de relance para Bakin e logo depois pousou os olhos na piteira de prata que mantinha entre os lábios. Nessa expressão fugaz havia

¹⁵Shunsui Tamenaga (1790–1843), escritor de *ninjôbon*, cuja obra-prima é (*Shunshoku*) *Umegoyomi* [O calendário de ameixeira (tingido de amor erótico)], de 1832–33.

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

124 | algo de terrivelmente vulgar. Pelo menos, era assim que Bakin o percebia.

— Para produzir tal quantidade, dizem que seu pincel desliza sem parar e não se afasta do papel até completar uns dois ou três capítulos. Por falar nisso, mestre, o senhor também escreve rápido?

A essa pergunta, Bakin sentiu ao mesmo tempo desagrado e ameaça. Naturalmente, para ele, que era muito orgulhoso, não era nada agradável ser comparado com Shunsui ou Tanehiko na rapidez do pincel. Além do mais, ele escrevia devagar. Havia até ocasiões em que desanimava, achando que isso talvez refletisse sua própria incompetência. Mas, por outro lado, havia vezes em que valorizava sua lentidão, fazendo dela um parâmetro que media seu bom senso artístico. Só que, apesar dessas reflexões, jamais pensou em delegar ao vulgo o julgamento de sua lentidão. Assim, passeando o olhar pelos bordos vermelhos e crisântemos amarelos do nicho da sala, vomitou essas palavras:

— Depende da hora e da ocasião. Às vezes sou rápido, às vezes lento.

— Ah, sim, da hora e da ocasião. É claro!

Ichibei admirou-se pela terceira vez. Mas era óbvio que não passava de uma admiração pura e simples. Depois disso, ele logo atacou novamente:

— É, mas... Será que não poderia aceitar o pedido do manuscrito a que eu me referi? Também Shunsui...

— O senhor Shunsui e eu somos diferentes.

Quando se irritava, Bakin tinha o hábito de torcer o lábio inferior para o lado esquerdo. Naquele momento, repuxou o lábio violentamente para a esquerda.

— Bem, o senhor terá de me desculpar... Sugi,

AKUTAGAWA

ó Sugi, você já deixou os sapatos do senhor Izumiya arrumados? | 125

IX

Desembaraçando-se de Ichibei Izumiya, agora sozinho, Bakin recostou-se na coluna da varanda e, contemplando a vista do pequeno jardim, esforçou-se para controlar a todo custo a irritação que ainda sentia.

No jardim banhado pelos raios de sol, o outono de cores quentes reinava em alguns metros cúbicos, sobre a bananeira de folhas rasgadas, a paulônia verde já quase sem folhas, o verde dos ciprestes e bambus. O lótus do pequeno tanque de água da frente já tinha menos flores, mas os jasmims-do-imperador plantados do outro lado da cerca continuavam exalando seu doce perfume. Do alto do céu longínquo, de vez em quando tombavam naquela direção os gritos do milhafre, semelhantes ao trinado da flauta.

Comparada àquela natureza, naquele momento ele sentiu ainda mais a vulgaridade do mundo. A infelicidade de um homem que vive num mundo vulgar encontra-se justamente no fato de que, perturbado pela vulgaridade, ele próprio também seja obrigado a tomar atitudes vulgares. Ele, na verdade, havia expulsado Ichibei Izumiya. Expulsar alguém não é, naturalmente, um ato nada nobre. Mas, levado pela vulgaridade do outro, ele sentira-se obrigado a praticar um ato vulgar. E assim o fez. Tê-lo feito significava simplesmente que se tornara tão ignóbil quanto Ichibei. Isto é, o fato é que ele se corrompera.

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

126 | Essa reflexão o fez lembrar-se de um acontecimento análogo que lhe ocorrera bem recentemente. Na primavera do ano anterior, um homem de nome Masabei Nagashima, que morava em Kamishinden, distrito de Kuchiki, da província de Sagami, enviara-lhe uma carta pedindo-lhe que o tomasse como discípulo. De acordo com tal carta, aquele homem, desde que perdera a audição, aos vinte e um anos, até aquele dia, quando contava vinte e quatro, havia-se dedicado a escrever somente *yomihon*, com a determinação de se tornar conhecido no mundo. É desnecessário dizer que era leitor assíduo do *Hakkenden* e do *Juntôki*. Porém, morar no interior lhe era um obstáculo ao trabalho. “Por isso, será que o senhor não poderia me aceitar como um dependente na sua casa? Além disso, tenho manuscritos de seis volumes de *yomihon*. Gostaria de publicá-los por uma editora apropriada, depois que o senhor os revisasse.” O conteúdo da carta era mais ou menos esse. Aos olhos de Bakin, as demandas todas daquele homem eram, naturalmente, puramente egoístas. Mas sua surdez inspirou-lhe certa compaixão, pois ele próprio tinha problemas de visão. A resposta de Bakin, de que infelizmente lhe era impossível atender ao pedido, foi a mais respeitosa, contrariando o seu hábito. No entanto, na carta seguinte que recebera, havia somente palavras de acusação do começo ao fim e nada mais.

“Eu lhe fiz o favor de ler pacientemente o seu *Hakkenden*, o seu *Juntôki*, obras longuíssimas e de péssima qualidade, mas o senhor não se dignou sequer a passar os olhos nos poucos seis volumes do meu *yomihon*. Isso não é uma prova da vulgaridade de seu caráter?”. Começando com essas palavras, a carta terminava sim-

AKUTAGAWA

plesmente com a acusação de que o fato de um veterano não aceitar em sua casa um iniciante era um atestado da sua avareza. Furioso, Bakin logo se pôs a escrever a resposta. Na carta, declarava que a maior ofensa de sua vida era que suas obras fossem lidas por um sujeito tão falso como ele. Depois do episódio, não teve mais notícias dele. Será que ainda estaria escrevendo *yomihon*? E será que ainda estaria sonhando em ser lido, um dia, por todas as pessoas do Japão?...

Imerso na recordação, Bakin não pôde deixar de sentir ao mesmo tempo um desgosto tanto em relação a Masabei Nagashima quanto a si próprio. Mas o sol dissolvia, candidamente, o aroma das flores de lótus. Tanto a bananeira quanto os pinheiros, silenciosos, não moviam uma folha sequer. Os gritos do milhafre também soavam alegres como antes. “Ah, esta natureza e... pessoas como aquelas...” Ele continuou recostado à coluna da varanda, como se estivesse sonhando, até que, dez minutos mais tarde, a empregada Sugi veio avisar que o almoço estava pronto.

X

Após haver terminado seu almoço solitário, retirou-se finalmente à sala de estudo e, para acalmar seu estado de espírito inquieto e cheio de desagrado, abriu a obra *Suikoden*, que ele não relia há muito. Na passagem aberta ao acaso, o personagem Rinchû Hyôshitô contemplava um celeiro em chamas, do alto de um templo de montanha, numa noite de neve e tempestade. Naquele cenário dramático, ele conseguiu recuperar sua emoção habitual. Mas, depois de certo tempo, começou a sentir, sem saber por que, uma estranha insegurança.

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

128 | A família, que fora ao templo, ainda não regressara. O interior da casa estava imerso em silêncio. Escondendo a expressão sombria de seu rosto diante do *Suikoden*, Bakin dava baforadas no tabaco sem sentir nenhum prazer. E, no meio da fumaça, flutuou uma dúvida que há muito o acometia.

Era uma dúvida que sempre atormentava Bakin, em relação a suas atitudes confucionista e artística. Fazia muito tempo que não punha em dúvida a autoridade da doutrina do “Caminho dos Sábios Monarcas”. As suas obras, como ele mesmo declarava, constituíam genuínas expressões artísticas do “Caminho dos Sábios Monarcas”. Portanto, sob esse aspecto não existia nenhuma contradição. Mas entre o valor que esse caminho atribuía à arte e o que seus sentimentos lhe procuravam conferir havia uma discrepância maior do que se supunha. Por conseguinte, da mesma forma que seu lado confucionista afirmava certo valor à arte, seu lado artístico naturalmente afirmava outro. É certo que, para vencer essa contradição, ele não deixava de recorrer a algumas ideias conciliadoras e banais. De fato, houve vezes em que, perante o público, ele tentou esconder sua atitude ambígua em relação à arte por meio dessa teoria dúbia de harmonização.

Mas, por mais que enganasse o público, não enganava a si próprio. Mesmo negando o valor dos escritos *gesaku*, chamando-os de “instrumentos de edificação”, quando se deparava com a emoção artística que sempre se expandia em seu interior, imediatamente começava a se sentir inseguro — na verdade era esse o motivo pelo qual, ocasionalmente, sentia um efeito inesperado numa certa passagem do *Suikoden*. Em relação a essa

AKUTAGAWA

questão, as ideias de Bakin eram covardes, e ele tentou desviar seu pensamento para longe, para a família, enquanto fumava da piteira em silêncio. Mas o *Suikoden* se encontrava à sua frente. Não podia afastar com tanta facilidade a insegurança que emanava do livro. Foi naquele momento que Noboru Watanabe, cujo nome artístico era Kazan,¹⁶ chegou para visitá-lo, coisa que não fazia há muito tempo. Vestido de traje formal com *haori* e *hakama*, carregava um pacote de tecido violeta e parecia ter vindo para devolver os livros que havia tomado emprestado. | 129

Alegrando-se, Bakin foi especialmente receber o amigo na entrada da casa.

— Vim aqui hoje para lhe devolver os livros que me emprestou. Além disso, tenho algo a mostrar-lhe.

Kazan assim disse, ao ser conduzido à sala de estudo. Com efeito, trazia, além do pacote de pano, um rolo de seda de pintura, envolto em papel.

— Se dispuser de tempo, gostaria que o visse.

— Oh, imediatamente, sim, deixe-me apreciá-lo.

Esboçando um sorriso deliberado, como se disfarçasse certa excitação, Kazan expôs o rolo de seda para fora do papel. A pintura retratava árvores desfolhadas e tristes, espalhadas umas ao longe e outras bem perto, em meio às quais dois homens de pé conversavam animadamente, esfregando as mãos. As folhas amarelas caídas no chão do bosque, os corvos em bandos entre os galhos das árvores — por mais que contemplasse

¹⁶Kazan Watanabe (1793–1841), pintor do estilo *nanga* (do sul da China) que estudou também confucionismo e autores holandeses. Tendo escrito livro criticando a política de exclusão do governo, foi banido para sua terra natal, onde se suicidou.

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

130 | qualquer ponto da pintura, não havia uma única parte onde não pairasse a fria atmosfera de outono.

Os olhos de Bakin, ao pousar nos dois monges Kanzan e Jittoku pintados em leve aguada, começaram a brilhar, ganhando cada vez mais uma expressão de ternura.

— Como sempre, é realmente uma obra-prima. Faz-me lembrar aqueles versos do poeta chinês Ô Makitsu:

Ao soar do gongo,
Descem dos ninhos os corvos,
Ao pisar o bosque deserto,
Soam as folhas secas.

XI

— Terminei essa pintura ontem e, como ela me agradou muito, pensei em oferecê-la ao senhor, se assim o desejar, logicamente.

Com ar de satisfação, Kazan assim proferiu, acariciando o queixo azulado da barba bem-feita.

— Quer dizer, das pinturas que fiz até agora, esta é a que mais me agrada. As imagens que eu sempre idealizo nunca consigo realizar.

— Ah, eu lhe agradeço muito! Mas fico embaraçado de ficar somente recebendo presentes...

Contemplando a pintura, Bakin agradeceu num murmúrio. Isso porque naquele momento alguma questão de seu trabalho inacabado repentinamente se iluminou em seu espírito. Mas Kazan, por sua vez, pareceu absorto em suas pinturas.

— Todas as vezes que vejo as pinturas dos antigos, sempre me pergunto como é que conseguiram pintar

AKUTAGAWA

daquela forma. Mesmo árvores, mesmo pedras, mesmo personagens acabam se transformando realmente em árvores, pedras, personagens e, mais ainda, seus espíritos vivem livremente dentro das coisas que pintaram. Isso é realmente admirável. Eu, então, comparando-me a eles, não passo de uma criança. | 131

Como se estivesse a sentir inveja, Bakin olhou para Kazan, que pensava somente na sua própria pintura, e fez uma brincadeira, contrariando seu hábito:

— Mas parece que os antigos diziam que a nova geração deve ser temida.

— Ah, a nova geração é mesmo temerária. Portanto, nós, prensados entre os antigos e os novos, avançamos empurrados de um e de outro lado, sem poder nos movermos. Isso não se passa somente conosco. Também era assim com os antigos e provavelmente também o será com os novos.

— Certamente, se não avançarmos, seremos logo destruídos. Por isso, parece ser essencial procurar uma forma de avançar, ainda que seja um passo só.

— Sim, isso é mesmo essencial.

O anfitrião e o visitante, emocionados por suas próprias palavras, calaram-se por instantes. E ambos voltaram seus ouvidos ao silêncio de um dia calmo de outono.

— E como está o *Hakkenden*, avançando sempre? — Kazan iniciou outro assunto, após um tempo.

— Não, estou sofrendo porque não avanço. Parece que eu também não me comparo aos antigos.

— Mas uma pessoa como o senhor, mestre, não deveria dizer isso. Fico embaraçado.

— Embaraçado fico eu. Mas não há outra solução

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

132 | senão prosseguir até onde puder. Assim pensando, ultimamente decidi-me a travar uma batalha de vida ou morte com o *Hakkenden*.

Dizendo isso, Bakin riu amargamente, como se sentisse vergonha de si mesmo, e continuou:

— Mesmo considerando que o que estou escrevendo não passa de *gesaku*, não me é tão simples assim, sabe?

— Ah, acontece o mesmo com as minhas pinturas. Mas, uma vez começadas, também penso em chegar até onde puder.

— Então, será que morreremos ambos na batalha?

Os dois riram em voz alta. Mas em seu riso pairava certa solidude que somente eles compreendiam. O anfitrião e o visitante sentiram, ao mesmo tempo, uma espécie de forte emoção nessa solidude.

— Mas até que invejo vocês, pintores. É tão bom não sofrer a censura das autoridades políticas.

Dessa vez, foi Bakin quem mudou de assunto.

XII

— É, realmente não a sofremos, mas... No que o senhor escreve não deve haver esse tipo de preocupação.

— Muito pelo contrário.

Como um exemplo da mesquinha dos censores de livros, Bakin citou a ordem que recebera de reescrever um capítulo em que tratava da corrupção dos funcionários do governo. E acrescentou essa crítica:

— Não é engraçado como os censores traem-se a si mesmos quanto mais acusam os outros? Como eles próprios são corruptos, não gostam que escrevamos sobre a corrupção e nos mandam reescrever. E mais, como

AKUTAGAWA

facilmente são tomados por sentimentos indecentes, consideram obsceno qualquer livro que trate do amor entre um homem e uma mulher. E assim se colocam numa posição ridícula, porque acham que sua moralidade é mais elevada do que a dos escritores. Em outras palavras, são como macacos que rangem os dentes à sua própria imagem refletida no espelho. Isso porque se irritam com sua própria vulgaridade.

Vendo Bakin se empenhando tanto nas comparações, Kazan não pôde conter o riso.

— Certamente o senhor tem razão. Mas, mesmo tendo de reescrever, isso não lhe é motivo de desonra. Seja o que for que os censores digam, quando se trata de uma grande obra, ela continuará sempre sendo uma grande obra.

— Mesmo assim, é frequente eles passarem um pouco dos limites. Sim, de fato, uma vez me mandaram suprimir cinco ou seis linhas de uma passagem sobre o envio de víveres aos prisioneiros.

Assim dizendo, o próprio Bakin se juntou a Kazan no riso.

— Mas daqui a cinquenta ou cem anos os censores terão desaparecido, porém certamente o *Hakkenden* permanecerá.

— Permanecendo ou não o *Hakkenden*, tenho a impressão de que, quanto aos censores, eles sempre existirão.

— Será mesmo? Eu não consigo pensar deste modo.

— Não, ainda que os censores desapareçam, pessoas como eles haverão de existir em qualquer época. Se acharmos que só no passado se queimavam livros e

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

134 | se enterravam vivos os estudiosos confucionistas, estaremos completamente enganados.

— Mestre, ultimamente o senhor tem pronunciado apenas palavras desencorajadoras.

— Eu não estou sendo desencorajador. O que me desanima é essa sociedade onde pululam tais censores.

— Então, de sua parte, o senhor deve prosseguir trabalhando.

— É, com efeito, parece-me que não há outra maneira.

— E, assim, pereceremos juntos na batalha?

Desta vez, nenhum dos dois riu. Não somente isso, mas também, por alguns instantes, Bakin olhou para Kazan com uma expressão dura. Pois em suas palavras, que pareciam levianas, havia uma singular perspicácia.

— Mas os jovens devem pensar, em primeiro lugar, na sobrevivência. Morrer em batalha, isso é possível a qualquer hora — disse Bakin, passados alguns instantes. Talvez porque ele conhecesse as opiniões políticas de Kazan, sentiu-se tomado nesse momento por uma repentina inquietação. Mas, apenas sorrindo, Kazan nem tentou responder à sua pergunta.

XIII

Depois que Kazan se retirou, Bakin sentou-se à mesa, como de hábito, com o intuito de continuar o manuscrito do *Hakkenden*, aproveitando a emoção que ainda sentia. Era seu costume, desde há muito, reler o que produzira no dia anterior, antes de continuar a escrever. Então, também nesse dia, leu com vagar e atenção as folhas do manuscrito, cheias de correções em vermelho entre as linhas cerradas.

AKUTAGAWA

| 135

Mas, por que seria? Aquilo que estava escrito não sintonizava com seu espírito. Ocultas dissonâncias entre as palavras rompiam a harmonia do conjunto. No início, ele interpretou isso como efeito do seu nervosismo.

— O problema, hoje, é meu estado de espírito. Pois o que está escrito, escrevi da melhor forma que pude.

Assim pensando, retomou uma vez mais a leitura. Mas a tonalidade dissonante continuava inalterada. Ele começou a ser tomado pelo pavor, apesar de sua idade avançada.

— Como estará a outra parte?

Passou os olhos pela parte que escrevera antes. Também ali via frases cruas e inúteis, espalhadas em desordem. Leu a parte anterior àquela. E depois leu a parte anterior a essa.

Mas, à medida que as lia, a composição imatura e a redação caótica iam se desenrolando frente a seus olhos. Havia descrições de cenas que não sugeriam imagem alguma. Havia exclamações que não continham qualquer entusiasmo. E havia, ainda, uma retórica que não seguia nenhuma lógica. Todos aqueles manuscritos que lhe custaram muitos dias de trabalho, de seu ponto de vista atual, não passavam de uma inútil tagarelice. Ele sentiu de súbito uma dor lancinante a lhe penetrar a alma.

— Não há outra solução senão reescrever desde o começo! — gritando assim com toda a alma, afastou para o lado os manuscritos, como que enojado, e deitou-se pesadamente, apoiado num dos cotovelos. Mas, talvez ainda preocupado, não desviava os olhos da mesa. Sobre aquela mesa, ele havia escrito o *Yumiharizuki* (Lua crescente), o *Nankano yume* (Sonhos de Nanka) e agora

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

136 | trabalhava no *Hakkenden*. Todos os objetos que estavam sobre a mesa — a pedra de tinta de Tankei,¹⁷ o peso de papel com formato de *sonri*,¹⁸ a garrafinha de bronze para água modelada em forma de sapo, o pára-vento de porcelana azul ultramar ornada de leão chinês e peônias e o porta-pincéis grosso de bambu com orquídeas cinzeladas —, todos esses objetos de escritório desde há tempos estavam familiarizados com a dor que neles acompanhava a criação. Ao olhá-los, Bakin não podia reprimir uma inquietação abominável, como se o fracasso daquele momento projetasse uma sombra escura sobre as obras de sua vida inteira e como se sua própria competência estivesse dramaticamente sendo posta em questão.

— Até há pouco, eu tinha a intenção de escrever uma grande obra-prima, sem igual no país. Mas pode ser que esta seja, quem sabe, uma pretensão bem banal.

Essa inquietação lhe provocou um sentimento quase insuportável de solidude e desolação. Ele não era de esquecer jamais a modéstia que devia ter diante dos gênios da China e de seu país, a quem respeitava. Mas, por outro lado, acontecia de se mostrar orgulhoso e até mesmo insolente em relação aos escritores insignificantes de seu tempo. Naquele momento, poderia reconhecer facilmente que também ele, afinal de contas, era tão pouco competente quanto os outros ou que, como eles, não passava de um desprezível “porco de Ryôtô”?¹⁹ Além disso, o seu poderoso “ego” fervi-

¹⁷Tankei: nome da província em que se situa Cantão.

¹⁸*Sonri*: imagem de um dragão sem chifres, todo encolhido.

¹⁹“Porco de Ryôtô”: porco de Liao-Toung. História narrada na China, onde um porco de cabeça branca, tido como raro, foi levado

AKUTAGAWA

lhava demais, de emoção, para se refugiar dentro da “iluminação” e da “resignação”. | 137

Ainda deitado diante da mesinha, continuava lutando em silêncio contra a força opressiva do desespero enquanto contemplava seus manuscritos fracassados, com o olhar de um capitão que vê seu navio afundar. Se, naquele momento, a porta corrediça de trás não se abrisse bruscamente e, juntamente com a voz que dizia “Vovô, cheguei!”, pequenos braços roliços não abraçassem o seu pescoço, ele certamente ficaria imerso por um tempo indefinido naquela atmosfera deprimente. Mas o neto Tarô, assim que abriu a porta, pulou súbito e ligeiro sobre o colo de Bakin, com a audácia e a espontaneidade características das crianças.

— Vovô, cheguei.

— Oh, você voltou cedo.

Com essas palavras, o rosto rugoso do autor de *Hakenden* irradiou-se de alegria, fazendo dele outra pessoa.

XIV

Da sala de jantar, podiam-se ouvir as vozes animadas da esposa Ohyaku, que era aguda, e a da nora Omi-chi, que parecia tímida. A voz masculina grave que às vezes se misturava parecia indicar que o filho Sôhaku também já voltara. Sentado a cavalo sobre os joelhos do avô, como se escutasse atentamente aquelas vozes, Tarô, numa expressão intencionalmente séria, contemplava o teto. Suas faces, que haviam estado expostas ao ar frio

como oferenda ao Imperador; ao chegar lá, perceberam que muitos porcos ali também tinham a cabeça branca.

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

138 | de fora, estavam vermelhas; as aletas de seu pequeno nariz freMIam cada vez que respirava.

— Sabe, vovô, para o senhor...

Assim, subitamente, Tarô começou a falar, vestido de um pequeno *montsuki*²⁰ de cor acastanhada. Acompanhando seus esforços para pensar e para conter o riso, covinhas ora apareciam, ora desapareciam de suas faces. Seu trejeito convidou Bakin a um riso espontâneo.

— ... é preciso todos os dias...

— Sim, todos os dias...?

— ... estudar bastante.

Bakin irrompeu num riso. Mas, em meio ao riso, logo prosseguiu:

— E que mais?

— E também... Espere um pouco... O senhor não deve ficar nervoso.

— É mesmo? Isso é tudo?

— Não, ainda tem mais.

Virando para trás sua cabeça penteada em um pequeno coque, Tarô se pôs a rir, também ele. Ao vê-lo rir, fechando os olhinhos, mostrando os dentes brancos e formando covinhas, quem poderia imaginar que também ele, ao crescer, um dia teria a feição miserável dos adultos? Assim pensou Bakin, imerso na plenitude da felicidade. E isso o fez sentir-se ainda mais alegre.

— Ainda tem mais alguma coisa?

— Ainda. Muitas coisas.

— Que tipo de coisas?

— É que... Sabe? Como o senhor vai ficar ainda mais importante...

²⁰*Montsuki*: traje formal com o brasão da família.

AKUTAGAWA

| 139

— Vou ficar importante?

— Portanto, deve ser mais paciente.

— Mas eu sou paciente. — Bakin, sem pensar, falou num tom sério.

— Que tenha muito mais paciência.

— Quem é que falou isso?

— Foi...

Com um ar travesso, Tarô espiou-lhe o rosto. E riu.

— Vovô, adivinhe quem foi?

— Bem... Como vocês estiveram hoje no templo, deve ter sido o monge.

— Errou!

Tarô negou, meneando firmemente a cabeça, e, levantando um pouco os quadris do colo de Bakin, disse, estendendo o queixo para frente:

— Foi...

— Hum...

— Foi a deusa da misericórdia Kannon, de Asakusa, quem falou isso.

Assim dizendo, a criança, com uma voz que parecia ecoar pela casa toda, riu alegremente, saltando às pressas de seu colo como se receasse ser agarrado pelo avô. Satisfeito de lhe ter pregado uma peça, fugiu para a sala de jantar, batendo palmas com as mãozinhas.

Foi nesse momento que fulgurou na alma de Bakin algo de solene. Em seus lábios aflorou um sorriso de felicidade. Ao mesmo tempo, seus olhos foram se enchendo de lágrimas. Não era o caso de perguntar se aquela brincadeira fora inventada pelo próprio Tarô ou se a mãe é quem o instruíra. O milagre foi que, naquele momento, ouvira aquelas palavras pela boca de seu neto.

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

140 | — Foi a deusa Kannon quem disse isso? “Estude bastante. Não se irrite. E seja mais paciente”?

O velho artista de sessenta e tantos anos aquiesceu como uma criança, rindo em meio às lágrimas.

XV

Foi naquela mesma noite.

Bakin retomou o manuscrito do *Hakkenden*, sob a luz fugitiva da lamparina redonda. Quando trabalhava na escrita, nem a família podia entrar em seu escritório. No interior da quietude da sala, o crepitar do pavio que absorvia o óleo e o canto dos grilos ressaltavam em vão a solidão da longa noite.

Ao pegar em seu pincel, um ponto luminoso quase imperceptível pulsava dentro de sua cabeça. Mas, à medida que o pincel avançava dez linhas, vinte linhas, o ponto luminoso gradativamente foi crescendo. Bakin, que, graças à sua experiência, compreendia o que se passava, foi conduzindo o pincel, com cuidados redobrados. O advento da inspiração não difere em nada do fogo. Se não se souber mantê-lo, mesmo já aceso, logo acaba por se apagar de novo...

— Não se apresse. E reflita o mais profundamente possível.

Sussurrava isso a si próprio muitas vezes, retendo seu pincel propenso a correr. Mas, dentro de sua cabeça, aquele brilho de estrelas fragmentadas de antes já fluía mais rápido do que um rio. E sua força não cessava de aumentar, acabando por arrastá-lo imperiosamente.

O canto dos grilos já não chegava mais a seus ouvidos. Seus olhos não sofriam nem um pouco com a luz fraca da lamparina redonda. O pincel ganhou vida

AKUTAGAWA

própria e começou a deslizar num ímpeto sobre o papel. Como se lutasse contra os homens e os deuses, ele continuava a escrever com fúria. | 141

Exatamente como a Via Láctea que corre o céu, a correnteza no interior de sua cabeça transbordava, incessante, não se sabe vinda de onde. Receando aquela força terrível, ele se inquietou com a possibilidade de seu corpo físico não suportar tal jorro. E, segurando firmemente o pincel, apelou a si mesmo vezes sem conta:

— Continue escrevendo até o limite de suas forças. O que você está escrevendo neste momento pode ser que, se não for agora, nunca mais possa ser escrito.

Mas a corrente, semelhante a uma neblina luminosa, não diminuía nem um pouco sua velocidade. Pelo contrário, vinha-o assaltando, transbordante, inundando tudo, na vertigem da voragem. Ele se tornou, afinal, presa sua. E, esquecendo-se de tudo, fez galopar o pincel com o ímpeto de uma tempestade, em direção a essa correnteza.

O que se refletia naquele momento em seu olhar soberano não era interesse, nem amor, nem ódio. Muito menos era um espírito suscetível à opinião pública, que já se apagara havia muito do fundo de seus olhos. O que existia era, somente, uma incompreensível alegria. Ou, então, uma emoção trágica, que o levava até o êxtase. Sem conhecer aquela emoção, como poderiam alcançar o espírito da devoção à literatura popular? Como poderiam compreender a alma digna de um escritor da literatura popular? Era ali, sim, que a “Vida” resplandecia, magnífica, aos olhos do autor, exatamente como um minério virgem, lavadas de todas as suas impurezas...

Enquanto isso, Ohyaku e sua nora Omichi, uma

DEVOÇÃO À LITERATURA POPULAR

142 | frente à outra, continuavam a costura em volta da lamparina da sala de jantar. Tarô já devia estar dormindo. Um pouco além, Sôhaku, que parecia doente, ocupava-se havia algum tempo em preparar seus comprimidos.

Pouco depois, Ohyaku, enquanto passava a agulha no cabelo para lubrificá-la, resmungou:

— Papai ainda não vai dormir?

— Deve estar completamente absorto no que está escrevendo, como sempre — respondeu Omichi, sem desviar os olhos da agulha.

— Que obstinado! Ainda se desse muito dinheiro...

Assim dizendo, Ohyaku olhou para o filho e para a nora.

Sôhaku não respondeu, fingindo não ter escutado. Calada, Omichi também continuava trabalhando a agulha. Também ali, como no escritório, invariavelmente, os grilos cantavam o outono até a exaustão.

Novembro de 1917

O BAILE

| 143

I

FOI NA NOITE de três de novembro do décimo nono ano da era Meiji (1886). Tendo então dezessete anos de idade, Akiko, a jovem senhorita de uma família eminente, subia a escadaria do Rokumeikan, onde naquela noite se oferecia um baile, em companhia de seu pai, um senhor calvo. De cada lado da ampla escadaria inundada pela luz brilhante das lâmpadas a gás, enormes crisântemos, que quase pareciam artificiais, compunham um arranjo em três camadas. As flores misturavam em profusão tufo de pétalas carmesins na parte posterior, amarelo-ouro no centro e branco puríssimo no primeiro nível. E, do alto da escadaria, diante do salão de baile onde terminavam os arranjos de flores, os sons festivos da orquestra desaguavam incessantemente, como os suspiros de uma felicidade demasiado grande, de uma incontida felicidade. Akiko já se adiantara no estudo do francês e da dança. Mas aquela noite, pela primeira vez na vida, iria participar de um baile oficial. Daí por que, dentro da carruagem, respondesse apenas por meio de evasivas a seu pai quando, de tempos em tempos, ele lhe dirigia a palavra. Tal era o nervosismo que se enraizava em sua alma, que se expressava em vaga inquietude, mas também em deliciosa ansiedade. Quando a carruagem finalmente se deteve em frente ao Rokumeikan, ela nem lembrava mais quantas vezes havia lançado o

O BAILE

144 | olhar nervoso em direção às luzes escassas da cidade de Tóquio, que iam desaparecendo pela janela. Entretanto, ao entrar no Rokumeikan, ela se confrontou com um incidente que a fez esquecer-se de toda a inquietação. Isso se deu quando ela e o pai já estavam no meio da escadaria e alcançavam um alto funcionário chinês que subia alguns passos à sua frente. Naquele momento, quando ele desviou o corpo forte e obeso para deixá-los passar, lançou sobre Akiko um olhar perplexo. Seu singelo vestido de baile rosa-claro, a fita azul-clara elegantemente atada em torno do pescoço e, em seus cabelos escuros, uma rosa de suave perfume — de fato, a silhueta de Akiko naquela noite devia desconcertar os olhos do alto funcionário chinês de rabicho comprido, pois ela encarnava a beleza das moças de um Japão que se abria para o Ocidente. Quase ao mesmo tempo, um jovem japonês de fraque, que descia a escadaria com um passo precipitado, cruzou com eles no meio do caminho e, virando-se levemente numa ação reflexa, derramou seu olhar também perplexo sobre a silhueta de Akiko. Depois, como se uma ideia lhe ocorresse subitamente ao espírito, verificou sua gravata branca e retomou seu ritmo apressado, descendo por entre os crisântemos até o saguão de entrada. Quando pai e filha terminaram de subir a escadaria, na entrada do salão de baile do primeiro andar, depararam com o anfitrião — um conde com magníficas suíças grisalhas e que portava no peito inúmeras condecorações — recebendo os convidados com grande pompa, em companhia de sua esposa, mais velha que ele, que se esmerava num vestido à moda Luís xv. Akiko não deixou de perceber a ingênua admiração que por um momento tingiu o

AKUTAGAWA

| 145

rosto astuto do conde quando ele notou sua silhueta. Sorrindo alegremente, seu afável pai a apresentou com breves palavras ao conde e à condessa. Akiko se achava dividida entre o pudor e o orgulho, mas assim mesmo pôde perceber nos traços altivos da condessa como que uma ponta de vulgaridade. Também o salão de baile estava esplendidamente decorado com uma profusão de crisântemos. As rendas, as flores e os leques de marfim das damas, que aguardavam os cavalheiros que viriam tirá-las para dançar, se moviam em vagas silenciosas em meio ao aroma fresco dos perfumes. Afastando-se logo de seu pai, Akiko se juntou a um grupo dessas damas. Eram moças aparentemente da mesma idade, todas elegantes em seus vestidos de baile, rosa ou azul-claro. Recebendo-a em seu grupo, elas se puseram a gorjear como passarinhos, elogiando em uníssono a beleza ofuscante que ela transmitia naquela noite. Mal Akiko se juntara a suas colegas, já um desconhecido — um oficial da Marinha Francesa — se aproximou dela com bastante calma. Os braços ao longo do corpo, ele polidamente se inclinou à maneira japonesa. Akiko sentiu um rubor imperceptível subir-lhe à face. No entanto, aquele cumprimento fora eloquente o bastante. Ela se voltou então para a moça do lado, de vestido de baile azul-claro, para pedir que lhe segurasse o leque. Mas qual não foi sua surpresa ao ouvir o oficial da Marinha lhe dizer com voz clara, um fino sorriso nos lábios, num japonês colorido por um estranho sotaque:

— A senhorita poderia conceder-me a honra desta dança?

Um instante depois, ela valsava nos braços do oficial da Marinha Francesa aos acordes do *Danúbio azul*.

O BAILE

146 | Seu par tinha o rosto bronzeado, os olhos e o nariz bem desenhados, e portava um farto bigode. A moça era pequena demais para pousar a mão coberta por uma longa luva no ombro esquerdo do uniforme militar. Mas, experiente, ele a guiava com firmeza, fazendo-a virar-se ligeiramente em meio à multidão. De tempos em tempos, o oficial murmurava em seu ouvido cumprimentos em francês.

Sempre respondendo a essas palavras amáveis com um tímido sorriso, a jovem lançava olhares ao redor do salão de baile. Sob o cortinado de crepe roxo estampado com o brasão imperial, e sob a bandeira da China, na qual se retorciam dragões azuis de longas garras, os crismântemos faziam luzir, entre as vagas de dançarinos, ora um prateado leve, ora um dourado sombrio. E a multidão, enlevada pelas ondas melódicas, emitidas pela esfuziante orquestra alemã, que jorravam como champanhe, não se furtava um único instante ao turbilhão vertiginoso da valsa. Quando os olhos de Akiko cruzavam os de uma amiga que também dançava, as duas trocavam um alegre sinal de cabeça em meio à agitação febril que tomava conta do salão. Mas, já no momento seguinte, outra moça dançando irrompia bruscamente em seu lugar, como uma enorme mariposa enlouquecida.

Akiko tinha plena consciência de que o oficial da Marinha Francesa não perdia, por um segundo sequer, o menor de seus gestos. Aquele gesto constituía um sinal evidente do interesse que seu gracioso modo de dançar despertava naquele estrangeiro, que ainda não se familiarizara com o Japão. “Esta linda senhorita, será

AKUTAGAWA

que também mora como uma boneca, numa casa de papel e bambu? Será que come arroz pegando os grãos com palitos finos de metal, numa tigela do tamanho da palma da mão, decorada de flores azuis?” Em seus olhos, que lhe sorriam gentilmente, parecia-lhe aflorar seguidas vezes esse tipo de pergunta. Ela se divertia mas também se sentia lisonjeada. Assim, cada vez que seu parceiro dirigia para o chão o olhar curioso, seus delicados sapatos de baile cor-de-rosa se punham a deslizar sobre o assoalho liso ainda com mais leveza. Mas, sem dúvida adivinhando a fadiga daquela jovem, graciosa como um gatinho, o oficial se inclinou para ela, solícito, e perguntou:

— A senhorita deseja ainda dançar?

— *Non, merci* — arfando, Akiko então recusou com toda a franqueza. Sem interromper o ritmo da dança, ele a acompanhou com elegância até os buquês de crisântemos arranjados ao longo da parede, atravessando vagas de rendas e flores. Depois de um último passo de valsa, ele graciosamente a fez sentar-se numa cadeira e, inflando uma vez o peito sob o uniforme, de novo se inclinou diante dela, segundo a cortesia japonesa.

Depois de dançar polcas e mazurcas, Akiko desceu a escadaria ao braço do oficial da Marinha Francesa, entre os arranjos em três camadas de crisântemos brancos, amarelos e carmesins, em direção à ampla sala do pavimento térreo. Lá, no contínuo vaivém dos fraques e dos ombros brancos, algumas mesas cobertas de prata-ria e cristais suportavam brancas montanhas de carne e cogumelos, outras concentravam torres de sanduíches e sorvetes, outras ainda sustinham pirâmides de romãs e

O BAILE

148 | figos. Uma das paredes do salão que não fora decorada com crisântemos estava adornada com uma grade dourada na qual se entrelaçavam parreiras verdes artificiais que pareciam de verdade. E, entre as folhas de videira, copiosos cachos de uva, semelhantes a colmeias, pendiam rubramente. Akiko deparou com a cabeça calva de seu pai, que fumava um charuto diante da grade dourada, em companhia de um cavalheiro de mesma idade. Ele lhe dirigiu um ligeiro aceno de satisfação, mas logo, virando-se para seu interlocutor, voltou a tirar baforadas de seu charuto, sem mais se importar com ela.

O oficial da Marinha Francesa e Akiko se aproximaram de uma mesa e se serviram de uma taça de sorvete. A jovem sentia de vez em quando o olhar de seu cavalheiro pousar-lhe sobre as mãos, os cabelos, o pescoço envolto pela fita azul. Para ela, nada havia de desagradável naqueles gestos. Em alguns momentos, entretanto, uma desconfiança bem feminina a assaltava. Por isso, para insinuar aquela desconfiança, quando passaram duas jovens, que pareciam alemãs, vestidas de veludo negro realçado por camélias vermelhas, teve a ideia de mostrar sua admiração:

— Como são lindas as europeias!

Ao ouvir aquelas palavras, o oficial da Marinha se opôs com inesperada seriedade, meneando a cabeça:

— As damas japonesas também são lindas. E a senhorita, em especial...

— Quem me dera!

— Não, não estou querendo somente lisonjeá-la. A senhorita poderia perfeitamente participar de um baile parisiense. Todos ficariam embevecidos! Pois a

AKUTAGAWA

senhorita se assemelha a uma princesinha dos quadros de Watteau! | 149

Akiko não conhecia Watteau. Por isso, a magnífica visão do passado, a imagem de rosas lânguidas e fontes na penumbra das florestas, evocada nas palavras do oficial francês, perdeu-se num instante, sem deixar vestígios. Mas, enquanto movia sua colher, Akiko, que tinha a sensibilidade bem aguçada, não perdeu a ocasião de atacar o único tema de conversação ainda disponível:

— Eu também adoraria participar de um baile parisiense!

— Não vale a pena. Os bailes parisienses são exatamente como este.

Enquanto falava, o oficial da Marinha deixou vagar o olhar sobre a multidão e os crisântemos que os cercavam; com um sorriso irônico a lhe assomar ao fundo das pupilas, largou subitamente a taça, acrescentando, como que para si mesmo:

— Não somente os de Paris. Os bailes são sempre iguais, em todos os lugares.

Uma hora mais tarde, Akiko se achava, sempre de braço dado ao oficial da Marinha Francesa, no meio de uma multidão de japoneses e estrangeiros que haviam ido ao terraço contíguo ao salão de baile contemplar a noite estrelada.

Do outro lado da balaustrada, as coníferas se comprimiam no parque espaçoso, entrelaçando silenciosamente seus galhos e deixando entrever em suas copas pequenos pontos da luz das lanternas vermelhas. Além disso, na profundidade do ar gelado, um aroma de musgos e de folhas secas que subia do jardim fazia pairar uma leve atmosfera melancólica de outono. Mas logo

O BAILE

150 | atrás deles, no salão de baile, as vagas de rendas e flores continuavam seu tumulto incessante sob os cortinados de crepe roxo decorados de crisântemos de dezesseis pétalas. E também o remoinho da orquestra, com sua tonalidade aguda, açoitava sem parar o mar humano. Também no terraço, vozes e risos alegres faziam fremir o ar noturno. E mais, quando um magnífico fogo de artifício foi lançado no céu escuro das coníferas, um som surdo reverberou em uníssono na multidão. Em meio àquelas pessoas todas, Akiko tagarelava despreocupada com as amigas que encontrava. Mas não demorou a notar que o oficial da Marinha Francesa, que ainda lhe dava o braço, contemplava em silêncio o céu estrelado sobre o jardim. Pareceu à moça que talvez ele sentisse certa nostalgia de sua pátria. Dirigindo-lhe um olhar furtivo, ela perguntou, com certa meiguice:

— O senhor está pensando em seu país, não é?

O oficial da Marinha se voltou lentamente para ela com os olhos sempre sorridentes. Depois, em vez de responder “non”, sacudiu a cabeça como um garoto.

— Mas o senhor estava pensando em algo, não?

— Tente adivinhar no quê.

Naquele instante, um som agitado como o do vento começou a vibrar por entre as pessoas reunidas no terraço. Interrompendo a conversação, Akiko e o oficial ergueram o olhar para a noite que pesava sobre as coníferas do parque. Os fogos de artifício vermelhos e azuis já estavam a ponto de se apagar, salpicando suas luzes excêntricas na escuridão. Akiko não sabia por que, mas aqueles fogos de artifício eram tão belos que chegavam a entristecê-la.

AKUTAGAWA

— Eu pensava nos fogos de artifício, nos fogos de artifício que se assemelham tanto à nossa vida — disse, finalmente, o oficial da Marinha Francesa, num tom algo professoral, inclinando com muita doçura os olhos sobre o rosto de Akiko. | 151

II

Foi no outono do sétimo ano da era Taishô (1918). Quando se dirigia à sua casa de veraneio em Kamakura, Akiko por acaso encontrou no trem um jovem escritor seu conhecido. O rapaz colocou no bagageiro um buquê de crisântemos destinados a uma amiga. Akiko — agora a idosa senhora H. — contou-lhe então que os crisântemos sempre lhe evocavam certa noite e lhe narrou em pormenores o baile do Rokumeikan.

O moço não pôde deixar de se impressionar com essa história contada pela própria pessoa que a vivera. Terminada a narrativa, o jovem perguntou à idosa senhora H., como que casualmente:

— A senhora não saberia o nome desse oficial da Marinha Francesa?

Ao que a senhora H. respondeu inesperadamente:

— Mas claro. Ele se chamava Julien Viaud.¹

— Oh! Trata-se então de Loti, Pierre Loti, o autor de *Madame Crisântemo*!

¹Julien Viaud (1850–1923), oficial da Marinha Francesa que escreveu vários romances sob o nome de Pierre Loti, entre eles *Madame Crisântemo* (na década de 1890), nos quais as impressões de viagem e o exotismo dos países distantes ocupavam lugar de destaque.

O BAILE

152 | O jovem sentiu uma agradável excitação. Mas, fitando nele um olhar de completo estranhamento, a idosa senhora H. não cessava de murmurar entre dentes:

— Não, não, ele não se chamava Loti. Já lhe disse que seu nome era Viaud, Julien Viaud!

Dezembro de 1919

PASSAGENS DO CADERNO DE NOTAS DE YASUKICHI

| 153

AU!

CERTO FIM de tarde de inverno, no primeiro andar de um restaurante um tanto sujo, Yasukichi mastigava um pão tostado que recendia a óleo. Diante de sua mesa, via uma parede branca com várias rachaduras. Nela, haviam colado uma folha estreita e comprida de papel onde estava escrito em diagonal: “Temos também sanduíches *hot* (quentes)”. (Tomando “hot” por uma palavra japonesa e interpretando: “Que alívio! Sanduíches quentes!”, um de seus colegas ficou seriamente perplexo.) À sua esquerda havia uma escada que conduzia ao térreo e, logo à direita, uma janela de vidro. De tempos em tempos lançava um olhar vago pela janela, enquanto mastigava o pão torrado. Lá fora, do outro lado da rua, numa loja de roupas usadas com telhado de zinco, estavam penduradas roupas azuis para trabalhadores, bem como casacos de cor cáqui. Naquela noite, o grupo de inglês deveria reunir-se na escola a partir das seis e meia. Ele havia se comprometido a comparecer, mas, como não residia na cidade, viu-se obrigado, muito a contragosto, a ficar esperando num lugar daqueles, terminadas as aulas, até as seis e meia. Creio que entre os poemas de Aika Toki — desculpem-me se me engano — lê-se um que diz:

PASSAGENS DO CADERNO DE NOTAS DE YASUKICHI

154 | Vindo de tão longe,
Devo ainda engolir este bife de merda.
Mulher, mulher, que falta tu me fazes!

Toda vez que ele ia àquele lugar, pensava naquele poema. É verdade que a mulher pela qual ele deveria suspirar ainda não existia. Mas só de olhar as lojas de roupas usadas, de mastigar seu pão recendendo a óleo e de ver “sanduíches quentes”, aquelas palavras “Mulher, mulher, que falta tu me fazes!” lhe vinham espontaneamente aos lábios. Nesse meio-tempo, Yasukichi reparou, bem atrás dele, em dois jovens oficiais da Marinha que tomavam cerveja. Reconheceu um deles, o oficial contador da escola na qual também ele ensinava. Não tendo muito contato com os oficiais, não sabia sequer o nome daquele. Aliás, não era somente o nome, pois nem mesmo sabia se ele ensinava no primeiro ou no segundo nível. Tudo o que sabia era que, para receber seu salário no fim de cada mês, tinha de passar por aquele homem. O outro lhe era completamente desconhecido. Cada vez que pediam mais uma cerveja, lançavam palavras como “psiu!” e “ei!”. Mesmo assim, a servente não se ofendia e, subindo e descendo as escadas com diligência, carregava os copos com ambas as mãos. E, no entanto, ela não vinha à mesa de Yasukichi para lhe servir a xícara de chá que pedira. Os dois oficiais conversavam ruidosamente enquanto bebiam cerveja. Yasukichi não prestava, naturalmente, nenhuma atenção particular à sua conversa. Mas sua atenção foi subitamente despertada, ao ouvir um deles ordenar: “Diga au!”. Ele não gostava de cães. Sentia muito prazer em pensar que, entre os escritores que não gostavam de cães, se contavam

AKUTAGAWA

Goethe e Strindberg. Por isso, quando aquelas palavras ressoaram em seus ouvidos, imaginou que enorme cão europeu poderia ser criado em semelhante lugar. Ao mesmo tempo, teve a horrível sensação de que a besta estava lá, vagando às suas costas. | 155

Ele se virou com cuidado. Mas, felizmente, nada se via por ali que se assemelhasse a um cão. Havia apenas o oficial responsável, que, olhando pela janela, sorria ironicamente. Yasukichi supôs que o animal talvez se encontrasse sob a janela. Sentiu, no entanto, uma sensação estranha. Naquele instante, o oficial responsável repetiu:

— Diga au! Vamos, diga au!

Com uma ligeira torção do corpo, Yasukichi espiou do outro lado, sob a janela. A primeira coisa que viu foi um luminoso ainda apagado de uma loja qualquer, que fazia a propaganda de alguma-coisa-Masamune. Depois, um toldo enrolado. Depois, pedaços de couro para tamancos postos a secar e esquecidos sobre os baris de cerveja vazios que serviam para recolher a água da chuva. Depois, as poças d'água das calçadas. Depois... — enfim, pouco importa, mas em parte alguma ele viu a sombra de um cão. A silhueta de um mendigo de doze ou treze anos que parecia sentir frio, de pé, os olhos levantados para a janela do primeiro andar era vagamente visível.

— Diga au! Não vai dizer au? — lançou de novo o oficial responsável. Aquelas palavras pareciam deter algum poder sobre o espírito do mendigo. Sem despregar os olhos da janela, avançou um ou dois passos em sua direção, como um sonâmbulo. Yasukichi entendeu então o cruel jogo do maligno oficial contador. Jogo cruel? Ou

PASSAGENS DO CADERNO DE NOTAS DE YASUKICHI

156 | talvez não o fosse. Talvez não passasse de uma experiência. Seria, quem sabe, apenas uma experiência com o objetivo de determinar até que ponto um ser esfomeado poderia sacrificar sua dignidade. De seu ponto de vista, não valia a pena tornar a aferir essa questão. Esaú havia renunciado a seu direito de primogenitura por alguns pedaços de carne assada; ele mesmo, Yasukichi, havia se tornado professor por algumas fatias de pão. Esses fatos eram mais do que suficientes. Mas exemplos tão fúteis provavelmente não satisfariam a curiosidade científica dos grandes especialistas da psicologia experimental. Se assim fosse, seria como havia ensinado naquele dia mesmo a seus alunos: *De gustibus non est disputandum*. Cada um tinha o direito de gostar ou não do que fosse. Se alguém quisesse fazer uma experiência, ora, que a fizesse!... Ruminando aqueles pensamentos, Yasukichi observava o mendigo de pé sob a janela.

O oficial contador aguardou em silêncio alguns instantes. O mendigo se pôs a olhar inquieto a seu redor. Mesmo que não visse inconveniente em imitar um cão, evidentemente receava que alguém o visse. Mas, antes que seus olhos se tranquilizassem, o oficial contador colocou o rosto vermelho janela afora, brandindo alguma coisa na mão.

— Diga au! Se você disser au, veja o que lhe dou.

O rosto do mendigo pareceu se iluminar por um instante, de cobiça. Os mendigos às vezes inspiravam em Yasukichi um interesse romântico. Mas nem uma só vez ele sentira algo semelhante a piedade ou comiseração. Acreditava que, se alguém dissesse sentir tais coisas, esse alguém não passaria de um tolo, ou de um mentiroso. No entanto, ao ver naquela hora aquele pe-

AKUTAGAWA

| 157

queno mendigo com a cabeça ligeiramente inclinada para trás e os olhos brilhando, sentiu um pouquinho de piedade. Certo, mas aquilo não passava realmente da medida de “um pouquinho”. Longe de se achar piedoso propriamente falando, ele apreciava certo efeito à Rembrandt na figura daquele rapazola.

— Não vai dizer? Ei, é só dizer au!

O mendigo fez uma espécie de careta.

— Au!

Sua voz era quase imperceptível.

— Mais forte!

— Au! Au!

O mendigo se decidiu a ladrar duas vezes. Uma laranja foi então atirada para fora da janela — nem há necessidade de escrever o que se passou a seguir. O mendigo evidentemente se jogou sobre a laranja e o oficial contador evidentemente caiu numa gargalhada. Por volta de uma semana mais tarde, no dia de pagamento, Yasukichi foi ao serviço de contabilidade para receber seu salário. O ar atarefado, o mesmo oficial contador ora abria um registro, ora consultava um documento. Ao ver Yasukichi, perguntou-lhe, secamente:

— É por seus vencimentos, não?

— Isso mesmo — respondeu ele brevemente.

Mas, talvez por estar muito atarefado, o oficial responsável não se apressava o mínimo a lhe pagar o ordenado. Não somente isso, mas por fim, virando-lhe as costas de seu uniforme, ficou indefinidamente inclinado sobre seu ábaco.

— Senhor oficial contador?

Após esperar algum tempo, Yasukichi chamou-o com um tom de súplica. O oficial lhe lançou um olhar

PASSAGENS DO CADERNO DE NOTAS DE YASUKICHI

158 | por trás dos ombros. “Sim, um instantinho”; essas palavras se liam já claramente sobre seus lábios. Mas, sem lhe deixar tempo de responder, Yasukichi encadeou uma resposta que já havia longamente meditado:

— Senhor oficial contador, quem sabe gostaria que eu dissesse au? Não é, senhor oficial contador?

A se crer em Yasukichi, sua voz, naquele instante, estava mais doce que a de um anjo.

DOIS OCIDENTAIS

Havia dois ocidentais naquela escola que tinham vindo ensinar conversação e redação em inglês. Um deles era um inglês de nome Townsend; o outro, um americano chamado Starlet. O senhor Townsend era um velhinho gentil e calvo, que falava o japonês com perfeição. De modo geral, os professores ocidentais não paravam de discorrer ora sobre Shakespeare, ora sobre Goethe, por fútil que fosse o assunto. Mas, felizmente, o senhor Townsend não fingia compreender uma mínima palavra de literatura. Um dia, quando falavam de Wordsworth, ele havia declarado: “Não compreendo estritamente nada de poesia. Pergunto-me sempre o que é que acham de tão interessante em Wordsworth!”.

Como residissem na mesma cidade à beira-mar, Yasukichi e o senhor Townsend se encontravam duas vezes por dia no mesmo trem. O trajeto durava cerca de trinta minutos. Um cachimbo de Glasgow entre os dentes, ambos passavam o tempo no trem discutindo ora tabaco, ora a escola, ora fantasmas. Porque, se Hamlet deixava o senhor Townsend perfeitamente frio, em compensação, o fantasma de seu pai interessava o teósofo que ele

AKUTAGAWA

era. Mas, quando abordavam o tema das *ocult sciences* — fosse magia, fosse alquimia —, ele nunca deixava de dizer, balançando a testa e o cachimbo com um mesmo ar triste: “As portas do Mistério não são assim tão difíceis de abrir como pensam as pessoas comuns. Seu caráter assustador consiste em que elas não tornam a se fechar facilmente. É melhor não tocar nesse tipo de coisas!”

O outro ocidental, o senhor Starlet, era um homem bem mais moço, que se preocupava muito com sua elegância. No inverno, podíamos, por exemplo, vê-lo trajando um sobretudo verde-escuro, com um cachecol vermelho em volta do pescoço. Contrariamente ao senhor Townsend, parecia que às vezes dava uma espiada nas últimas publicações. Por ocasião de um seminário de inglês organizado na escola, havia feito uma conferência magistral sobre o tema *Os escritores americanos dos últimos anos*. A crer-se em sua exposição, os escritores americanos dos últimos anos seriam representados por Robert Louis Stevenson e O. Henry! O senhor Starlet não vivia na mesma cidade, mas, como sua casa também fosse servida pela mesma linha da estrada de ferro, acontecia às vezes de fazerem, juntos, o trajeto de trem. Yasukichi quase não se lembrava das conversas que mantinha com ele. A única de que recordava havia se passado num dia em que eles esperavam pelo trem, instalados diante do aquecedor da sala de espera. Yasukichi havia começado a falar, reprimindo um bocejo, do tédio inerente à profissão de professor. Nisso, o senhor Starlet, um homem másculo e belo que usava óculos sem armação, disse, com uma expressão um tanto estranha no rosto:

— Ensinar não é uma profissão. Creio que seria

PASSAGENS DO CADERNO DE NOTAS DE YASUKICHI

160 | mais justo dizer que é uma vocação. *You know, Socrates and Plato are two great teachers...*¹ Yasukichi não via inconveniente algum no fato de Robert Louis Stevenson ser ianque. Mas ouvir dizer que Sócrates e Platão eram professores!... A partir desse dia, Yasukichi limitou-se a manifestar ao senhor Starlet uma polida amizade.

PAUSA DE MEIO-DIA (UM DEVANEIO)

Yasukichi saiu do restaurante do primeiro andar. Depois do almoço, a maior parte dos professores civis se transferia para a sala de fumar vizinha. Naquele dia, ele preferiu descer a escada que levava ao jardim. Nisso, chocou-se com um oficial subalterno que subia os degraus galgando-os três a três, como um gafanhoto. Quando se deparou com Yasukichi, bateu prontamente uma continência, levando uma mão à testa, numa saudação rígida. E rapidamente desapareceu no alto da escada. Enquanto retribuía com uma ligeira inclinação de cabeça que caiu no vazio, Yasukichi continuou despreocupadamente a descer a escada.

No meio das paulônias e nogueiras, as magnólias estavam em flor. Por não se sabe que obscura razão, o pé de magnólias não voltava suas flores enfim desabrochadas para o sul ensolarado. Mas os pés de pepinos, tão parecidos com os de magnólias, viravam suas flores para aquela direção. Acendendo um cigarro, Yasukichi abençoou a originalidade das magnólias. Uma pastorinha desceu dançando, como se fosse uma pedra a tombar do céu. Aquela avezinha já não lhe era uma estranha.

¹“Como você sabe, Sócrates e Platão são dois grandes professores...” em inglês, no original.

AKUTAGAWA

Ela abanava sua pequena cauda, como um sinal de que o guiaria. | 161

— Por aqui! Por aqui! Não é por aí, não! Por aqui! Por aqui!

Guiado pela pastorinha, foi seguindo pelas trilhas cobertas de cascalhos. Mas o que lhe teria passado na cabeça? O pássaro subiu ondulando de novo para o céu. Em compensação, um mecânico de alto talhe veio caminhando em sua direção. Yasukichi teve a impressão de já ter visto seu rosto em algum lugar. Após a continência de lei, o soldado o ultrapassou com um passo rápido. Continuando a fumar o cigarro, ele se perguntava quem seria aquele homem. Dois passos, três, cinco... No décimo passo, Yasukichi descobriu. Mas aquele homem era Paul Gauguin! Ou pelo menos sua reencarnação. Estava certo de que, em vez de uma pá, ele deveria ter na mão um pincel. E, no fim de tudo, um amigo louco lhe daria um tiro de revólver pelas costas. Era uma lástima, mas o que fazer?

De trilha em trilha, Yasukichi finalmente chegou à praça fronteira ao portão de entrada. Ali, dois canhões — troféus de guerra — estavam alinhados em meio a pinheiros e bambus anões. Aproximando a orelha de um dos canos, ouviu um som como que de respiração. Bem podia ser que os canhões também bocejassem. Ele se sentou à sombra dos canhões. Depois acendeu um segundo cigarro. Uma lagartixa brilhava sobre o cascalho da praça onde os carros trafegavam. Se um ser humano perdesse uma perna, ela nunca se refaria. Quanto à lagartixa, não, bem lhe poderíamos cortar a cauda: ela logo geraria uma nova em seu lugar. Com o cigarro na boca, Yasukichi pensou que sem dúvida

PASSAGENS DO CADERNO DE NOTAS DE YASUKICHI

162 | as lagartixas são mais lamarckianas do que o próprio Lamarck. Mas, passado um tempo a contemplá-la, viu a lagartixa acabar subitamente se transformando numa mancha de óleo sobre o cascalho. Yasukichi se levantou, afinal. Atravessando o jardim em sentido inverso, ao longo dos prédios pintados da escola, saiu na quadra de esportes em frente ao mar. Na quadra de tênis de terra vermelha, alguns professores militares disputavam uma partida com animação. Sobre a quadra, um ruído seco e regular claqueava sem parar. Ao mesmo tempo, linhas retas e brancas eram jogadas à direita e à esquerda da rede. Não, não eram bolas que voavam. Era a espuma de garrafas de champanhe invisíveis a olho nu. Era o champanhe que deuses em camisa branca bebiam, deliciados. Exprimindo a maior veneração pelos deuses, Yasukichi se dirigiu então ao jardim situado atrás.

Naquele jardim havia um grande número de roseiras. No entanto, ainda não se via nenhuma flor. Enquanto Yasukichi perambulava por ele, descobriu uma lagarta sobre o galho de uma roseira que crescia na direção da trilha. Mal a viu, encontrou mais uma, que se arrastava sobre uma folha vizinha. As lagartas pareciam estar falando dele, ou de outra coisa, trocando sinais de assentimento mútuo. Yasukichi decidiu permanecer lá silenciosamente, para escutar o que elas diziam.

A primeira lagarta:

— Quando será que este professor vai se transformar em borboleta? Desde a época do meu tetra-tetravô que ele somente rasteja por cima da terra.

A segunda lagarta:

— Pode ser que os seres humanos não se transformem jamais em borboletas.

AKUTAGAWA

| 163

A primeira lagarta:

— Não, transformar parece que eles se transformam.
Veja a prova, eis justamente um que voa lá embaixo.

A segunda lagarta:

— Mas, sim, é verdade, é um que voa. Não é por nada, mas ele é realmente horrroso! É, francamente! Dá para ver que os humanos são desprovidos de qualquer consciência estética!

Usando a mão como viseira, Yasukichi elevou os olhos no rumo do avião que passava por sobre sua cabeça.

Naquele momento veio a seu encontro, com um ar algo divertido, um demônio, transformado em um de seus colegas. O demônio, que outrora lecionava alquimia, atualmente ensinava química aplicada a seus alunos. Interpelou Yasukichi com um sorriso zombeteiro:

— E, então, esta noite você não me faz companhia?

No sorriso do demônio, Yasukichi podia perfeitamente sentir duas linhas de *Fausto*: “Todas as teorias são de cor cinza como as ruínas; somente é verde a árvore da vida que produz a espécie dourada”. Depois de deixar o demônio, ele penetrou no interior do prédio da escola. Todas as salas de aula estavam desertas. Um lance de olhos sobre o quadro-negro de uma delas lhe permitiu descobrir somente uma figura geométrica que alguém havia se esquecido de apagar. Quando a figura geométrica sentiu que a tinham visto, prontamente pensou que seria apagada. Num átimo, enquanto se encolhia e se estendia, disse:

— Precisarão de mim na próxima aula!

Yasukichi subiu a escada que antes havia descido

164 | e entrou na sala reservada aos professores de língua e matemática. Na sala não havia ninguém, afora o calvo senhor Townsend. No entanto, para afugentar seu tédio, o idoso professor, assoviando sem parar, ensaiava sozinho alguns passos de dança. Yasukichi se dirigiu à pia para lavar as mãos sem poder reprimir um ligeiro sorriso. Nessa hora, ao olhar para o espelho, ficou atônito: o senhor Townsend se metamorfoseara num adolescente belo e gracioso e ele, Yasukichi, num velho de cabelos brancos, com as costas arqueadas.

A VERGONHA

Yasukichi nunca vinha dar sua aula sem a ter previamente preparado. Para dizer a verdade, isso não acontecia em função do salário que recebia ou devido a qualquer obrigação moral que o impedisse de cometer gestos irresponsáveis. Mas, em razão do caráter particular da escola, os livros didáticos estavam cheios de termos técnicos da Marinha. Se ele não estudasse antes os significados das palavras, correria o risco de praticar as traduções as mais extravagantes. Por exemplo, a expressão “*cat’s paw*”, que se poderia pensar tratar-se de uma “pata de gato”, era uma espécie de vento: uma brisa leve!

Um dia, ele estava ensinando aos alunos do segundo ano um pequeno texto cujo título não recordava mais e que tratava justamente de navegação. Era tão mal redigido que até assustava. O vento fazia bramir as velas, as ondas invadiam as escotilhas, mas não aparecia no texto nenhum sinal das palavras “ondas” ou “vento”.

AKUTAGAWA

Enquanto os fazia ler e traduzir, ele próprio começou a se entediar. Principalmente naquelas horas, tomava-o o desejo de discutir com os alunos problemas filosóficos ou temas da atualidade. Por definição, os professores sempre têm vontade de ensinar outras coisas além das matérias do programa escolar. Ética, gostos pessoais, concepções de vida... Pouco importa o quê. Numa palavra, mais que livros didáticos ou quadros-negros, o que os professores aspiram ensinar são coisas que lhes digam respeito intimamente. Mas é uma pena que os alunos não tenham outro desejo que o de aprender apenas o que os livros didáticos contêm. Aliás, não é bem que apenas lhes falte esse desejo; na verdade, o que sentem é um santo horror de aprender aquilo que está fora dos manuais. Como Yasukichi bem o sabia, o único recurso que lhe restava naquela ocasião era o de mandá-los ler e traduzir, enquanto aguardava, entediado. | 165

No entanto, mesmo quando ele não se entediava, achava fastidioso ter de prestar atenção à tradução dos alunos e lhes fazer retificações sutis. Embora a aula durasse uma hora, interrompeu o exercício passados uns trinta minutos e passou ele mesmo a ler e traduzir frase por frase. A navegação tal como a descreviam no manual era-lhe mortalmente tediosa, como sempre. Assim, não havia dúvida de que seu modo de dar aula também deveria ser mortalmente tedioso! Como um veleiro atravessando uma área de calmaria, ele avançava arduamente, ora misturando os tempos verbais, ora se enganando nos pronomes relativos.

Assim fazendo, de repente percebeu que a parte que havia preparado terminava três ou quatro linhas mais adiante. Para além daquele limite se estendia um

PASSAGENS DO CADERNO DE NOTAS DE YASUKICHI

166 | mar bravio, onde todo o cuidado era pouco, semeado das inomináveis rochas que eram os termos técnicos de navegação. Olhou para o relógio com o canto dos olhos. Ainda restavam uns bons vinte minutos até que o sino tocasse para o intervalo. Ele traduziu o mais cuidadosamente que pôde as quatro ou cinco linhas que preparara. Mas, até terminar o trecho, o ponteiro do relógio não avançaria mais que três minutos.

Sentiu-se em pânico. Naquela situação, o único recurso seria o de responder às questões dos alunos. E, se lhe restasse ainda um pouco de tempo, ele bem poderia terminar a aula um pouquinho mais cedo. Repousando o manual, apressou-se a perguntar.

— Alguma pergunta?

Mas, de súbito, sentiu-se vermelho como um pimentão. Nem ele mesmo podia explicar por quê. Ele, que em princípio achava que enganar os alunos nada tinha de mais, somente naquela hora se pôs vermelho como um pimentão. Os alunos, que obviamente não desconfiavam de nada, continuavam olhando para o seu rosto, sem piscar. Ele olhou mais uma vez para o relógio. Depois... Pegou o livro rapidamente e começou a lê-lo a torto e a direito.

Pode ser que a navegação descrita nos livros didáticos, mesmo depois do ocorrido, continuasse tediosa. Mas o seu modo de dar aula!... Yasukichi não tinha dúvida alguma: era muito mais heroico do que um marinheiro lutando contra um tufão.

AKUTAGAWA

UM GUARDA CORAJOSO

| 167

Não se lembrava muito bem se tinha sido no fim do outono ou no começo do inverno. Mas, de qualquer forma, fora numa época do ano na qual vestia um sobretudo para ir à escola. Havia acabado de sentar-se à mesa do almoço quando seu vizinho, um jovem professor militar, começou a lhe contar um curioso incidente ocorrido pouco tempo antes.

Havia alguns dias, dois ou três ladrões, que tinham roubado ferro no meio da noite, amarraram sua embarcação atrás da escola. O guarda noturno que os descobriu tentou prendê-los sozinho. Todavia, ao fim de uma luta violenta, foi jogado ao mar sem mais rodeios. Mal conseguiu, feito um rato molhado, arrastar-se até a praia. Evidentemente, o barco dos ladrões já estava longe, perdido nas trevas do alto-mar.

— O guarda se chama Ôura. Veja que maus bocados ele passou!

Enfiando um pedaço de pão na boca, o oficial ria com dificuldade.

Yasukichi conhecia Ôura. Certo número de guardas se revezava nas guaritas situadas do lado da entrada principal. Cada professor que passasse, fosse civil ou militar, deveria fazer a saudação regulamentar. Já que Yasukichi não gostava de bater nem de receber a continência, havia se habituado a apressar os passos diante das guaritas, a fim de evitar aos guardas qualquer tentativa de saudá-lo. Mas o guarda Ôura era o único que não se deixava enganar facilmente. Sentado na primeira guarita, não desgrudava os olhos das adjacências da entrada, cobrindo assim o raio de uma boa dezena de

PASSAGENS DO CADERNO DE NOTAS DE YASUKICHI

168 | metros. E por isso, ao avistar a silhueta de Yasukichi, e antes mesmo que este chegasse diante da guarita, já estava ele na postura militar. Assim sendo, só restou a Yasukichi achar que aquele era seu *karma*. No fim, até acabou por se resignar. Não apenas se resignou mas, nos últimos dias, mal percebia Ôura, era ele mesmo quem saudava primeiro, tirando o chapéu bem alto, como um coelho espreitado por uma cobra cascavel. Era aquele o homem, a se crer na história, que havia sido jogado ao mar pelos ladrões. Embora tomado ligeiramente de piedade, Yasukichi não pôde deixar de rir.

Passados cinco ou seis dias, Yasukichi deparou com Ôura por acaso na sala de espera da estação. Ao vê-lo, Ôura, sem se importar com o lugar em que se encontravam, empinou o peito com rigor e, como sempre, saudou-o com uma austera continência militar. Yasukichi teve a nítida impressão de enxergar o portão de entrada da guarita atrás dele.

Depois de alguns minutos de silêncio, Yasukichi lhe dirigiu a palavra:

— No outro dia, você...

— É, sim, os ladrões me escaparam por entre os dedos!

— Deve ter passado um mau momento, não?

— Mas, por sorte, saí sem ferimentos.

Sorrindo com dificuldade, Ôura prosseguia com uma ponta de autoironia na voz:

— Para dizer a verdade, se eu tivesse querido prendê-los, bem que teria pego pelo menos um. Mas, se assim fizesse, não teria mais nada para contar.

— Como assim, mais nada para contar?

— É que eu não ganharia nada, nem uma recom-

AKUTAGAWA

pensa. Porque, dentro do regulamento dos guardas, nada se diz sobre esse tema. | 169

— Mesmo se for morto em serviço?

— Sim, mesmo nesse caso.

Yasukichi olhou rapidamente para Ôura. A crer em suas palavras, não era que ele tivesse arriscado a vida, como um herói. A verdade é que deixara fugir os ladrões que deveria prender por um interesse egoísta numa recompensa! No entanto... Tirando um cigarro, Yasukichi demonstrou aprovação, com o máximo de jovialidade que pôde exprimir:

— Sim, então não há nenhum sentido. Se for simplesmente uma questão de afrontar o perigo, não se ganha nada jamais.

Ôura murmurou um “Hmm” ou qualquer coisa do gênero. E, no entanto, tinha um ar curiosamente abatido.

— Se ao menos alguém se lembrasse de uma recompensa... — acrescentou Yasukichi com um tom um pouco melancólico. — Se ao menos se lembrassem de uma recompensa, será que todos se arriscariam para enfrentar o perigo? Também isso é matéria para dúvida, não é?... Se ao menos se lembrassem de uma recompensa? E como! Já foi dito que nós nos arriscamos para afrontar o perigo!

Ôura terminou por se fechar em seu silêncio. Mas, quando Yasukichi pôs um cigarro na boca, o guarda tirou um fósforo de sua própria caixa e o aproximou do professor. Levando seu cigarro à chama de um vermelho vivo ondulante, Yasukichi, para não se trair, reprimiu um sorriso que involuntariamente se havia formado no canto de seus lábios.

PASSAGENS DO CADERNO DE NOTAS DE YASUKICHI

170 | — Obrigado.
— De nada.

Juntamente com essas palavras casuais, Ôura recolheu a caixa de fósforos em seu bolso. Mas Yasukichi se convenceu de haver finalmente descoberto, naquela hora, o segredo do valoroso guarda. Aquele fósforo, não fora somente para Yasukichi que ele havia acendido: havia sido em verdade para os deuses que, em meio à escuridão, divisavam o caminho justo dos guerreiros.

Abril de 1923

A VIDA DE UM IDIOTA

| 171

A Masao Kume

Deixo-lhe toda a liberdade de publicar ou não este manuscrito, assim como o direito de escolher o momento e a maneira de fazê-lo. Você conhece, penso eu, a maior parte dos personagens que aparecem neste texto. Mas, no caso de sua publicação, desejaria que nenhum índice de nomes fosse acrescentado. Vivo, no momento, a mais infeliz das felicidades. Mas, por estranho que possa parecer, não me arrependo de nada. Lamento somente aqueles que tiveram o mau marido, o mau filho, o mau pai que eu fui. Sendo assim, adeus. Neste manuscrito, não creio que tenha, ao menos conscientemente, tentado defender minha posição pessoal.

Uma última coisa: confio este manuscrito a você, em particular, pois creio que certamente é quem melhor me conhece. Tente — se puder — rir-se de minha idiotice visível neste manuscrito (isso se você desnudar minha máscara de homem urbano).

20 de junho de 1927

Ryûnosuke Akutagawa

1 ÉPOCA

Era no primeiro andar de uma livraria. Ele, aos vinte anos, montado numa escada de estilo europeu apoi-

A VIDA DE UM IDIOTA

172 | ada contra a prateleira, procurava livros novos. Mau-
passant, Baudelaire, Strindberg, Ibsen, Shaw, Tolstói...
Enquanto isso, o fim do dia se aproximava. Mas ele
continuava a ler, avidamente, os títulos inscritos nas
lombadas dos livros. Mais do que livros, enfileirava-se
ali o próprio fim do século. Nietzsche, Verlaine, os ir-
mãos Goncourt, Dostoiévski, Hauptmann, Flaubert...
Lutando contra a penumbra, ia enumerando seus no-
mes. Mas os livros começaram, um após o outro, a se
fundir na sombra letárgica. Finalmente, abandonou
sua perseverança e começou a descer a escada de estilo
europeu. Nesse momento, uma lâmpada nua se acen-
deu, de repente, bem sobre sua cabeça. Detendo-se na
escada, ele observou de cima os vendedores e os clientes
que se moviam entre os livros. Estavam estranhamente
pequenos. E ainda mais: pareciam tão miseráveis...

“A vida humana não vale nem mesmo um verso de
Baudelaire.”

Do alto da escada, durante algum tempo, ele deixou
seu olhar percorrer aqueles seres...

2 A MÃE

Todos os loucos estavam igualmente vestidos de
cinza-escuro. A ampla sala, por causa disso, parecia
ainda mais deprimente. Sentado ao órgão, um dos lou-
cos tocava com fervor um hino cristão. Ao mesmo
tempo, bem no meio da sala, outro dançava ou, mais
exatamente, se agitava.

Ele observava o espetáculo em companhia de um
médico de aspecto saudável. Sua própria mãe, dez anos
atrás, não diferia em nada daqueles seres. Em nada... —

AKUTAGAWA

em seu mau cheiro, ele reconhecia perfeitamente o de sua mãe. | 173

— Bem, vamos!

Precedendo-o no corredor, o médico se dirigiu a uma outra sala. Lá, num canto, havia alguns cérebros mergulhados em enormes garrafas arredondadas, de vidro, cheias de álcool. Sobre um dos cérebros, ele percebeu uma substância esbranquiçada. Era bem parecido com uma clara de ovo escorrida. Enquanto conversava com o médico, de pé, pensou ainda uma vez em sua mãe.

— Mas, sabe? Este cérebro era de um engenheiro da firma de instalações elétricas. Ele pensava que era um grande dínamo, de cor preta, brilhante.

Evitando os olhos do médico, contemplava a vista além da janela. Mas lá nada havia além de um muro de tijolos coberto por cacos de vidro. Naquele muro, cresciam musgos ralos que deixavam áreas de um vago brilho esbranquiçado.

3 A CASA

Ele ocupava um quarto no primeiro andar de uma casa no subúrbio. Por causa da instabilidade do solo, era um pavimento estranhamente inclinado. Era lá que muitas vezes sua tia brigava com ele e, não raro, seus pais adotivos também intervinham. No entanto, a pessoa a quem mais amava era sua tia. Permanecera solteira a vida toda e era, já na época em que ele tinha vinte anos, uma senhora de quase sessenta. No primeiro andar dessa casa de subúrbio, várias vezes ele se perguntara se os que se amam deveriam necessariamente se ator-

A VIDA DE UM IDIOTA

174 | mentar uns aos outros. Sentindo, enquanto isso, na inclinação do primeiro andar, qualquer coisa de sinistro...

4 TÓQUIO

O rio Sumida estava carregado de nuvens pesadas. Ele contemplava as cerejeiras de Mukôjima pela janela de um pequeno barco a vapor. As cerejeiras em flor eram, a seus olhos, tão deprimentes quanto uma fileira de trapos. Mas naquelas árvores — naquelas cerejeiras de Mukôjima que lá estavam desde a era Edo —, ele reconhecia sua própria imagem.

5 O EGO

Sentado à mesa de um café em companhia de um de seus colegas mais velhos,¹ ele tirava sem parar baforadas de seu cigarro. Pouco abria a boca. No entanto, ouvia atentamente as palavras do colega.

— Hoje passei metade do dia andando de carro.

— Você tinha algum assunto a tratar?

O queixo apoiado na mão, o colega lhe respondeu com a maior espontaneidade:

— Não, foi apenas porque tive vontade.

Aquelas palavras o libertaram em direção a um mundo que ele desconhecia — o reino do Ego próximo dos deuses. Sentiu uma espécie de dor. Ao mesmo tempo, no entanto, sentiu também alegria. Aquele café era minúsculo. Contudo, sob o quadro do deus Pã, uma seringueira plantada num vaso vermelho deixava pendrer preguiçosamente suas folhas polpudas.

¹Refere-se a Jun'ichirô Tanizaki (1886–1965).

AKUTAGAWA

6 A DOENÇA

| 175

Exposto ao vento que soprava do mar sem parar, ele abriu um volumoso dicionário de inglês, seguindo as palavras com o dedo.

TALARIA: calçado com tiras, sandália.

TALE: história.

TALIPOT: palmeira oriunda das Índias Orientais. O tronco atinge uma altura de cinquenta a cem pés. Folhas utilizadas em guarda-chuva, leque, chapéu etc. Floresce uma vez a cada setenta anos (...)

Em sua imaginação aflorou claramente o desenho das flores dessa palmeira. Nesse momento, sentiu umacoceira na garganta até então não experimentada e, involuntariamente, expeliu um escarro sobre o dicionário. Um escarro?... Não, não era um escarro. Ele pensa na brevidade da vida e imagina uma vez mais as flores daquela palmeira. As flores da palmeira que, lá longe, do outro lado do mar, se elevavam às maiores alturas.

7 A PINTURA

Ele, de repente — aquilo aconteceu realmente de repente. Ele estava parado em frente a uma livraria, vendo um livro sobre a obra de Van Gogh, quando, de repente, compreendeu o que era a pintura. Naturalmente, aquele livro das obras de Van Gogh continha somente reproduções fotográficas. Mas, mesmo através delas, ele sentiu a natureza emergir com todo o esplendor. A paixão por aquelas pinturas lhe abriu um novo horizonte. Começou a prestar a mais firme atenção à sinuosidade dos galhos das árvores e às formas arredondadas das faces femininas.

A VIDA DE UM IDIOTA

176 | No entardecer de um dia chuvoso de outono, passava sob uma ponte de ferro de um subúrbio qualquer. Sob a ribanceira do outro lado da ponte, havia uma carroça parada. Enquanto passava por aquele lugar, atingiu-o de súbito a sensação de que alguém antes dele já percorrera aquele caminho. Alguém? Já não havia mais necessidade de se perguntar quem. Do interior de sua alma de vinte e três anos, um holandês com uma orelha cortada, um longo cachimbo entre os dentes, deramava sobre aquela paisagem deprimente um olhar penetrante...

8 AS FAÍSCAS

Ele ia, molhado pela chuva, pisando a estrada asfaltada. Era uma chuva bastante forte. Sentiu no ar impregnado de respingos o cheiro de seu casaco emborachado.

Nisso, diante de seus olhos, um cabo elétrico começou a soltar faíscas violetas. Uma estranha excitação o assaltou. Dentro do bolso do sobretudo se escondia o manuscrito que deveria publicar na revista de seu pequeno círculo literário. Prosseguindo a marcha sob a chuva, virou-se e ergueu os olhos mais uma vez para o cabo elétrico. O cabo elétrico continuava soltando faíscas fulminantes. Por mais que interrogasse a vida, nada encontrava que desejasse em particular. Mas apenas aquelas faíscas violetas — aquelas faíscas incontrolláveis que se fundiam no ar —, ele queria agarrá-las com as mãos, mesmo que tivesse de pagar com a vida.

AKUTAGAWA

9 OS CADÁVERES

| 177

Todos os cadáveres tinham uma etiqueta pendurada, amarrada no dedão do pé com um arame. Na etiqueta estavam registrados nome, idade e outros dados diversos. Inclinado para frente e manejando o bisturi com destreza, seu amigo começou a esfolar a pele do rosto de um dos cadáveres. Sob a pele se percebia uma bonita camada de gordura amarela.

Ele observava o cadáver com atenção. Sem dúvida, isso se fazia necessário para que terminasse um conto — um conto ambientado na era Heian.² Mas o mau cheiro do cadáver, semelhante ao do abricó podre, não lhe era nada agradável. Com as sobrancelhas arqueadas, seu amigo continuava tranquilamente a manejar o bisturi.

— Ultimamente, estamos com falta de cadáveres, sabe? — dizia o colega.

Nesse momento, veio-lhe uma pronta resposta: “Se me faltassem cadáveres, eu mataria alguém — sem a mínima má intenção, claro!”. Obviamente, no entanto, ele guardou a resposta somente para si.

10 O MESTRE

Lia um livro do mestre à sombra de um grande carvalho. Sob a luz do sol de outono, nenhuma folha sequer se movia. Em algum lugar, no espaço longínquo, uma balança, com um prato de vidro pendurado, mantinha um equilíbrio exato. Tal era a imagem que ele via enquanto lia o livro do mestre...³

²Akutagawa fez esta visita ao amigo médico para escrever o conto *Rashômon*, que dá título a esta coletânea.

³Trata-se de Sôseki Natsume.

A VIDA DE UM IDIOTA

178 | 11 O AMANHECER

O dia ia clareando pouco a pouco. Num certo momento, deu com os olhos num vasto mercado, numa esquina da cidade. As pessoas que se aglomeravam, no mercado, os carros, tudo começou a ser tingido por uma tonalidade rósea.

Acendeu um cigarro e calmamente foi se dirigindo para o mercado. Naquele momento, um cachorro preto e magro bruscamente se pôs a latir em sua direção. Mas ele não se assustou. Pelo contrário: sentia amor até mesmo pelo cão.

Bem no meio do mercado, um plátano estendia os galhos para todas as direções. Parando ao pé da árvore, ele ergueu os olhos, por entre os galhos, para o alto céu. Lá, bem sobre sua cabeça, brilhava uma estrela.

Isso aconteceu quando ele tinha vinte e cinco anos — três meses depois de conhecer o mestre.

12 O PORTO MILITAR

O interior do submarino estava mergulhado na penumbra. Agachado dentro de uma máquina coberta por todos os lados, ele espiava através de um periscópio. O que se refletia naquele periscópio era uma paisagem ensolarada de um porto militar.

— Lá longe se pode ver o navio Kongô, não é? — diz-lhe um oficial da Marinha.

Enquanto ele observava a imagem minúscula do navio de guerra sobre o espelho quadrado, sem saber por que se lembrou de repente da salsa — a salsa que mantém seu perfume delicado mesmo sobre um *beef-steak* de trinta tostões a fatia.

AKUTAGAWA

13 A MORTE DO MESTRE

| 179

Imerso no vento que havia sucedido à chuva, ele caminhava pela plataforma de uma estação de trem recém-inaugurada. O céu ainda estava escuro. Do outro lado da plataforma, enquanto levantavam suas enxadas em cadência, três ou quatro operários da estrada de ferro cantavam em voz alta uma melodia qualquer. O vento que viera depois da chuva dilacerava a canção dos operários e a alma dele. Esquecendo-se até de acender o cigarro, ele sentia um sofrimento próximo da alegria. No bolso de seu casaco, o telegrama: “Mestre estado crítico”...

Em sua direção, vindo das sombras da montanha coberta de pinheiros, o trem das seis horas da manhã para Tóquio começou a se aproximar sinuoso, coberto por uma ondulante linha de fumaça.

14 O CASAMENTO

No dia seguinte ao de seu casamento, ele repreendeu levemente a esposa:

— Será um problema se você já começar a gastar demais.

Mas, para dizer a verdade, fora sua tia quem lhe mandara fazer aquela advertência. Sua esposa pediu desculpas, a ele evidentemente, mas também à tia. Tendo, à sua frente, o vaso de narcisos amarelos que ela havia comprado...

15 ELES

Eles levavam uma vida pacífica, à sombra das largas folhas de bananeira — pois a casa onde moravam se

A VIDA DE UM IDIOTA

180 | localizava numa cidade à beira-mar, a uma boa hora de trem de Tóquio.

16 O TRAVESSEIRO

Ele lia um livro de Anatole France, tendo como travesseiro o ceticismo, que exalava um perfume de folhas de rosa. Mas não se dera conta de que um centauro se havia infiltrado, furtivamente, no travesseiro.

17 A BORBOLETA

Uma borboleta volteava no vento impregnado por um cheiro de ervas aquáticas. Durante apenas um ínfimo segundo, ele sentiu o roçar de suas asas sobre os lábios ressecados. Mas o pó das asas que assim fora espalhado sobre seus lábios continuou a brilhar, mesmo muitos anos depois.

18 A LUA

Ele a encontrou por acaso no meio da escadaria de um hotel. Mesmo assim, em pleno dia, seu rosto lhe pareceu banhado pela claridade da lua. Enquanto a seguia com o olhar (eles nunca haviam se encontrado antes), foi tomado por uma melancolia que nunca sentira até aquele momento...

19 AS ASAS ARTIFICIAIS

De Anatole France, ele foi passando aos filósofos do século XVIII. Mas não se aproximou de Rousseau. Talvez porque uma parte sua — seu lado impulsivo — se assemelhasse a Rousseau; pode ser que tenha sido por

AKUTAGAWA

causa disso. Aproximou-se, sim, do filósofo de *Cândido*, a quem se assemelhava por outro de seus lados — sua parte friamente racional. | 181

Já aos vinte e nove anos, para ele a vida não possuía mais encanto algum. Mas, pelo menos, Voltaire o provia de asas artificiais. Abrindo-as, subiu ao céu, leve e flutuante. Ao mesmo tempo, as alegrias e as tristezas da vida, banhadas pelo brilho da razão, foram se afundando sob seus olhos. Deixando cair sorrisos e antífrases sobre as cidades miseráveis, foi subindo direto para o sol, num percurso sem nenhum obstáculo. Como se nem se lembrasse daquele grego de outrora que, por ter exatamente as mesmas asas artificiais queimadas pelo sol, no fim despencou no mar e morreu...

20 AS ALGEMAS

Foi decidido que ele e sua mulher viveriam numa mesma casa com os pais adotivos dele. Isso porque ele começaria a trabalhar num jornal. Ele havia acreditado naquele contrato redigido sobre uma folha de papel amarelo. Mas, mais tarde, compreendeu que o contrato dizia que o jornal não assumia nenhuma obrigação, apenas ele as assumia.

21 A FILHA DE UMA LOUCA

Os dois riquixás iam correndo pela estrada deserta em meio aos campos, sob um céu nublado. Podia-se adivinhar, só pelo sopro da brisa marítima, que o caminho levava ao mar. Dentro do segundo riquixá, estranhando sua falta de interesse naquele encontro, ele se perguntava o que, então, o teria conduzido àquele local.

A VIDA DE UM IDIOTA

182 | Definitivamente, não era amor. Se não fosse amor... A fim de evitar artificialmente a resposta, não pôde deixar de considerar: “De qualquer forma, estamos em condições de igualdade”.

Quem se encontrava no riquixá da frente era a filha de uma louca. Além do mais, tinha uma irmã mais nova que se suicidara por causa de ciúmes. “Não, não há mais solução.”

Ele, em relação àquela filha de uma louca... Aquela mulher que vivia somente em função de seu instinto animal chegou a lhe provocar até certo ódio.

Os dois riquixás, nesse ínterim, passaram ao longo de um cemitério que cheirava a mar. Por trás da cerca de galhos cobertos de conchas de ostra, havia várias lápides enegrecidas. Ele contemplava o mar que cintilava docemente para além das lápides de pedra quando, subitamente, foi tomado de desprezo pelo marido da filha da louca — um marido que não conseguia cativar seu coração...

22 UM PINTOR

Era uma simples ilustração numa revista. Mas o galo pintado em *sumie* refletia uma personalidade extraordinária. Ele se informou sobre o artista junto a um amigo.

Cerca de uma semana mais tarde, o pintor o visitou. Aquele foi um dos acontecimentos mais marcantes de sua vida. Descobriu naquele pintor uma poesia ignorada por todos. Bem mais: descobriu sua própria alma, que até então ele mesmo desconhecia.

No entardecer de um dia frio de outono, o milho

AKUTAGAWA

da China o fez lembrar-se do pintor. Com a armadura das folhas agrestes, o alto pé de milho deixava entrever, sobre o montículo de terra, suas finas raízes semelhantes a fibras nervosas. Por outro lado, aquela imagem, tão vulnerável, em nada diferia de seu próprio autorretrato. Mas tal descoberta não fez mais que deprimi-lo.

— Já é tarde demais. Mas, em último caso...

23 ELA

Escurecia em frente a uma praça. Ele a atravessava, com o corpo um pouco febril. Vários prédios altos faziam refletir as luzes acesas de suas janelas num céu claro ligeiramente prateado.

Parou à beira da calçada, decidindo esperá-la ali. Uns cinco minutos mais tarde, ela já avançava em sua direção, com ar de fadiga. Mas, assim que o viu, pôs-se a sorrir, dizendo:

— Ah, como estou cansada!

Ombro contra ombro, os dois foram caminhando pela praça à meia-luz. Para eles, era a primeira vez. Para ficar com ela, ele se sentia capaz de abandonar tudo.

Depois, no carro, ela lhe disse, fixando-lhe o olhar:

— Você não se arrepende?

Ele respondeu com um tom firme:

— Não me arrependo de nada.

Ela apertou sua mão.

— Eu também não.

Naquele momento também, seu rosto parecia banhado pela claridade da lua.

A VIDA DE UM IDIOTA

184 | 24 O NASCIMENTO

De pé junto à porta corrediça, ele observava uma parteira de avental branco lavando o bebê. Cada vez que o sabão penetrava em seus olhos, o bebê fazia caretas enternecedoras. Com efeito, chorava a altos brados. Sentindo o cheiro do bebê, que parecia um ratinho, ele não conseguiu deixar de pensar no seu íntimo: “Para que será que ele veio ao mundo? A este mundo cheio de sofrimentos... Por que padecer o destino de ter um pai como eu?”

Era, no entanto, o primeiro filho que sua mulher punha no mundo.

25 STRINDBERG

Ele observava da soleira do quarto alguns chineses sujos que jogavam *mahjong* sob a luz do luar que iluminava as flores da romãzeira. Depois, voltando a seu quarto, começou a ler sob a lâmpada baixa a *Confissão de um imbecil*, de Strindberg. Mas nem havia lido duas páginas quando um sorriso amargo lhe aflorou aos lábios: também Strindberg, nas cartas destinadas à condessa sua amante, escrevia mentiras semelhantes às dele...

26 AS ERAS REMOTAS

Os budas, as divindades, os cavalos e as flores de lótus de cores esmaecidas quase o oprimiam. Os olhos voltados para o alto, ele se esquecia de tudo. Até de sua própria sorte por haver se libertado da filha da louca...

AKUTAGAWA

27 A DISCIPLINA ESPARTANA

| 185

Caminhava com um amigo por umas ruelas. Do outro lado, um riquixá, coberto com uma capota, vinha aproximando-se. Para sua surpresa, percebeu lá dentro a mulher da noite anterior. Mesmo em pleno dia, seu rosto parecia banhado pela claridade da lua. Naturalmente, na frente de seu amigo eles não se cumprimentaram.

— Que bela mulher! — exclamou o amigo.

Ao que ele respondeu sem hesitar, os olhos fixos à frente, sobre a montanha tingida de primavera:

— Sim, de fato, é bela.

28 O ASSASSINO

A estrada do campo fazia pairar um odor de estrume de vaca no ar ensolarado. Enquanto enxugava o suor, ele ia escalando o caminho ligeiramente escarpado das margens da estrada. O trigo maduro exalava um perfume embriagador.

— Mate-o, mate-o!... — Seus lábios repetiam essas palavras inconscientemente. Matar quem? Para ele, isso estava muito claro. Pensava naquele homem de cabelos curtos, que era realmente vil.

Nesse ínterim, para além dos trigos dourados, tornava-se visível a cúpula redonda de uma igreja católica romana...

29 A FORMA

Era um frasco de ferro para saquê. Aquele frasco cinzelado de finas nervuras lhe havia, sem que percebesse, ensinado a beleza da “forma”.

A VIDA DE UM IDIOTA

186 | 30 A CHUVA

Sobre o grande leito, eles conversavam sobre vários assuntos. Chovia para além das janelas do quarto. Parecia que as flores de crino iam acabar apodrecendo dentro daquela chuva. O rosto dela parecia, como sempre, banhado pela claridade da lua. Mas ele não podia dizer que conversar com ela não o entediase. Deitado de bruços, acendeu calmamente um cigarro e lembrou-se de que já fazia sete anos que vivia com ela. Ele se perguntou:

— Será que amo esta mulher?

Mesmo para ele, tão habituado a se autoanalisar, a resposta foi inesperada:

— Sim, eu ainda a amo.

31 O GRANDE TERREMOTO[†]

Aquilo se parecia, de alguma forma, com o odor que se desprendia de abricós demasiado maduros. Enquanto caminhava pelos escombros dos incêndios, sentiu vagamente aquele cheiro e achou que o odor dos cadáveres putrefeitos pelo calor tórrido não era, afinal de contas, assim tão desagradável. Mas, parando e olhando o lago pesado de tantos cadáveres, descobriu pelos sentidos que a palavra “execrável” não era absolutamente nenhum exagero. Foi, sobretudo, o cadáver de uma criança de doze, treze anos que mais o comoveu. Contemplando aquele cadáver, sentiu como que certa inveja.

[†]Trata-se do Grande Terremoto de Kantô, ocorrido em 1º de setembro de 1923, testemunhado também por Kawabata. A casa de Akutagawa não sofreu nada.

AKUTAGAWA

Uma frase lhe vem à memória: “Aqueles que os deuses amam morrem jovens”. Sua irmã mais velha e seu meio-irmão tiveram as casas queimadas. No entanto, o marido de sua irmã, condenado por crime de perjúrio, se encontrava em suspensão condicional da pena. . .

— Que morram todos, que importa?

Parado em meio aos escombros, era-lhe impossível, no íntimo, pensar de outra forma.

32 A BRIGA

Ele teve uma boa briga física com seu meio-irmão. A verdade é que, por causa dele, o irmão mais novo se tornara muito vulnerável a pressões. Ao mesmo tempo, no entanto, ele também havia perdido a liberdade por causa do irmão. Toda a família continuamente dizia a seu jovem irmão:

— Siga o exemplo de seu irmão mais velho.

Mas, para ele, aquilo era exatamente o mesmo que lhe amarrarem os pés e as mãos. Os dois corpos engalfinhados, eles terminaram rolando até a varanda. No jardim da varanda — ele ainda se lembrava — havia um pé de murta, que, sob um céu pesado de chuva, erguia miríades de flores num brilho avermelhado.

33 O HERÓI

Um dia, por uma das janelas da casa de Voltaire, ele contemplava as montanhas altas. Sobre os picos cobertos de gelo não se via sequer a sombra de uma águia. Mas via-se um russo de baixa estatura que escalava obstinadamente as trilhas da montanha. Depois que a noite envolveu também a casa de Voltaire, ele escrevia sob a

A VIDA DE UM IDIOTA

188 | claridade da lâmpada o seguinte poema “político” — enquanto pensava na silhueta daquele russo⁴ que escalava as trilhas da montanha...

Tu, que mais que ninguém observou os dez
[mandamentos,
És tu, que mais que ninguém violou os dez
[mandamentos.
Tu, que mais que ninguém amou o povo,
És tu, que mais que ninguém desprezou o povo.
Tu, que mais que ninguém ardeu no fogo do ideal,
És tu, que melhor que ninguém conhece a
[realidade.
Tu és este trem elétrico de perfume campestre
Que nosso Oriente engendrou.

34 AS CORES

Aos trinta anos, ele notou seu amor por certo terreno baldio. Ali, no chão coberto apenas de musgos, tudo o que havia eram alguns pedaços de tijolos e telhas. Mas, aos seus olhos, a cena era uma verdadeira paisagem de Cézanne. Ele se lembrou, de súbito, da paixão que o animava sete ou oito anos antes. Mas descobriu, ao mesmo tempo, que ele, sete ou oito anos atrás, não sabia o que era a cor.

35 O POLICHINELO

Queria viver intensamente, de maneira a não se arrepender de nada, qualquer que fosse a hora de sua

⁴Poema composto a Lênin, em decassílabos, forma inexistente no Japão clássico.

AKUTAGAWA

morte. Mas, como sempre, continuava a levar uma vida bem modesta, em consideração a seus pais adotivos e à sua tia. Isso construiu em sua vida uma cisão em duas partes: uma de sombra, outra de luz. Ele havia visto um dia um polichinelo, numa loja de roupas ocidentais, e se perguntara até que ponto ele próprio não seria um boneco. Mas seu inconsciente — ou, em outros termos, seu segundo eu — já havia expressado muito antes esse espírito em um de seus contos. | 189

36 A LASSIDÃO

Ele caminhava, em companhia de alguns estudantes universitários, pelos campos de eulálias.

— Todos vocês ainda devem ter muita sede de vida, não é?

— Oh, é claro... Mas o senhor também...

— Justamente, eu não! A sede de escrever, essa sim, eu ainda tenho.

Era a mais pura verdade. Há algum tempo, ele havia perdido realmente todo o interesse pela vida.

— Mas a sede de escrever não é também a sede de viver?

Ele não respondeu nada. O campo de eulálias deixava entrever nitidamente um vulcão ativo por sobre as espigas vermelhas. Ele sentiu quase que inveja daquele vulcão. No entanto, nem mesmo ele sabia por quê...

A VIDA DE UM IDIOTA

190 | 37 A MULHER DO NORTE[†]

Ele se confrontou com uma mulher que poderia, pela inteligência, se medir a ele. Mas compondo poemas líricos — como “A mulher do Norte” — escapou por pouco àquele perigo. E isso lhe provocou uma sensação dolorosa, como se derrubassem a camada de neve brilhante congelada no tronco de uma árvore.

Levado pelo vento o chapéu de palha
Sobre o caminho um dia tombará
Por que cuidar de meu nome?
Somente o teu importa!

38 A VINGANÇA

A cena se passou num balcão de um hotel, em meio às árvores cobertas de renovos. Lá, ele fazia uns desenhos para distrair um garoto — o filho único da filha de uma louca, com a qual ele rompera relações sete anos atrás.

A filha da louca, acendendo um cigarro, observava os dois se entretendo. O coração pesado e torturado, ele continuou a desenhar trens e aviões. O garoto, felizmente, não era seu filho. No entanto, ser chamado de “titio” lhe era intolerável.

Depois que o garoto saiu, a filha da louca, continuando a fumar, dirige-lhe a palavra, em tom sedutor:

— Você não acha o menino parecido com você?
— Nem um pouco! Em primeiro lugar...

[†] Em geral, refere-se a “mulher como norte” como sendo originária de Etchû, Echizen ou Echigo, mas no caso, supõe-se ser ela de Karuizawa, rica estância ao norte de Tóquio.

AKUTAGAWA

— A “puericultura pré-natal”, isso bem que existe, não acha? | 191

Ele desviou os olhos sem nada responder. Mas, no íntimo, sentiu uma vontade cruel de estrangular uma mulher como aquela...

39 O ESPELHO

Conversava com um amigo, no canto de um café. Comendo maçãs assadas, o amigo falava sobre o frio que estava fazendo havia já algum tempo. Ele percebeu de súbito como que uma contradição no meio de toda aquela tagarelice.

— Você ainda está solteiro, não é?

— Não realmente. Eu me caso já no próximo mês.

Ele acabou por se calar involuntariamente. O espelho pendurado na parede do café multiplicava o reflexo de sua imagem. Friamente, como uma ameaça...

40 O DIÁLOGO

— Por que você ataca o sistema social atual?

— Porque estou vendo os males engendrados pelo capitalismo.

— Os males? Eu pensava que você não discernisse o Bem do Mal. Bem, e a vida?

Ele dialogava assim com um anjo. Com um anjo, veja só, de cartola e que não tinha do que se envergonhar diante de ninguém...

41 A DOENÇA

Ele começou a sofrer de insônia. E, além disso, sua resistência física também começou a se debilitar. Cada

A VIDA DE UM IDIOTA

192 | um dos médicos diagnosticou duas ou três doenças: hipercloridria, atonia gástrica, pleurisia seca, neurastenia, conjuntivite crônica, fadiga cerebral...

No entanto, ele próprio sabia muito bem quais eram as raízes de seu mal: tudo vinha da vergonha que sentia de si mesmo e do medo dos outros; os outros... — daquela sociedade que ele desprezava!

Numa tarde coberta de pesada neve, um cigarro aceso à boca, no canto de um café, ele escutava atentamente a música que emanava de um gramofone, do outro lado da sala. Era uma música que penetrava estranhamente seu estado de espírito. Esperou a música terminar e, caminhando até o gramofone, verificou a etiqueta colada sobre o disco: *Magic flute* — Mozart.

Ele compreendeu num átimo. Mozart — que havia violado os dez mandamentos — certamente havia sofrido muito. Mas será que tanto quanto ele... A cabeça abaixada, retornou em silêncio à sua mesa.

42 O RISO DOS DEUSES

Com trinta e cinco anos de idade, ele ia caminhando pela floresta de pinheiros banhada pelo sol de primavera. Recordava as palavras que escrevera dois ou três anos antes: “Para sua infelicidade, os deuses não podem, como nós, se suicidar...”.

43 A NOITE

A noite se aproximava uma vez mais. O mar em fúria lançava ao alto, incessante, seus respingos dentro da penumbra. Ele celebrava, sob aquele céu, um segundo casamento com sua mulher. Para ele, era uma alegria.

AKUTAGAWA

Mas era também um sofrimento. Seus três filhos contemplavam com eles os relâmpagos que abriam sulcos no alto-mar. Com uma criança no colo, sua mulher parecia estar contendo as lágrimas. | 193

— Bem lá embaixo, não seria um navio?

— Sim.

— Um navio com um mastro partido ao meio.

44 A MORTE

Aproveitando-se de estar sozinho no quarto, ele tentou se enforcar, pendurando uma faixa de quimono na grade da janela. Contudo, depois de passar o pescoço por dentro do laço, ele de repente se pôs a temer a morte. Mas não porque temesse o sofrimento do instante em que ela ocorreria. Na segunda tentativa, pegou seu relógio do bolso e decidiu medir, a título experimental, o tempo que levaria até morrer. Então, depois de um breve instante de sofrimento, tudo começou a se apagar. Uma vez superado aquele ponto, certamente acabaria deslizando para a morte. Consultou os ponteiros do relógio e descobriu que começara a sentir a dor após um minuto e uns vinte segundos. Por trás da grade da janela estava totalmente escuro. No entanto, naquela escuridão ouvia-se também o canto selvagem dos galos.

45 DIVAN

O *Divan* voltou a insuflar forças novas em sua alma. Tratava-se do “Goethe oriental”, que ele ainda não conhecia. Vendo Goethe serenamente em pé no Nirvana que não discrimina nem Bem nem Mal, sentiu uma

A VIDA DE UM IDIOTA

194 | inveja próxima ao desespero. A seus olhos, o poeta Goethe era muito mais grandioso que o poeta Jesus Cristo. No coração daquele poeta não resplandeciam somente as rosas da Acrópole e do Gólgota, mas também as da Arábia. Se tivesse contado com forças para seguir os passos daquele poeta... Terminou de ler o *Divan* e, uma vez apaziguado o excesso de emoção, não conseguiu evitar um profundo desprezo por si próprio, que fora um eunuco na vida cotidiana.

46 AS MENTIRAS

O suicídio do marido da irmã o aniquilou por completo. Por causa disso, ele teve de cuidar da família dela. Seu futuro era — pelo menos a seus olhos — tão sombrio quanto um dia ao crepúsculo. Sua falência espiritual não lhe inspirava mais que um frio sorriso de escárnio (conhecia, sem exceção, todos os seus vícios e todos os seus pontos fracos), e ele continuou invariavelmente a ler todos os tipos de livros. Mas mesmo *As Confissões* de Rousseau estavam cheias de mentiras heroicas. Sem falar de *Vida Nova*!...⁵ Ele jamais havia visto um hipócrita mais velhaco do que o herói daquela obra. Mas pelo menos François Villon abria brechas de poesia em seu coração. Ele havia, em alguns de seus poemas, descoberto um “belo macho”. A figura de Villon esperando ser enforcado lhe aparecia até em sonhos. Várias vezes ele tentou, como Villon, descer ao mais

⁵Romance longo em forma autobiográfica de Tôson Shimazaki, publicado de forma seriada no jornal *Asahi Shinbun* entre 1918 e 1919 e cujo protagonista sofre grave dilema ao impor relação amorosa indevida.

AKUTAGAWA

baixo da vida humana. Mas nem suas condições de vida nem sua energia física lhe concederam tal liberdade. Foi se debilitando mais e mais. Exatamente como a árvore que Swift vira outrora — uma árvore que começava a ressecar pelo alto... | 195

47 O JOGO DE FOGO

Ela estava com o rosto radiante. Era exatamente como se o brilho do sol da manhã cintilasse sobre uma fina camada de gelo. Ele lhe tinha muita afeição. Entretanto, não sentia amor. Além disso, jamais tocara sequer com o dedo o corpo daquela mulher.

— Então, quer dizer que você quer morrer?

— Sim. Não... Enfim, não é que eu queira morrer; é que estou enjoado de viver.

Depois daquele diálogo, eles fizeram o pacto de morrer juntos.

— Um suicídio platônico, não é?

— Duplo suicídio platônico!

Ele não pôde deixar de estranhar sua calma.

48 A MORTE

Ele não morreu com ela. Mas sentia alguma satisfação indefinida por não haver jamais tocado seu corpo. Ela conversava às vezes com ele, como se nada houvesse acontecido. Além do mais, ela lhe entregou um frasco com cianureto que possuía, dizendo-lhe:

— Tendo isso, nós dois nos sentiremos mais seguros.

Aquele gesto com certeza deve ter fortalecido sua

A VIDA DE UM IDIOTA

196 | alma. Sozinho, sentado numa cadeira de junco, contemplando as folhas novas das castanheiras, por vezes não conseguia deixar de pensar na paz que a morte lhe proporcionaria.

49 O CISNE EMPALHADO

Juntando as últimas forças que lhe restavam, tentou escrever sua autobiografia. Mas não foi tão simples como havia imaginado: era ainda orgulhoso demais, cético demais e muito interesseiro. Não conseguia deixar de desprezar a si próprio. No entanto, por outro lado, não conseguia deixar também de pensar que “todos são iguais, uma vez desmascarados”. *Poesia e Verdade*: tal título, em sua opinião, deveria ser o de qualquer autobiografia.⁶ E, ainda mais, ele compreendia claramente que uma obra artística seguramente não mudaria ninguém. Aqueles que suas obras atingissem só poderiam ser pessoas que se assemelhassem a ele e tivessem vivido uma vida semelhante à sua. Tal estado de espírito também o influenciou. Por isso, decidiu escrever de modo breve e simples a sua “Poesia e verdade”.

Quando terminou de escrever *A vida de um idiota*, descobriu por acaso, numa loja de antiguidades, um cisne empalhado. O pássaro estava de pé, a cabeça levantada, mas tinha suas asas amareladas comidas por insetos. Pensando em toda a sua vida, ele sentiu aflorarem lágrimas, a que se misturava um riso de escárnio. A loucura ou o suicídio, era só o que via à sua frente. Enquanto caminhava solitário pelas ruas onde tombava

⁶É o título da autobiografia de Goethe.

AKUTAGAWA

a noite, resolveu esperar pelo destino que, lenta mas decididamente, viria destruí-lo. | 197

50 O PRISIONEIRO

Um de seus amigos sucumbiu à loucura. Sempre tinha sentido certa simpatia por ele. Isso porque compreendia profundamente sua solidão — toda a solidão que aquele amigo ocultava sob uma máscara jovial. Depois de ter enlouquecido, visitou-o duas ou três vezes.

— Você e eu estamos ambos possuídos por um demônio, o famoso demônio do Fim do Século — dizia-lhe o amigo, abaixando a voz.

Mas, dois ou três dias mais tarde, a caminho de uma estação termal, disseram que ele já estava comendo até rosas.

Depois da hospitalização do amigo, recordou-se do busto do autor do *Inspetor geral*, de que seu amigo gostava. Lembrando que Gogol também morrera louco, não pôde deixar de sentir uma força desconhecida que os subjugava, a todos.

Já se sentia às raias do esgotamento quando, de repente, ouviu de novo o riso dos deuses, ao ler as últimas palavras escritas por Radiguet. Era a seguinte frase: “Os soldados de Deus virão me prender!”. Tentou lutar contra sua superstição e seu sentimentalismo. No entanto, estava fisicamente impossibilitado de lutar contra o que fosse. Não tinha dúvidas de que, realmente, o “demônio do Fim do Século” o estava torturando. Sentiu inveja dos homens da Idade Média, que faziam de Deus a sua força. Entretanto, crer em Deus... — a crença no amor

A VIDA DE UM IDIOTA

198 | de Deus lhe era definitivamente impossível. Daquele Deus em quem até mesmo Cocteau acreditava!

51 A DERROTA

Até a mão que sustinha a caneta começou a tremer. Até mesmo a saliva começou a lhe escorrer pela boca. Sua mente esteve lúcida apenas por um curto tempo, quando acordou após a ingestão do Veronal 0,8. Os momentos de lucidez duraram meia hora ou, no máximo, uma hora. Imerso na penumbra, vivia uma vida inerte. De certo modo, usando como muleta uma espada fina cuja lâmina havia perdido o fio...

Junho de 1927⁷

⁷Como se vê, esta não é uma obra de ficção. Akutagawa se matou com uma dose excessiva de Veronal, um mês depois, em 24 de julho de 1927. Refere-se neste texto à sua mulher, Fumiko Tsukamoto, que desposou em 1918, quando ela tinha 18, e ele, 26 anos; a seus três filhos, dos quais o primeiro, Hiroshi, nasceu em 1920; a seu meio-irmão; a seu amigo que enlouquecera, o escritor Kôji Uno, que sofreu uma grande depressão entre 1927 e 1933, embora somente viesse a morrer em 1961 (Nota de Renato Janine, da 1ª edição). Os tradutores acham importante esta nota anterior, pois todos os textos referentes à época contemporânea de Akutagawa, os referidos “Yasukichimono” devem ser compreendidos pelo viés de seu forte caráter autobiográfico, em oposição às narrativas dos outros grupos, mais reconhecíveis como “obra de ficção”. A ambiguidade entre “vida” e “obra” encontra-se latente.



COLEÇÃO HEDRA

1. *Iracema*, Alencar
2. *Don Juan*, Molière
3. *Contos indianos*, Mallarmé
4. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
5. *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Pessoa
6. *Triunfos*, Petrarca
7. *A cidade e as serras*, Eça
8. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
9. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
10. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
11. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
12. *Mensagem*, Pessoa
13. *Metamorfoses*, Ovídio
14. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
15. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
16. *Carta sobre a tolerância*, Locke
17. *Discursos ímpios*, Sade
18. *O príncipe*, Maquiavel
19. *Dao De Jing*, Lao Zi
20. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
21. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
22. *Fé e saber*, Hegel
23. *Joana d'Arc*, Michelet
24. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
25. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
26. *Eu acuso!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
27. *Apologia de Galileu*, Campanella
28. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
29. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
30. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
31. *Poemas*, Byron
32. *Sonetos*, Shakespeare
33. *A vida é sonho*, Calderón
34. *Escritos revolucionários*, Malatesta
35. *Sagas*, Strindberg
36. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
37. *O Ateneu*, Raul Pompeia
38. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
39. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
40. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
41. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
42. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
43. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
44. *O gato preto e outros contos*, Poe
45. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
46. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
47. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
48. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence

49. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
50. *História da anarquia* (vol. 1), Max Nettlau
51. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
52. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
53. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
54. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
55. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
56. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
57. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
58. *No coração das trevas*, Conrad
59. *Viagem sentimental*, Sterne
60. *Arcana Cælestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
61. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
62. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
63. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
64. *Cultura estética e liberdade*, Schiller
65. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
66. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
67. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
68. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
69. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
70. *O chamado de Cthulhu e outros contos*, H.P. Lovecraft
71. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
72. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
73. *Entre camponeses*, Malatesta
74. *O Rabi de Bacherach*, Heine
75. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
76. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
77. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
78. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
79. *A metamorfose*, Kafka
80. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
81. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
82. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
83. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
84. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
85. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
86. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
87. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
88. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
89. *Gente de Hemsö*, Strindberg
90. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
91. *Correspondência*, Goethe | Schiller
92. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
93. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
94. *Poemas da cabana montanhesa*, Saigyó
95. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
96. *A volta do parafuso*, Henry James
97. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
98. *Teatro de êxtase*, Pessoa

99. *Carmilla* — *A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
100. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
101. *Inferno*, Strindberg
102. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
103. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
104. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
105. *A carteira de meu tio*, Macedo
106. *O desertor*, Silva Alvarenga
107. *Jerusalém*, Blake
108. *As bacantes*, Eurípides
109. *Emília Galotti*, Lessing
110. *Contos húngaros*, Kosztolányi, Karinthy, Csáth e Krúdy
111. *A sombra de Innsmouth*, H.P. Lovecraft
112. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
113. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
114. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
115. *A fábrica de robôs*, Karel Tchápek
116. *Sobre a filosofia e seu método* — *Parerga e paralipomena* (v. II, t. I), Schopenhauer
117. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
118. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
119. *Sobre a liberdade*, Mill
120. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
121. *Pequeno-burgueses*, Górkí
122. *Um sussurro nas trevas*, H.P. Lovecraft
123. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
124. *Educação e sociologia*, Durkheim
125. *Elixir do pajé* — *poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
126. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamantis
127. *Lisistrata*, Aristófanes
128. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
129. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
130. *A última folha e outros contos*, O. Henry
131. *Romanceiro cigano*, Lorca
132. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
133. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
134. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
135. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal
136. *A cor que caiu do espaço*, H.P. Lovecraft
137. *Odisseia*, Homero
138. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
139. *História da anarquia* (vol. 2), Max Nettlau
140. *Eu, Augusto dos Anjos*
141. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
142. *Sobre a ética* — *Parerga e paralipomena* (v. II, t. II), Schopenhauer
143. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
144. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
145. *A arte da guerra*, Maquiavel

146. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
147. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
148. *Oliver Twist*, Dickens
149. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
150. *Diários de Adão e Eva e outros escritos satíricos*, Mark Twain
151. *Cadernos: Esperança do mundo*, Albert Camus
152. *Cadernos: A desmedida na medida*, Albert Camus
153. *Cadernos: A guerra começou...*, Albert Camus
154. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
155. *O destino do erudito*, Fichte

Edição _ Bruno Costa

Co-edição _ Alexandre B. de Souza

Capa e projeto gráfico _ Júlio Dui e Renan Costa Lima

Imagem de capa _ Detalhe de *Vida pública, vida privada* (1994), M.H. Cordaro

Foto de capa _ Marcelo Barbosa

Programação em LaTeX _ Marcelo Freitas

Consultoria em LaTeX _ Roberto Maluhy Jr.

Revisão _ Hedra

Assistência editorial _ Bruno Oliveira

Colofão _ Adverte-se aos curiosos que se
imprimiu esta obra na Digital
Page em 20 de junho de 2014,
em papel off-set 90 g/m²,
composta em tipologia
Minion Pro, em GNU/Linux
(Gentoo, Sabayon e Ubuntu),
com os softwares livres L^AT_EX,
D_ET_EX, vim, Evince, Pdftk,
Aspell, SVN e TRAC.